



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Mariana Bunn Souza

**ATRIBUTOS DA PAISAGEM INCENTIVADORES E DESENCORAJADORES DA
CAMINHADA EM PESSOAS COM 60 ANOS OU MAIS**

Florianópolis
2022

MARIANA BUNN SOUZA

**ATRIBUTOS DA PAISAGEM INCENTIVADORES E DESENCORAJADORES DA
CAMINHADA EM PESSOAS COM 60 ANOS OU MAIS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Área de Concentração: Projeto e Tecnologia do Ambiente Construído. Linha de Pesquisa: Comportamento Ambiental do Espaço Urbano e das Edificações.
Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Vanessa Casarin.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

SOUZA, Mariana Bunn
ATRIBUTOS DA PAISAGEM INCENTIVADORES E DESENCORAJADORES DA
CAMINHADA EM PESSOAS COM 60 ANOS OU MAIS / Mariana Bunn Souza;
orientadora, Vanessa Casarin, 2022.
138 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Arquitetura e Urbanismo. I. Casarin, Vanessa. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

Mariana Bunn Souza

**ATRIBUTOS DA PAISAGEM INCENTIVADORES E DESENCORAJADORES DA
CAMINHADA EM PESSOAS COM 60 ANOS OU MAIS**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Lizandra Garcia Lupi Vergara, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina
Avaliadora Interna

Prof.^a Vanessa Goulart Dorneles, Dra.
Instituição Universidade Federal de Santa Maria
Avaliadora Externa

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.^a Vanessa Casarin, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2022.

Ao Lucas, minha inspiração para o mundo acadêmico.

À Isadora, estrelinha desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

À finalização desta etapa, é necessário que eu agradeça formalmente a algumas pessoas que me auxiliaram neste processo de aprendizagem.

Primeiramente agradeço à minha orientadora, Vanessa Casarin, pela disponibilidade e estímulo para a pesquisa e escrita com qualidade metodológica.

Aos meus amados, André e Lucas, pela compreensão e paciência nas horas ausentes em alguns momentos em família. À Isadora, estrelinha desta caminhada.

Aos meus pais e irmã, pelo apoio constante ao estudo e a capacitação, sempre dispostos a ajudar no que fosse preciso. Agradeço também aos meus sogros, pelo amparo familiar e durante o período letivo.

Aos meus avós pelo eterno carinho. Esperava poder entrevistar minha avó, Bernadete, porém Deus a levou antes que isso fosse possível.

A todos os idosos que se dispuseram voluntariamente a participar dessa pesquisa como entrevistados.

Aos colegas que o mestrado me proporcionou, mesmo no período da pandemia, alguns sem nem nos conhecermos, muitos estenderam a mão para as dúvidas e questionamentos.

À Prefeitura Municipal de Biguaçu e meus colegas de trabalho pela compreensão e incentivo à capacitação desta servidora.

À UFSC e ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo pelo ensino público e de qualidade.

Agradeço, enfim, a mim mesma pela resiliência e determinação para a concretização desse desafio que foi entrar no mundo acadêmico e desenvolver parte deste trabalho em meio à uma pandemia. Eu consegui!

Todo meu agradecimento a todos que direta, ou indiretamente, contribuíram e me deram forças para a realização e finalização desta dissertação.

RESUMO

Considerando o envelhecimento populacional, o caminhar como parte da mobilidade urbana, e os benefícios à saúde promovidos pelo ato de caminhar, o objetivo central desta pesquisa foi investigar os atributos da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais. Esta pesquisa se caracteriza como exploratória e de abordagem qualitativa. Os procedimentos metodológicos para a coleta de dados desta pesquisa foram aplicados em duas etapas, uma desenvolvida em gabinete, que consiste em uma revisão sistemática da literatura, e outra em campo, na qual foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com questões abertas a 15 idosos residentes na área metropolitana da Grande Florianópolis, a fim de compreender, em profundidade, sua percepção e comportamento acerca do tema investigado. Os resultados da revisão sistemática de literatura foram categorizados e apontaram que o uso misto do solo, a presença de vegetação, a boa qualidade das calçadas e a presença de espaços recreativos são os principais atributos encorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais, o que foi corroborado pelas entrevistas realizadas na segunda etapa da pesquisa. Em relação aos aspectos desencorajadores, o tráfego intenso de veículos, a baixa qualidade das calçadas e a existência de barreiras físicas à mobilidade foram os principais elementos encontrados na literatura. A baixa qualidade das calçadas foi o principal aspecto corroborado pelas entrevistas. Os resultados da segunda etapa desta pesquisa, realizada através das entrevistas, demonstraram ainda que as paisagens naturais, com destaque para as que contenham vegetação e de corpos hídricos, são incentivadores da caminhada entre os idosos. Também aquelas com convívio urbano e boa qualidade das calçadas e são incentivadoras da caminhada neste grupo. Já as paisagens que contenham calçadas em mau estado de conservação, com falta de limpeza e manutenção urbana, desencorajam a caminhada de idosos. Também citadas como paisagens desagradáveis ao andar do idoso, porém com menor frequência, estão as com trânsito intenso de veículos, falta de vegetação, entre outros. Concluiu-se que a caminhada para pessoas com mais de 60 anos deve ser pauta das políticas públicas, uma vez que a interação do indivíduo com o meio físico, social e político é de extrema importância para o envelhecimento ativo da população.

Palavras-chave: Caminhada. Ambientes urbanos. Idosos.

ABSTRACT

Considering population aging, walking as part of urban mobility, and the benefits promoted to health by walking, the main aim of this research was to investigate the attributes of the landscape that encourage and that discourage walking in people aged 60 years or older. This research is characterized by exploratory and qualitative approach. The methodological procedures for collecting data in this research were applied in two stages, one developed in office, which consisted of a systematic review of the literature, and another in the field, in which in deep interviews with open-ended questions were applied to 15 elderly residents in the metropolitan area of Florianópolis, in order to understand their perception and behavior regarding the investigated topic. The results of the systematic literature review were categorized and pointed out that the mixed land use, the presence of vegetation, good sidewalks, and the presence of recreational spaces are the main encouraging attributes of walking in people aged 60 years or older, which was corroborated by interviews applied in the second stage of the research. In relation to discourage aspects, the intense traffic of vehicles, the low quality of the sidewalks and the existence of physical barriers to urban mobility were the main aspects found in literature. The low quality of the sidewalks was the main aspect corroborated by interviews. The results from the second stage of this research carried out through the interviews still showed that natural landscapes, especially those with the presence of vegetation and water, encourage walking among the elderly. Also, those landscapes with co-presence and good quality of sidewalks are encouraging for the walking in this group. On the other hand, landscapes that contain sidewalks in poor condition, with a lack of cleanliness and urban maintenance, discourage the elderly from walking. Also cited as discouraging landscapes for the elderly walking, but less frequently, are those with heavy traffic, lack of vegetation, among others. It is concluded that walking for people over 60 years of age should be the agenda of public policies, since the individual's interaction with the physical, social and political environment is extremely important for the active aging of the population.

Key words: Walking. Urban environments. Elderly people.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distribuição percentual da população mundial com 60 anos ou mais, por região, em 2006 e 2050.....	16
Figura 2 – Fatores determinantes do Envelhecimento Ativo.	17
Figura 3 – Os três pilares do Envelhecimento Ativo.	25
Figura 4 – Áreas a considerar numa cidade amiga do idoso.	27
Figura 5 – Atividades físicas praticadas. [estimulada e única, em %]	34
Figura 6 – Prevalência dos critérios de fragilidade em idosos. Florianópolis, 2017-2019.....	35
Figura 7 – Categorias de problemas encontrados nas calçadas.	39
Figura 8 – Categorias do índice de caminhabilidade Icam.....	41
Figura 9 – Figura mostrando a representação do método de busca sistemática SSF.	63
Figura 10 – A densidade demográfica habitacional da área conurbada da Grande Florianópolis.	70
Figura 11 – A renda média por pessoa com mais de 10 anos de idade na área conurbada da Grande Florianópolis.	70
Figura 12 – A delimitação da Grande Florianópolis e a população por município (IBGE 2010).	71
Figura 13 – Eixos de desenvolvimento da Grande Florianópolis.....	71
Figura 14 – Integração global para a área conurbada da Grande Florianópolis.	72
Figura 15 – Deslocamentos a pé.....	74
Figura 16 – Gráfico mostrando a idade dos entrevistados.....	75
Figura 17 – Gráfico mostrando o uso dos óculos.	76
Figura 18 – Gráfico mostrando o objetivo da caminhada.	77
Figura 19 – Gráfico mostrando os espaços abertos ao ar livre nas cidades onde os entrevistados gostam de caminhar.	78
Figura 20 – Gráfico mostrando os atributos do espaço e da paisagem incentivadores da caminhada entre os idosos.	84
Figura 21 – Gráfico mostrando os atributos do espaço e da paisagem desencorajadores da caminhada entre os idosos.	90

Figura 22 – Gráfico mostrando as paisagens prazerosas mais citadas.	98
Figura 23 – Parque Central – Loteamento Deltaville.	101
Figura 24 – Gráfico mostrando as paisagens desagradáveis mais citadas.	105
Figura 25 – Gráfico mostrando como foram percebidas as calçadas dos percursos caminhados pelos idosos entrevistados.	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Aspectos positivos e negativos em ser idoso.....	24
Quadro 2 – Percentual de idosos ativos no deslocamento, segundo sexo e idade.....	34
Quadro 3 – Indicadores do Icam e suas categorias.....	41
Quadro 4 – Atributos da paisagem em relação à caminhada dos idosos.....	48
Quadro 5 – Atributos da acessibilidade em relação à caminhada dos idosos.....	52
Quadro 6 – Atributos da infraestrutura em relação à caminhada dos idosos.....	55
Quadro 7 – Atributos da segurança em relação à caminhada dos idosos.....	59
Quadro 8 – Temas e termos utilizados para a busca de artigos para a revisão bibliográfica. ..	64
Quadro 9 – Etapas de filtragem e critérios de exclusão.	64
Quadro 10 – Resumo dos resultados em cada etapa.....	65
Quadro 11 – Quadro síntese referentes aos atributos do espaço e da paisagem incentivadores da caminhada entre os idosos de acordo com a revisão de literatura e as entrevistas realizadas.	115
Quadro 12 – Quadro síntese referentes aos atributos do espaço e da paisagem desencorajadores da caminhada entre os idosos de acordo com a revisão de literatura e as entrevistas realizadas	116
Quadro 13 – Quadro síntese referentes às paisagens agradáveis para a atividade de caminhar entre os idosos de acordo com as entrevistas realizadas	117
Quadro 14 – Quadro síntese referentes às paisagens desagradáveis para a atividade de caminhar entre os idosos de acordo com as entrevistas realizadas	118

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNI – Confederação Nacional da Indústria
CONEP - Conselho Nacional de Ética em Pesquisa
FAU/USP - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
FPA – Fundação Perseu Abramo
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Icam - Índice de Caminhabilidade
IPAQ - Questionário Internacional de Atividade Física
IPTU - Imposto Predial e Territorial Urbano
ITDP - Instituto de Política de Transporte e Desenvolvimento
LBI - Lei Brasileira de Inclusão
MS - Ministério da Saúde
NBR – Norma Brasileira
NEWS - Neighborhood Environment Walkability Scale
ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OMS - Organização Mundial da Saúde
ONU - Organização das Nações Unidas
PLAMUS - Plano de Mobilidade Urbana Sustentável da Grande Florianópolis
PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PRINT – Programa Institucional de Internacionalização
QUAPÁ - Quadro de Paisagismo no Brasil
SciELO - Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica On-line)
SESC - Serviço Social do Comércio
SP - São Paulo
SSF- Systematic Search Flow
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
WOS - Web of Science

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	OBJETIVOS	20
1.1.1	Objetivo Geral	20
1.1.2	Objetivos Específicos	20
1.2	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	20
2	REFERENCIAL TEÓRICO	22
2.1	CONSIDERAÇÕES SOBRE O IDOSO E O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO	22
2.2	ESPAÇO E A PAISAGEM URBANA	28
2.2.1	Os espaços livres públicos	30
2.3	OS DESLOCAMENTOS URBANOS A PÉ.....	32
2.3.1	A qualidade dos espaços livres públicos para os deslocamentos urbanos a pé	38
2.4	OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS E A ATIVIDADE DE CAMINHAR DA PESSOA IDOSA	42
2.4.1	Atributos do espaço e da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais	47
2.4.1.1	<i>Paisagem</i>	48
2.4.1.2	<i>Acessibilidade</i>	52
2.4.1.3	<i>Infraestrutura</i>	55
2.4.1.4	<i>Segurança</i>	59
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	62
3.1	REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA (1ª etapa da pesquisa – desenvolvida em gabinete)	62
3.2	ENTREVISTAS (2ª etapa da pesquisa – desenvolvida em campo)	66

3.2.1	Local do estudo	69
3.3	VALIDADE EM PESQUISA QUALITATIVA	74
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	75
4.1	CARACTERIZAÇÃO DOS INDIVÍDUOS ENTREVISTADOS.....	75
4.2	ATRIBUTOS DO ESPAÇO E DA PAISAGEM INCENTIVADORES E DESENCORAJADORES DO CAMINHAR ENTRE OS IDOSOS.....	83
4.2.1	Atributos do espaço e da paisagem incentivadores da caminhada entre os idosos	83
4.2.2	Atributos do espaço e da paisagem desencorajadores da caminhada entre os idosos	90
4.3	AGRADABILIDADE DA PAISAGEM PARA O ANDAR DO IDOSO	97
4.3.1	Paisagens agradáveis ao olhar do idoso	98
4.3.2	Paisagens desagradáveis ao olhar do idoso	104
4.4	SÍNTESE DOS RESULTADOS DA PESQUISA	115
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
5.1	RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS PESQUISAS	121
	REFERÊNCIAS.....	123
	APÊNDICES	136
	APÊNDICE A – Protocolo da revisão sistematizada de literatura	137
	APÊNDICE B – Roteiro das entrevistas.....	138

1 INTRODUÇÃO

Em meio a inúmeras crises relacionadas aos desequilíbrios que a atividade humana de modo geral vem promovendo às sociedades, ao meio ambiente e, em decorrência, à saúde e ao bem-estar de todos os seres, soluções simples como se deslocar mais a pé e utilizar meios de transporte alternativos aos veículos de combustão, são alternativas viáveis para começar a lidar com tais desequilíbrios.

Neste sentido, atitudes que gerem um menor impacto ecológico são pensadas como solução de médio e longo prazo. Medidas como a utilização de transporte público, transporte alternativo, como bicicletas, patinetes e o próprio ato de caminhar mais são maneiras que tendem a promover uma mudança no cenário total e na vida de cada um por serem promotoras de saúde ao elevar a quantidade de atividade física diária.

Assim, a mobilidade urbana não deve ser pensada somente em promover soluções de tráfego de veículos automotores, mas em um amplo conceito que envolve toda forma de mobilidade urbana, inclusive o pedalar e o caminhar.

Além disso, é importante que tais soluções não sejam excludentes, no sentido de favorecer somente pessoas que conseguem exercer plenamente a marcha bípede. É igualmente relevante que tais soluções de mobilidade contemplem a acessibilidade de pessoas com dificuldades de locomoção, como é o caso da crescente parcela de pessoas idosas nas cidades.

A pessoa idosa necessita, assim como todas as demais pessoas, locomover-se no perímetro urbano. Seja para realizar suas atividades cotidianas, para se exercitar ou simplesmente para passear.

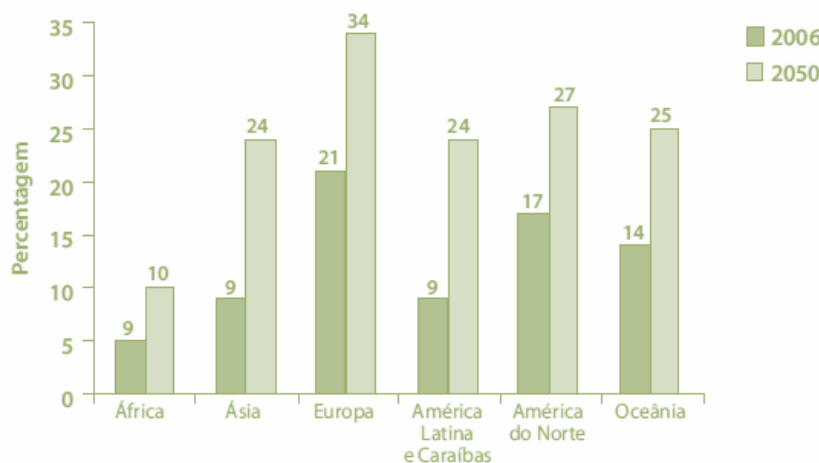
Para a pessoa idosa, ir e vir pode representar mais do que um simples ato de se locomover, impactando não somente no aspecto físico da saúde, mas também no sentido mais amplo de saúde que envolve a saúde mental, através de uma autoestima elevada e o sentimento de autonomia.

Porém, a qualidade de locomoção nos espaços urbanos nem sempre é adequada em todas as localidades, ainda mais se tratando de um país com desigualdades regionais espantosas. É neste íterim que a problemática da pesquisa se encontra, ao propor uma investigação sobre os atributos da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais.

A relevância temática encontra arcabouço nos indicadores da elevação da expectativa de vida, no declínio da taxa de fertilidade e na redução do número de mortes por doenças anteriormente consideradas intratáveis que fazem com que o mundo passe por uma transição demográfica única na história da humanidade.

A proporção de pessoas com 60 anos ou mais deve duplicar entre 2007 e 2050, e seu número atual deve mais que triplicar, alcançando dois bilhões em 2050 (Figura 1). Na maioria dos países, o número de pessoas acima dos 80 anos deve quadruplicar para quase 400 milhões até lá (ONU, 2019).

Figura 1 – Distribuição percentual da população mundial com 60 anos ou mais, por região, em 2006 e 2050.

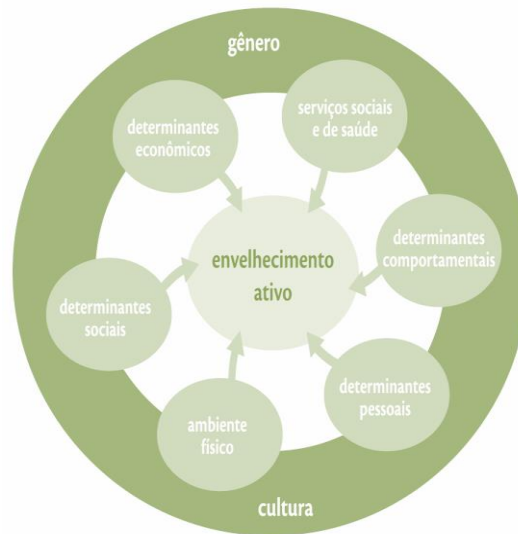


Fonte: ONU (2006).

O termo “Envelhecimento Ativo” é preconizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como “um processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (OMS, 2005).

Fatores determinantes de um envelhecimento ativo são, segundo a OMS, àqueles relacionados aos sistemas de saúde e serviço social, ao comportamento, a aspectos pessoais, ao ambiente físico, ao ambiente social e fatores econômicos. Além disso, também são denominados como fatores determinantes transversais, dentro da estrutura para compreender o envelhecimento ativo, a cultura e o gênero (Figura 2).

Figura 2 – Fatores determinantes do Envelhecimento Ativo.



Fonte: OMS (2005).

Ainda, conforme a OMS, as evidências substanciais sugerem que todos estes fatores, bem como sua interação, são indícios suficientes a serem levados em conta para mensurar como indivíduos e como as populações envelhecem. Por isso, compreendê-los e evidenciá-los tende a auxiliar na elaboração de políticas e programas públicos para a promoção do envelhecimento ativo.

Por seu turno, ao se pensar em exercícios físicos realizados pela grande maioria das pessoas idosas, a caminhada pode ser considerada a principal atividade física desempenhada (IBGE, 2015; BEZ BATTI, 2022).

No entanto, considerando o total de pessoas idosas, o percentual de idosos que desempenham esta atividade pode ser considerado baixo (IBGE, 2015; D'ORSI *et al.*, 2020). Com vistas a incentivar o envelhecimento ativo da população, o foco desta pesquisa está nos fatores relacionados ao ambiente físico que se relacionam à atividade de caminhar da população idosa, seja ela para deslocamento ou lazer.

A caminhada como deslocamento (ou transporte) se refere à forma como o idoso se desloca de um lugar para outro, incluindo seu grupo de convivência de idosos, igreja, supermercado, trabalho, escola, cinema, lojas e outros em uma semana normal. Já a caminhada para lazer se refere às atividades físicas que o idoso faz em uma semana normal, unicamente por recreação, esporte, exercício ou lazer, considerando o tempo de pelo menos 10 minutos

contínuos e desconsiderando as atividades citadas no deslocamento (EPIFLORIPA IDOSO, 2009).

Segundo Paiva Neto *et al.* (2021), ao investigar a caminhada para deslocamento entre a população idosa, idosos que percebem ruas iluminadas, a presença de parques e praças, segurança para caminhar durante o dia, calçadas e faixas de segurança próximo às suas residências tiveram maior probabilidade de se manterem ativos ou se tornarem ativos na caminhada para o transporte no período analisado na pesquisa.

Giehl (2014) investigou a associação entre a caminhada, em diferentes domínios, com variáveis objetivas do ambiente construído, demonstrando que determinadas características do ambiente construído apresentam uma relação positiva com a caminhada em indivíduos idosos. Neste estudo, a autora demonstra que:

O ambiente construído pode desempenhar papel importante na saúde dos idosos, ajudando-os a preservar sua mobilidade, independência e qualidade de vida, por meio da atividade física. Ainda, estes resultados sugerem que para promover comportamentos saudáveis, como a caminhada, pesquisadores e profissionais da saúde pública devem planejar intervenções com foco nas características do ambiente construído. Direcionar esforços e recursos para influenciar a caminhada ao nível dos setores censitários e comunidades pode ser mais eficaz para manter ou melhorar comportamentos saudáveis e consequentemente as condições de saúde dos idosos.

Ainda, segundo a autora, as percepções positivas sobre o ambiente do bairro, como presença de calçadas em boas condições, ruas bem iluminadas e sensação de segurança em relação ao trânsito estiveram associadas com caminhada nos idosos. Estudos mostram que as características do bairro, como presença de calçadas e iluminação pública estão associadas com altos níveis de caminhada entre a população idosa (GIEHL, 2014).

Para Dorneles (2006) a falta de acessibilidade, de infraestrutura, de segurança pública e de manutenção de áreas livres públicas de lazer são problemas que poderiam ser resolvidos a partir de decisões projetuais. Cabe salientar que, muitos dos problemas não são exclusivos para os idosos, no entanto, considerando o processo de envelhecimento, problemas que, para um adulto ou uma criança, influenciariam apenas na apreciação do espaço, para o idoso podem causar riscos à saúde ou até mesmo acidentes, com desequilíbrios e quedas.

Estudos como os supracitados se dedicaram a identificar os atributos infraestruturais do espaço urbano que atuam como incentivadores da caminhada entre a população idosa. Esta pesquisa, em específico, se voltou a desvendar, além destes, os atributos da paisagem, e da

resposta afetiva à paisagem observada, que atuam como encorajadores ou desencorajadores da caminhada.

A paisagem, nesta pesquisa, é entendida como, tudo o que se pode ver, segundo o que coloca Santos (1991). Além disso, cada paisagem é singular, uma vez que são observadas em momentos diferentes, com percepções diferentes, com demandas sociais diferentes e isso é chamado de percepção da paisagem. Para o autor, há uma distinção entre espaço e paisagem, sendo o espaço a associação da paisagem com as pessoas, resultando no movimento denominado dinâmica social.

Os principais atributos identificados por Demarco (2021), ao revisar artigos indexados nas bases de dados *Scopus*, *Scielo* e *Web of Science*, que conferem qualidade aos espaços livres públicos para a caminhada no lazer da população idosa são: acessibilidade dos espaços (devido à perda da mobilidade com a idade) e qualidade das calçadas, paisagem vegetada e com a presença de água, proximidade da residência quando se trata de um espaço específico para realização da caminhada como um parque, percepção de segurança, e presença de infraestrutura adequada como pistas de caminhada e espaços para descanso.

Embora a investigação de Demarco tenha demonstrado a relevância de paisagens vegetadas para a atividade de caminhar da população idosa, a presença de vegetação não integra as categorias de avaliação da caminhabilidade do Índice de avaliação de caminhabilidade do IDTP, um dos poucos índices desenvolvidos nacionalmente e talvez o de maior visibilidade, o que demonstra o potencial de contribuição desta pesquisa.

Assim, o objetivo deste trabalho é investigar os atributos da paisagem urbana incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com mais de 60 anos.

Compreender como determinadas características nos ambientes urbanos podem favorecer, ou inibir, o deslocamento ativo é de suma importância, tanto para o planejamento de intervenções, quanto para políticas públicas.

Por fim, cabe mencionar aqui que esta pesquisa integra o projeto contemplado pelo edital CAPES/PRINT, intitulado Envelhecimento Saudável e Mobilidade Urbana, vigente até 2024, desenvolvido em parceria com os programas de pós-graduação em Educação Física e em Saúde Coletiva.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Investigar os atributos da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais.

1.1.2 Objetivos Específicos

- i) Sistematizar a partir da literatura atributos do espaço e da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais;
- ii) Identificar a percepção dos idosos (pessoas com mais de 60 anos) sobre os atributos do espaço e da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada;
- iii) Compreender em que medida os atributos da paisagem atuam como incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais;
- iv) Sintetizar atributos da paisagem encorajadores da caminhada para pessoas com mais de 60 anos necessários ao planejamento e projeto do espaço público.

1.2 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

O primeiro capítulo, denominado Introdução, apresenta brevemente a problemática de pesquisa desenvolvida na dissertação, bem como as hipóteses e os objetivos, a delimitação e a estrutura do estudo.

O segundo capítulo é dedicado ao referencial teórico da pesquisa. Neste capítulo, tratam-se dos temas paisagem e espaço urbano, caminhada e idosos, bem como a confluência desses temas, indicando os atributos do espaço e da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais.

Já, o terceiro capítulo trata dos procedimentos metodológicos da pesquisa, através da identificação, conceituação e formas de utilização dos mesmos.

O quarto capítulo, denominado: Resultados e Discussão, apresenta os dados colhidos através das entrevistas, bem como a discussão desses dados segundo a temática da pesquisa.

Por fim, o quinto capítulo apresenta as considerações finais a partir da retomada das hipóteses de pesquisa e reflexão do teor geral deste trabalho.

Na sequência do quinto e último capítulo são apresentadas as referências, os apêndices e o anexo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de promover um maior entendimento sobre a problemática desta pesquisa, o referencial teórico abordado foi estruturado de modo a, inicialmente, apresentar o idoso e fazer algumas considerações pertinentes ao processo de envelhecimento. Na sequência do texto são apresentados conceitos e dados relacionados ao espaço e a paisagem urbana, aos deslocamentos urbanos a pé, para então se refletir acerca do espaço público urbano e a atividade de caminhar da pessoa idosa, buscando identificar atributos do espaço e da paisagem urbana incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com mais de 60 anos.

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O IDOSO E O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Para a Organização Mundial da Saúde (2005) a pessoa é considerada idosa quando possui 60 anos ou mais, cujo entendimento é visto também na Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a política nacional do idoso e cria o Conselho Nacional do Idoso. Esta lei tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade, além de indicar a pessoa idosa como aquela com 60 anos ou mais.

A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) define envelhecimento como “um processo sequencial, individual, acumulativo, irreversível, universal, não patológico, de deterioração de um organismo maduro, próprio a todos os membros de uma espécie, de maneira que o tempo o torne menos capaz de fazer frente ao estresse do meio-ambiente e, portanto, aumente sua possibilidade de morte”.

O processo de envelhecimento populacional é uma tendência resultante do declínio da mortalidade e da fertilidade em dimensão global. O avançar da idade traz consigo diversas modificações na saúde que impactam nas políticas públicas. O gasto, per capita é 2,5 a 5 vezes maior para pessoas com mais de 65 anos se comparadas a pessoa mais jovens. No Brasil, a prevalência de depressão é um dos transtornos psiquiátricos mais comuns entre as pessoas idosas e sua presença necessita ser avaliada (PALACIOS, 2002; MS, 2006).

Considerado um processo natural, o envelhecimento causa uma diminuição progressiva da reserva funcional dos indivíduos o que, em condições normais, não costuma provocar qualquer problema. No entanto, em condições de sobrecarga como, por exemplo, doenças, acidentes e estresse emocional, pode ocasionar uma condição patológica que requeira assistência. Estudos mostram que a dependência para o desempenho das atividades de vida diária tende a aumentar cerca de 5% na faixa etária de 60 anos para cerca de 50% entre os com 90 ou mais anos (MS, 2006).

Fatores na comunicação como a redução das capacidades sensório-perceptivas, que ocorre no processo de envelhecimento fazem com que os idosos muitas vezes tardam em perceber, aceitar e tratar suas dificuldades e, em consequência disso, acabam se afastando do convívio familiar e social para evitar situações constrangedoras. Além disso, o desempenho físico e social do idoso depende da integridade de suas funções cognitivas. A perda de memória recente e a habilidade de cálculo são indicadores sensíveis de redução dessas funções. (MS, 2006).

No que se refere à visão, o processo natural de envelhecimento associa-se à uma redução da acuidade visual devido às alterações fisiológicas das lentes oculares, déficit de campo visual e doenças de retina. Cerca de 90% das pessoas idosas necessitam do uso de lentes corretivas para enxergar adequadamente. Quanto à audição, cerca de um terço das pessoas idosas referem algum grau de declínio na acuidade auditiva. Além disso, a deficiência auditiva gera no idoso um dos mais incapacitantes distúrbios de comunicação, impedindo-o de desempenhar plenamente seu papel na sociedade (MS, 2006).

Outro fator de destaque no processo de envelhecimento é a presença de incontinência urinária. Afirma-se que cerca de 30% das pessoas idosas não institucionalizadas costumam apresentá-la e nem sempre a referem na avaliação clínica ou por vergonha ou por acharem ser algo comum no processo de envelhecimento. A restrição de mobilidade, a retenção urinária, as infecções e os efeitos medicamentosos são causas comuns de incontinência urinárias em idosos (MS, 2006).

Quanto à alimentação, a população idosa tende a adquirir alterações nutricionais devido a fatores relacionados às modificações fisiológicas e sociais, ocorrência de doenças crônicas, uso de diversas medicações, dificuldades com a alimentação, depressão e alterações da mobilidade com dependência funcional. Uma nutrição adequada é primordial para uma velhice

saudável, além do controle da obesidade, o equilíbrio entre atividades físicas e intelectuais e o cuidado com a saúde (MS, 2006; MASCARO, 2004).

No que se refere à mobilidade, há uma grande propensão da pessoa idosa à instabilidade postural e à alteração da marcha o que aumenta o risco de quedas. As alterações na mobilidade e quedas normalmente ocorrem devido a disfunções motoras, de sensopercepção, de equilíbrio ou por déficit cognitivo. As quedas representam um sério problema para as pessoas idosas e estão associadas a elevados índices de morbimortalidade, redução da capacidade funcional e institucionalização precoce (MS, 2006).

A partir de dados de entrevistas, a pesquisa Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade, realizada pelo SESC-SP em parceria com a Fundação Perseu Abramo datada de 2020, apresentou os aspectos positivos e negativos em ser idoso, conforme quadro 1. A partir dele, é possível inferir que as questões relacionadas à saúde são os principais itens considerados negativos na vida idosa.

Quadro 1 – Aspectos positivos e negativos em ser idoso.

ASPECTOS POSITIVOS EM SER IDOSO	
ITENS (espontânea e múltipla, em %)	%
VIVÊNCIA	43
FAMÍLIA (ter mais convivência com a família)	25
DESPREOCUPAÇÕES	25
TEMPO LIVRE	20
APOSENTADORIA	17
ASPECTOS NEGATIVOS EM SER IDOSO	
ITENS	%
DOENÇAS/ DEBILIDADES/ FALTA DE SAÚDE	74
FALTA DE LIBERDADES (ter mais dependências)	22
PRECONCEITO/ DISCRIMINAÇÃO	12
FAMÍLIA (ter menos/ falta assistência/ falta de cuidados/ atenção da família/ filhos)	9
SENSAÇÕES (solidão, tristeza, rabugento)	9

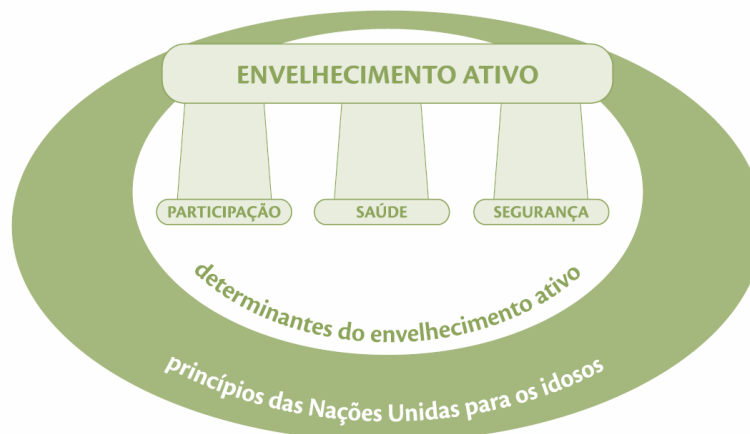
Fonte: SESC-SP; FPA (2020), adaptado pela autora.

No que se refere aos aspectos negativos em ser idoso, o quadro 1 destaca a importância dos atributos da paisagem, principalmente no que se refere a falta de autonomia nas cidades e a relação da paisagem com as sensações.

Assim, viver cada vez mais tem implicações importantes para a qualidade de vida. A longevidade pode ser um problema, com consequências sérias nas diferentes dimensões da vida humana, física, psíquica e social. No entanto, se os indivíduos envelhecerem mantendo-se autônomos e independentes, a sobrevida aumentada poderá ser plena de significado (PASCHOAL, 1996).

Segundo a OMS (2005), o envelhecimento da população é um fenômeno global que exige ação local, regional, nacional e internacional. Assim, é necessária uma estruturação política com abordagem coletiva do envelhecimento baseada, conforme a figura 3, nos Princípios das Nações Unidas para Idosos (o círculo externo), ou seja, independência, participação, assistência, autorrealização e dignidade. A estrutura dessa política requer ações em três pilares básicos: saúde, participação e segurança.

Figura 3 – Os três pilares do Envelhecimento Ativo.



Fonte: OMS (2005).

Nesse sentido, cabe mencionar que em 2015, 193 líderes mundiais, através da ONU, se comprometeram com 17 objetivos Globais para alcançar 3 grandes objetivos extraordinários nos próximos 15 anos: 1) Erradicar a pobreza extrema; 2) Combater a desigualdade e a injustiça; 3) Conter as mudanças climáticas. Tais objetivos são conhecidos como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e esse conjunto de metas foi denominado de Agenda 2030.

De acordo com o relatório dos objetivos de desenvolvimento sustentável da Agenda 2030 - ONU (2015), os idosos estão no grupo de pessoas que estão vulneráveis juntamente com as crianças, jovens, pessoas com deficiência, as pessoas que vivem com HIV/AIDS, povos indígenas, refugiados, pessoas deslocadas internamente e migrantes. Estas, necessitam de “medidas e ações mais eficazes, em conformidade com o direito internacional, para remover os obstáculos e as restrições, reforçar o apoio” (ONU, 2015).

Os idosos são citados no objetivo 11 da Agenda 2030 (2015), no que concerne a tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis, dando-se destaque para três metas:

11.2: até 2030, proporcionar o acesso a sistemas de transporte seguros, acessíveis, sustentáveis e a preço acessível para todos, melhorando a segurança rodoviária por meio da expansão dos transportes públicos, com especial atenção para as necessidades das pessoas em situação de vulnerabilidade, mulheres, crianças, pessoas com deficiência e idosos. 11.3 Até 2030, aumentar a urbanização inclusiva e sustentável, e as capacidades para o planejamento e gestão de assentamentos humanos participativos, integrados e sustentáveis, em todos os países; 11.7 Até 2030, proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, particularmente para as mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência.

No contexto brasileiro, a Lei 10.048, de 8 de novembro de 2000, dá prioridade ao atendimento ao idoso, assim como à pessoa com deficiência, gestantes, lactantes, pessoas com crianças de colo e obesos. Já a Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003, é respeitada como um grande marco para os direitos do idoso, uma vez que ela estabelece o Estatuto do Idoso. A partir desta, o “idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade” (BRASIL, 2003).

Em 2015, instituiu-se a Lei Brasileira de Inclusão que considera o idoso com deficiência como uma pessoa vulnerável, assim como a criança, o adolescente, a mulher com deficiência. Além disso, a LBI estabelece como cumprimento das normas técnicas vigentes de acessibilidade. Já a NBR 9050/2020, principal norma relacionada à acessibilidade, estabelece a reserva de vagas reservadas para veículos que conduzem ou sejam conduzidos por idosos e demais questões referentes à acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. É possível aferir que, desde a Constituição da República de 1988, já há menção sobre

a assistência social, o amparo aos idosos, a gratuidade do transporte coletivo aos maiores de 65 anos, entre outros pontos.

Segundo Besse *et al.* (2018) estudos prévios sugerem que as características sociais do bairro e do ambiente construído podem afetar a cognição em idosos.

Nesse sentido, o Projeto de Lei n.º 402 de 2019, em tramitação no Congresso Federal, institui o Programa Cidade Amiga do Idoso que busca em suas diretrizes o incentivo ao envelhecimento saudável além do aumento da qualidade de vida da pessoa idosa. Já em Santa Catarina há o Projeto de Lei n.º 48.6 de 2018 da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina que também busca instituir em nível estadual o Programa Cidade Amiga do Idoso.

O Cidade Amiga do Idoso surgiu como um projeto da OMS com frentes em diversos lugares do mundo, tendo no Brasil, a cidade do Rio de Janeiro como representante. Discutiram-se oito tópicos para a verificação da cidade amiga do idoso representados na figura 4.

Figura 4 – Áreas a considerar numa cidade amiga do idoso.



Fonte: OMS (2010).

Assim como os determinantes do envelhecimento ativo, estes oito aspectos da vida na cidade sobrepõem-se e interagem, sendo que:

O respeito e a inclusão social refletem-se na acessibilidade aos espaços ao ar livre e aos edifícios e no leque de oportunidades que a cidade oferece às pessoas idosas, em termos de participação social, entretenimento e emprego. A participação social, por sua vez, influencia a inclusão social, bem como o acesso à informação. A habitação afeta a necessidade de serviços comunitários de apoio, enquanto que a participação social, cívica e econômica depende em parte da acessibilidade e segurança dos espaços ao ar livre e dos edifícios públicos. Os transportes, a comunicação e a

informação, em especial, interagem com as restantes áreas: sem transportes ou sem os meios adequados para a obtenção de informação que permita que as pessoas se encontrem e estabeleçam ligações, as outras infraestruturas e serviços urbanos que poderiam apoiar o envelhecimento ativo são pura e simplesmente inacessíveis (OMS, 2010, p. 10).

Cabe não somente às legislações brasileiras a inclusão dos idosos em suas pautas, como também a efetiva inclusão desta população nas estruturas ativas dos estados e municípios, principalmente nas ações das políticas públicas de incentivo à participação social, entretenimento e emprego conforme preconizado pela OMS.

2.2 ESPAÇO E A PAISAGEM URBANA

O espaço, segundo Santos (1991) se trata, em suma, de uma realidade em que se relacionam coisas e entes.

O espaço não se trata de elementos imóveis e verificados no mundo da vida, mas um amplo aspecto que envolve também a atuação prática e ideal daquele que classifica – o ser humano. Neste sentido, o espaço pode ser tido como conjunto entre objetos geograficamente dispostos: tanto objetos naturais, como objetos sociais; incluindo também o elemento: vida. Em outras palavras, aquilo que dá o movimento aos elementos naturais e sociais naquele determinado contexto.

Observa-se que o espaço é um conjunto composto por distintas formas e contextos que, no total, pode-se chamar sociedade em movimento, pois os espaços têm uma importância na dinâmica social (SANTOS, 1991, p. 46).

Já Lefebvre (1974) apresentou uma teoria única do espaço, que conectasse o espaço físico - natureza, abstração formal sobre o espaço - e o espaço social - o espaço ocupado pelos fenômenos sensoriais e pelos projetos simbólicos. Para ele, a percepção, o simbolismo e a imaginação não devem ser separados da compreensão do espaço físico e social, pois somente na junção dessas variáveis que se permite um entendimento coerente do espaço.

Nesse sentido que se pode compreender o espaço urbano como um grande local em que muitos outros locais, ou localidades, fazem parte, cujo interior possui espaços livres, que assim são considerados por sua característica, como praças e parques, áreas de preservação ou

por conta de uma falta de interesse privado, como terrenos baldios ou áreas não edificadas, cercas ou não (MACEDO *et al.*, 2018, p. 13).

Em contrapartida, a produção da cidade é feita por seus agentes. Parte-se do princípio que devido à concentração de capital, população e objetos espaciais que caracterizam a cidade, é necessário qualificar a forma urbana e os espaços livres para que se possibilite o encontro público, as trocas culturais e comunicacionais (QUAHABERMAS apud MACEDO *et al.*, 2012).

Essa relação entre os diversos sistemas de locais dentro do espaço urbano e espaços livres, auxilia na compreensão do espaço como sendo mais do que o espaço físico em que este se inscreve, tampouco somente a sua finalidade, mas uma relação entre os espaços ocupados, os espaços vagos, os objetos e os entes que ali habitam, estão e por ali transitam.

Já a paisagem, segundo Macedo (1999) “pode ser considerada como um produto e como um sistema. Como um produto porque resulta de um processo social de ocupação e de gestão de determinado território. Como um sistema, na medida em que a partir de qualquer ação sobre ela impressa, com certeza haverá reação correspondente, que equivale ao surgimento de uma alteração morfológica parcial ou total”.

A paisagem é um macrossistema complexo, formado por subsistemas, sendo os espaços livres urbanos a principal estrutura da paisagem, mesmo havendo outros subsistemas urbanos. Os espaços livres têm papel estrutural e influenciam diretamente na configuração da paisagem. Assim como a própria paisagem, o sistema de espaços livres constitui-se em uma “realidade a partir do todo, que não pode ser expressa pela consideração desses elementos separadamente (MOTLOCH, 1991).

Segundo estudos de Nasar (1998), as pessoas tendem a dar justificativas semelhantes ao julgarem paisagens como agradáveis ou desagradáveis, mesmo julgando locais e regiões diferentes. Para o autor, as pessoas que julgam as paisagens como agradáveis, justificam o julgamento pelos aspectos relacionados à natureza (presença de vegetação, água e montanhas), à manutenção urbana (limpeza, boa manutenção da cidade e de suas edificações), à vista ampla (paisagens abertas), à presença de significado histórico (locais históricos ou que pareçam históricos) e à ordem (aparência de organização urbana).

Já áreas urbanas julgadas como desagradáveis pela população tendem a apresentar justificativas opostas, como áreas obstruídas, dilapidadas, degradadas ou sem manutenção, áreas com pouca significância histórica e desorganizadas.

2.2.1 Os espaços livres públicos

Os espaços livres são considerados como uma das principais infraestruturas urbanas, uma vez que neles e por eles grande parte da vida cotidiana tem lugar, assim como são um dos principais palcos dos conflitos e acordos da sociedade (MACEDO *et al.*, 2012).

Os espaços livres urbanos podem ser públicos ou privados (intra-lote). Segundo Macedo (1995), os espaços livres são todos aqueles que não estão contidos entre as paredes e tetos dos edifícios construídos. Neste sentido, do mesmo modo que a vida privada acontece nos espaços edificadas e privados na área urbana, a vida pública dos centros urbanos ocorre nos espaços livres públicos (QUEIROGA, 2011, 2014).

Segundo Macedo *et al.* (2012) “a rua tem papel estruturador na constituição da forma urbana, pois reflete as formas de mobilidade, acessibilidade e circulação, parcelamento e propriedade da terra urbana”. Assim como a calçada, a rua é considerada um espaço público de livre circulação, com o diferencial de finalidade uma vez que a rua se destina quase que exclusivamente à locomoção de automóveis, enquanto a calçada é o local onde os pedestres e ciclistas se deslocam ou praticam atividades físicas, entre outras coisas.

A rua é um elemento importante nas cidades por seu valor ao ser por onde grande parcela da economia escoar para os diferentes locais, dos campos para a cidade, das empresas para os mercados e destes para os consumidores, etc., contudo, a rua pode possuir também um valor complementar como área de lazer, seja para prática recreativa, de esporte e lazer (MACEDO, 1995; QUEIROGA *et al.*, 2009).

Elemento importante dos espaços livres públicos e que também serve de ligação entre outros espaços livres públicos são as calçadas (QUEIROGA *et al.*, 2009). Elas são o melhor exemplo de espaço público, ainda que nem sempre sejam acessíveis às pessoas com necessidades especiais, como pessoas cadeirantes ou com dificuldades de locomoção, tais como pessoas portadoras de deficiência físicas e pessoas idosas.

Por seu turno, os espaços públicos que são considerados como verdes são aqueles que possuem um valor social atribuído a sua existência e que esta possua qualquer tipo de vegetação, seja ela rasteira como um gramado com ou sem arbustos ou com vegetação mais densa com um bosque ou uma reserva ambiental (MACEDO, 1995).

Sabendo do valor social que as áreas verdes possuem no interior das cidades, seja na drenagem da água proveniente das chuvas ou no seu valor paisagístico, a vegetação tende a garantir uma vida mais agradável para todos os animais, bem como à vida humana (QUEIROGA *et al.*, 2011).

Por sua vez, espaços livres públicos de lazer se distinguem dos espaços públicos em geral, pois estes têm como objetivo o lazer. Diferentemente do anterior que não precisa de mais do que uma área sem edificações e descoberta, os espaços para o lazer geralmente contam com recursos paisagísticos e sua formatação é pensada para a prática de esportes, do lazer além do convívio entre as pessoas integrantes do cenário urbano (COELHO, 2008; MACEDO, 1995).

Tais espaços podem ainda conter espaços considerados espaços verdes livres que correspondem a lugares em que boa parte do território é ocupada por grande quantidade de qualquer tipo de vegetação, sem deixar de ter valor social. Por exemplo, um vasto gramado, um parque densamente arborizado, uma praça com vasta quantidade de arbustos etc.

O valor social se mensura com as atividades produtivas que estão no entorno e se ligam direta ou indiretamente ao ambiente no estado que este é e por isso demandam sua preservação. Ou seja, a garantia da manutenção de seu valor estético, bem como cultural e que pode ser destinado também para o esporte e lazer (MACEDO, 1995).

As praças e os parques são espaços livres públicos mais comuns no Brasil. As praças são espaços livres, geralmente sem construções, muitas vezes considerados verdes por possuírem vegetação disponível para o acesso público, as praças são ambientes circunscritos nas cidades que buscam proporcionar espaços destinados ao lazer, esporte, além de ser elemento de embelezamento da região e de comércio. Ainda que não tenha um tamanho definido, as praças geralmente são locais sem grandes extensões territoriais (MACEDO, 1995).

Os parques, que também são considerados espaços públicos verdes, são comumente mais extensos do que as praças. Geralmente é um ambiente cercado e com grande quantidade de árvores e abundante vegetação. A sua destinação principal é a recreação e a prática de esportes. Também podem ser circunscritos no meio urbano ou podem estar em seus limites,

quando integrantes de centros mais densos da cidade geralmente são amplamente visitados por moradores da localidade (MACEDO, 1995).

2.3 OS DESLOCAMENTOS URBANOS A PÉ

É essencialmente pelo caminhar que se desfruta os espaços livres públicos urbanos (BRADSHAW, 1993; GUIDINI, 2011; ANDRADE, LINKE, 2017).

A liberdade de movimento é inerente ao pedestre e seu caminhar. O pedestre executa sua coreografia diária se movendo com fluidez e, com isso, propicia vitalidade às cidades, tornando os espaços mais democráticos. No caminhar cotidiano, o pedestre se apropria do espaço construído e tem a percepção ampliada para os detalhes da paisagem (ANDRADE, LINKE, 2017, p. 6).

O ato de caminhar, o se deslocar a pé pelas cidades, faz parte da vida cotidiana. O caminhar pode ser entendido como uma forma de deslocamento, ou seja, a caminhada como um meio de transporte, integrando assim o sistema de mobilidade urbana; como também pode ser entendido como a prática de uma atividade física ou lazer.

A caminhada como deslocamento (ou transporte) se refere à forma como a população se desloca de um lugar para outro. Já a caminhada para lazer se refere às atividades físicas que o idoso por recreação, esporte, exercício ou lazer (EPIFLORIPA IDOSO, 2009).

Assim, caminhar é um meio de transporte importante a ser considerado nas áreas urbanas. Seu exercício tem aumentado gradativamente no mundo todo. Neste sentido, o planejamento das cidades deve considerar o caminhar como prioridade em relação a outras formas de se locomover, buscando facilitar as viagens de pedestres pelas vias e áreas urbanas (BASBAS *et al.*, 2010; BROOKFIELD *et al.*, 2017).

O ato de caminhar é um importante ato do ser humano. Mais do que a capacidade básica de locomoção da espécie sem auxílio, o caminhar tende a proporcionar uma vida mais saudável. Especificamente na terceira idade, quando há dificuldade para realização de atividades de impacto, somado a necessidade de atividades físicas que garantam qualidade de vida, o valor de uma simples caminhada, praticada rotineiramente, pode implicar em grande benefício à saúde física e mental de pessoas idosas (ALVES, *et al.*, 2020; BANDINI; GASPARINI, 2021; CERIN *et al.*, 2013; VEGI *et al.*, 2020).

A atividade de caminhada tende a reduzir drasticamente a probabilidade de doenças crônicas e outras questões inerentes ao avançar da idade. Tal atitude, além de reduzir a probabilidade de morte precoce, aumenta os níveis de qualidade de vida (OMS, 2008; SANTOS, 2013).

Uma pesquisa encomendada pela Confederação Nacional da Indústria ao Ibope e divulgada em setembro de 2015 apontou que 22% da população brasileira se locomovia a pé até seus destinos, atrás apenas dos 25% da população que utilizavam transporte público. Os demais alcançavam seus destinos por automóvel particular (19%), motocicleta (10%), transporte coletivo fretado (9%) e de bicicleta (7%) (CNI, 2015).

Na faixa etária dos 55 anos ou mais, a mesma pesquisa identificou que os que se locomoviam a seus destinos a pé era ainda maior, 27%. Nesta mesma faixa etária, 28% utilizavam transporte público para alcançar seus destinos, 21% automóvel e 3% motocicleta.

E se considerada a renda da população, os brasileiros na faixa de renda mais baixa (até 1 salário mínimo) representavam o maior percentual (39%) dos que se locomoviam a pé até seus destinos.

O relatório apontou ainda que entre os brasileiros que realizavam a maior parte de seus deslocamentos diários a pé, 37% o adotavam por este ser mais rápido para seus destinos, 29% por ser mais saudável, 19% por ser o único meio de locomoção disponível e 16,2%, porque a distância percorrida era curta.

Se considerados apenas os municípios com mais de 60.000 habitantes, 36% dos deslocamentos eram realizados a pé, 29% em transporte público coletivo e 27% em transporte individual motorizado segundo a Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP, 2014).

A frequência de idosos ativos no deslocamento¹ em Florianópolis, segundo o EPIFLORIPA IDOSO (2020), estudo longitudinal de base populacional, representativo da população idosa residente na área urbana do município de Florianópolis, foi de 27,2%, sendo maior entre os homens quando comparado às mulheres (32,8% em comparação a 24,0%) conforme demonstrado no quadro 2.

¹ Idosos ativos no deslocamento são os que praticam atividade física moderada (caminhada ou ciclismo) no deslocamento de pelo menos 150 min ou mais por semana.

Quadro 2 – Percentual de idosos ativos no deslocamento, segundo sexo e idade.

IDADE	% DE IDOSOS ATIVOS NO DESLOCAMENTO	% HOMENS	% MULHERES
60-69	27,8	23,5	30,8
70-79	29	42,1	21,3
80 E MAIS	23,3	28,1	21,2
MÉDIA	27,2%	32,8%	24%

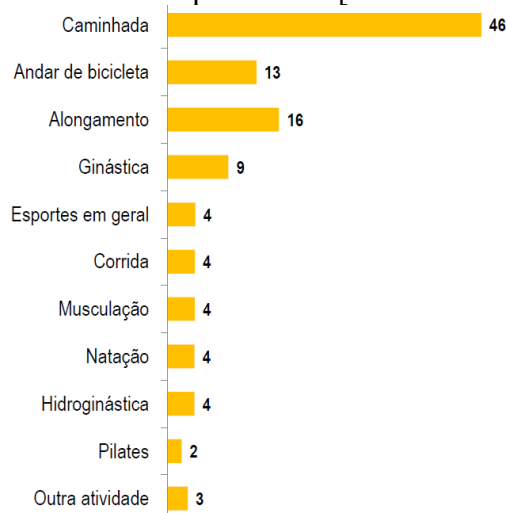
Fonte: EPIFLORIPA (2020), adaptado pela autora.

No que tange a caminhada como atividade física, no mesmo ano, um relatório do IBGE (2015) informou que a caminhada era atividade física mais praticada pela população brasileira, abrangendo 49,1% da população a partir de 15 anos de idade. O percentual subia para 66,5% de praticantes de caminhada entre o grupo de 60 anos ou mais. O relatório informa ainda que a caminhada é a principal prática esportiva desempenhada pela população idosa.

Esse dado é corroborado pelo estudo EPIFLORIPA (2020), estudo longitudinal de base populacional, representativo da população idosa residente na área urbana do município de Florianópolis, que demonstra a caminhada como a atividade física predominante entre as pessoas com 60 anos ou mais.

Na pesquisa Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade, realizada pelo SESC-SP em parceria com a Fundação Perseu Abramo em 2020, a caminhada também foi a atividade física mais praticada pelos idosos.

Figura 5 – Atividades físicas praticadas. [estimulada e única, em %]



Fonte: SESC-SP; FPA (2020).

Nesta mesma pesquisa, quando perguntados sobre o que gostariam de fazer no seu tempo livre, a maior parte dos entrevistados informou que gostaria de praticar atividades fora de casa como: entretenimento, relações pessoais, atividades aquáticas e outros.

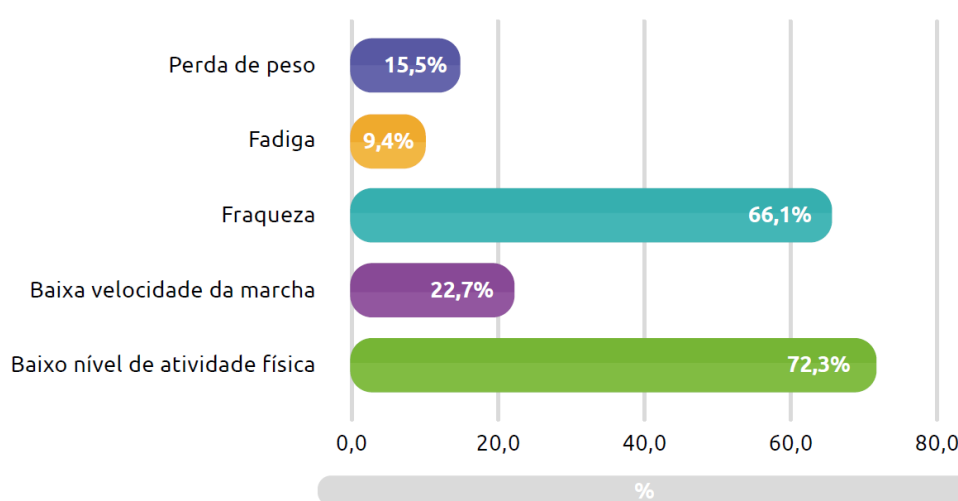
Entre as atividades que os idosos não faziam antes dos 60 anos e agora fazem estão “fazer caminhadas” com 16%, seguida de “passear mais” com 11%, e “se relacionar com a família” com 9% (SESC-SP; FPA, 2020).

Corrida e caminhada enquanto atividade física, somadas, representam um percentual de 53,2% da população brasileira praticante, entre os praticantes de alguma atividade física, segundo o IBGE (2015).

No entanto, ainda é baixo o percentual da população brasileira que pratica alguma atividade física/esportiva. Este percentual de praticantes de alguma atividade física/esportiva corresponde a 37,9% da população com mais de 15 anos e 27,6% da população com 60 anos ou mais.

O estudo EPIFLORIPA, realizado em Florianópolis, também relacionou o baixo nível de atividade física à fragilidade em idosos, apresentado na figura 6. O dado foi coletado por meio do Questionário Internacional de Atividade Física (IPAQ). A partir da aplicação desse questionário, 72,3% dos idosos foram classificados como insuficientemente ativos, ou seja, <150 minutos de atividade física por semana.

Figura 6 – Prevalência dos critérios de fragilidade em idosos. Florianópolis, 2017-2019.



Fonte: EPIFLORIPA (2020).

Quando se fala sobre a prática de atividade física no tempo livre, as cinco principais barreiras mencionadas foram a preguiça (38,6%), falta de vontade/motivação (35,6%), falta de interesse/gosto (34,6%), falta de condições físicas (33,4%) e dores e desconforto durante a prática (33,2%).

O ato de caminhar influencia na qualidade de vida, na expectativa de vida e nos custos com saúde. Assim, é importante introduzir o convite às pessoas caminharem o tanto quanto possível nas suas atividades cotidianas. A corrida e a caminhada são atividades populares no Brasil. Estas são praticadas em qualquer logradouro, seja ele adequado ou não para tal finalidade. Assim, a disponibilidade de espaços próprios e adequados tendem a influenciar no número de praticantes, sendo as calçadas as protagonistas desse sistema de espaços livres urbanos (GEHL, 2013).

Assim, além de saudável, andar a pé é a forma mais democrática de deslocamento urbano.

Nesse sentido, cabe mencionar que em 2012 foi promulgada a Lei n.º 12.587, que visa o planejamento e a gestão democrática do Sistema Nacional de Mobilidade Urbana sendo o deslocamento a pé parte do transporte urbano não motorizado constante na lei. A lei de Política Nacional de Mobilidade Urbana determina que, entre 2022 e 2023, os municípios com mais de 20.000 (vinte mil) habitantes devem elaborar e aprovar o Plano de Mobilidade Urbana como instrumento de efetivação do processo.

A falta de prioridade das políticas públicas de mobilidade relacionadas ao deslocamento dos pedestres demonstra como “o ato de caminhar não é considerado um tema público, mas sim privado” (ANDRADE, LINKE, 2017, p. 47). Conforme disposto na Lei n.º 6.766 (1979), sobre o parcelamento do solo urbano no Brasil, cabe ao empreendedor responsável pela implantação do parcelamento a construção da infraestrutura básica do parcelamento, sendo que as vias de circulação fazem parte dessa infraestrutura. Já as Leis Estaduais de Parcelamento do Solo, normalmente, denominam a pavimentação, a construção de meio-fio e a calçada como infraestruturas básicas das vias de circulação. A fim de corroborar com as leis federais e estaduais, os Códigos de Posturas municipais informam que a construção e a conservação dos passeios públicos competem aos proprietários dos imóveis.

A partir disso, observa-se que a infraestrutura pública viária foi desenvolvida com atenção exclusiva na pista de rolamento de veículos, ignorando o trânsito de pedestres. A

calçada é vista como “terra de ninguém” e, portanto, ninguém precisa se preocupar com ela (ANDRADE, LINKE, 2017).

Tampouco há prefeitura no Brasil que tenha um mapa detalhado das suas calçadas, ao passo que a maioria tem um mapa das vias para os veículos. A maior parcela das cidades brasileiras tem calçadas inadequadas e inseguras para os pedestres. Na prática, as cidades com topografia não plana são tomadas de calçadas com degraus, obstáculos e desníveis de todo o tipo, que seguem a prioridade dada ao acesso de veículos ao lote. Nas áreas de topografia íngreme, caminhar é um desafio para os pedestres (ANDRADE, LINKE, 2017, p. 47).

Em 2022, a organização Mobilize Brasil publicou um estudo sobre a mobilidade urbana nas ruas das capitais brasileiras, neste relatório, informa-se que desde a promulgação do Plano Nacional de Mobilidade Urbana em 2012, Lei n.º 12.587, houve alguns avanços, porém tímidos em relação ao assunto entre esses dez anos. Ressalta-se que esse avanço ocorreu principalmente no campo teórico, com a incorporação de conceitos relacionados à mobilidade sustentável nas prefeituras brasileiras. O sinal mais evidente, porém, polêmico, é a mudança ou incorporação do termo “mobilidade” em algumas repartições públicas. Além da adoção de programas para a redução do transporte através dos carros particulares, prioridade a pedestres e ciclistas, necessidade de melhoria das calçadas e ampliação das ciclo rotas. (MOBILIZE BRASIL, 2022).

Para o instituto,

[...] apesar de várias leis municipais, cartilhas, manuais e campanhas, como a Calçadas do Brasil 2019, as condições para caminhar continuam humilhantes, mesmo nos bairros mais centrais das capitais mais ricas do país. Calçadas são intransitáveis, semáforos ainda priorizam o trânsito motorizado, e em muitos lugares os pedestres são obrigados a longos trajetos em passarelas para simplesmente atravessar uma avenida. Enfim, as autoridades ainda hesitam em praticar o que está previsto nas leis (MOBILIZE BRASIL, 2022, p.13).

Este estudo também informa que persiste a letargia das prefeituras na gestão de calçadas e demais infraestruturas de acessibilidade para os pedestres e pessoas com mobilidade reduzida. E poucas cidades, mesmo as capitais, conseguiram cumprir os prazos originais para a elaboração de seus planos de mobilidade. De acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento Regional, ao menos 2.024 municípios estariam obrigados a elaborar e aprovar Planos de Mobilidade Urbana. Em agosto de 2022, o Departamento de Projetos de Mobilidade e Serviços Urbanos havia recebido informações sobre 1.390 municípios. Destes, somente 331 declararam ter completado seus planos, segundo dados divulgados pelo Ministério (MOBILIZE BRASIL, 2022).

A Lei de Mobilidade Urbana de 2012 e a proposição dos Planos de Mobilidade Urbana abriram novos caminhos a fim de mudar esta situação. É essencial colocar os pedestres no centro das ações e propostas, além de substituir a visão técnica tradicional e limitada de implantar sinalização para pedestres nos cruzamentos críticos pelo conceito de “redes de caminhadas”, permitindo que o espaço urbano possa ser usado por todos em condições de segurança e conforto. (ANDRADE, LINKE, 2017, p. 53).

Cabe destacar que, até o momento, nenhum dos municípios da área conurbada da Grande Florianópolis dispõe de um Plano de Mobilidade Municipal.

2.3.1 A qualidade dos espaços livres públicos para os deslocamentos urbanos a pé

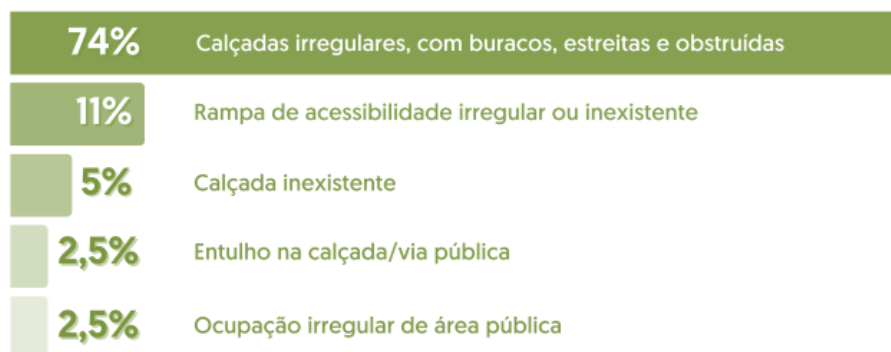
As vias urbanas, ruas e calçadas, são a principal infraestrutura do espaço público por onde ocorrem os deslocamentos urbanos a pé.

O estudo sobre a mobilidade urbana nas ruas das capitais brasileiras elaborado pela organização Mobilize Brasil (2012) recomenda que a valorização dos espaços públicos de circulação deve ser feita a partir das seis premissas abaixo:

- I. Revisão das práticas de limpeza pública e conservação de calçadas, jardins, praças e outras áreas de convívio urbano;
- II. Melhoria da iluminação pública em calçadas e ciclovias;
- III. Melhoria da arborização e do paisagismo ao longo das vias e calçadas;
- IV. Organização e o posicionamento de vendedores ambulantes de modo a evitar barreiras a pedestres;
- V. Criação de zonas de estacionamento pago nas áreas mais movimentadas das cidades, de forma a estimular o uso mais racional dessas vagas;
- VI. Criação de zonas livres de carros em áreas centrais e centros de bairros.

De acordo com o Instituto Corrida Amiga, através da campanha Calçada Cílada tendo sua última edição realizada em 2021, em que eram realizados registros de problemas encontrados nas calçadas de 22 municípios de 10 estados brasileiros. Conforme demonstrado na Figura 7, o principal problema encontrado foram calçadas irregulares, que inclui calçadas estreitas, obstruídas e esburacadas. A falta de acessibilidade e a completa inexistência de calçadas também foram problemas que se destacaram nos registros (CORRIDA AMIGA, 2021).

Figura 7 – Categorias de problemas encontrados nas calçadas.



Fonte: Corrida Amiga (2021).

O Relatório denominado Ruas Completas publicado pelo Instituto WRB Brasil em 2021 apresenta o conceito de ruas completas voltadas para a realidade brasileira. A rua completa facilita a mobilidade urbana e a convivência entre todos que a utilizam através de acesso seguro, confortável e conveniente para todas as pessoas, independentemente das habilidades de locomoção e do modo de transporte utilizado. A principal característica das ruas completas é o foco nas pessoas, uma vez que priorizam a segurança dos usuários mais vulneráveis das vias e a acessibilidade universal. A aplicabilidade do conceito de ruas completas no Brasil é reforçada pelo seu alinhamento com as diretrizes da Política Nacional de Mobilidade Urbana, estabelecida pela Lei nº 12.587 (2012).

Pensar em estratégias de melhoramento do espaço urbano para o deslocamento a pé passa pela análise dos índices de caminhabilidade no meio. Caminhabilidade entendida como o quanto uma área é apropriada para caminhar; o que está relacionado à fluidez do deslocamento a pé.

Assim, “a necessidade de desenvolver novos métodos para coletar e analisar dados de atividades de caminhada está crescendo para fornecer sugestões e recomendações aos projetos de cidades mais caminháveis” (BANDINI; GASPARINI 2021).

Existem diversas formas de se mensurar os índices de caminhabilidade. Cada pesquisador pode identificar o conjunto de atributos adequados para definir a caminhabilidade do local.

Bradshaw (1993) propôs a criação de um índice de caminhabilidade determinada através da densidade populacional, quantidade de vagas de estacionamento, de bancos, chance de

conhecer pessoas ao caminhar, idade para poder caminhar sozinho, segurança, trânsito, lugares de destaque, distância de parques, característica das calçadas. Posteriormente, alguns outros índices procuraram identificar os locais com maior potencial para caminhar (ACKERSON, 2005; RODRIGUES *et al.*, 2014; TALEN; KOSCHINSKY, 2013), já outros focaram no acesso ao transporte (PAIXÃO; DELGADO, 2014; PASSMORE, 2007). Também há àqueles que concentraram seus estudos na associação do caminhar com elementos socioeconômicos e com o ambiente construído (AMANCIO, 2005; CERVERO *et al.*, 2009; CERVERO; KOCKELMAN, 1997). Os pesquisadores têm procurado associar essas métricas com o comportamento dos pedestres, uma vez que melhores condições de calçadas e seu entorno podem corresponder a uma maior atividade de caminhada (HUMBERTO *et al.*, 2019).

Desenvolvido nos Estados Unidos, o índice *Walk Score* confere pontuações para classificar graus de acessibilidade em endereços de diversas cidades ao redor do mundo. Para isso, utilizam-se dados coletados de fontes como *Google, Factual, Great Schools, Open Street Map, US Census, Localeze* e lugares adicionados pela comunidade de usuários do *Walk Score* (WALK SCORE, 2022).

No Brasil, o Instituto de Política de Transporte e Desenvolvimento (ITDP), organização sem fins lucrativos sediada em Nova York e com unidade brasileira instalada no Rio de Janeiro, RJ, desenvolveu em 2016 um índice de caminhabilidade denominado ICam, talvez o índice de caminhabilidade mais conhecido nacionalmente. O Índice de Caminhabilidade (iCam) é uma ferramenta que permite mensurar, segundo o instituto, as características do ambiente urbano determinantes para a circulação dos pedestres, bem como apresentar recomendações a partir dos resultados obtidos na avaliação.

A primeira versão do índice de caminhabilidade (ICam) passou por um aperfeiçoamento com o objetivo de aumentar o potencial de aplicação da ferramenta nas cidades brasileiras, segundo o instituto, com a redução dos indicadores e disponibilização de uma planilha para facilitar a aplicação nas cidades. Assim, dois anos depois, foi lançada a versão 2.0 desta metodologia.

De acordo o Instituto,

incentivar as viagens a pé e em bicicleta exige a garantia de espaços seguros, de calçadas sem buracos e obstáculos, com iluminação e travessias seguras de pedestres e com boa infraestrutura. Dependendo do usuário, viagens de até 2 km podem ser realizadas a pé, reduzindo a dependência de veículos automotivos (ITDP, 2022).

A versão 2.0 do índice de caminhabilidade desenvolvido pelo ITDP (2018) é composta por 15 indicadores agrupados em 6 diferentes categorias (Figura 8): segurança viária, atração, calçada, ambiente, mobilidade, segurança pública. A revisão do ICam foi importante para a adequação dos indicadores às categorias, viabilidade para a coleta dos dados, rigor e equivalência nas métricas propostas e atribuição de pesos. Deste processo resultou uma composição mínima do índice, sem prejuízo à capacidade da ferramenta em apresentar um diagnóstico amplo e preciso da experiência de caminhar no contexto das cidades brasileiras.

Figura 8 – Categorias do índice de caminhabilidade Icam.



Fonte: ITDP (2018).

O quadro que segue ilustra os indicadores avaliados pelo Icam 2.0 dentro de cada uma destas 6 categorias:

Quadro 3 – Indicadores do Icam e suas categorias.

SEGURANÇA VIÁRIA:	ATRAÇÃO:	CALÇADA:
<ul style="list-style-type: none"> - Tipologias de ruas; - Travessias para pedestres. 	<ul style="list-style-type: none"> - Fachadas permeáveis (física e visualmente); - Uso público diurno e noturno; - Usos mistos do solo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Largura; - Pavimentação.
AMBIENTE:	MOBILIDADE:	SEGURANÇA PÚBLICA:
<ul style="list-style-type: none"> - Sombra e abrigo; - Poluição sonora; - Coleta de lixo/ limpeza. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dimensão de quadras; - Distância até o transporte. 	<ul style="list-style-type: none"> - Iluminação; - Fluxo de pedestres diurno e noturno.

Fonte: Elaborado pela autora (2022) a partir de ITDP (2018).

O estudo desenvolvido por Francisco (2019) que procurou avaliar a caminhabilidade no centro histórico de Laguna, SC, através deste índice, identificou que a qualidade insatisfatória das calçadas foi o principal problema encontrado, o que prejudica especialmente idosos e demais pessoas com mobilidade reduzida.

Este índice prioriza alguns indicadores em detrimento de outros, e o instituto desenvolvedor comenta, ao final da publicação da ferramenta quando sugere análises complementares, que um dos grandes desafios no desenvolvimento do índice se deu na avaliação da pertinência dos indicadores a serem priorizados. A presença de vegetação e de mobiliário urbano, que têm aparecido em pesquisas sobre o tema como elementos importantes para a caminhada de pessoas idosas, não consta nos indicadores deste índice, por exemplo.

O instituto traz ainda na página onde disponibiliza a ferramenta, um formulário para contribuições para a melhoria do índice caso alguém tenha utilizado a ferramenta para avaliar a caminhabilidade em suas cidades.

Assim, esta pesquisa se desenvolve no sentido de contribuir com aportes teóricos que possam auxiliar no embasamento de tais avaliações.

2.4 OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS E A ATIVIDADE DE CAMINHAR DA PESSOA IDOSA

Os declínios relacionados à saúde e ao envelhecimento influenciam na experiência ao caminhar. Segundo pesquisas, idosos mais próximos dos 60 anos dão maior importância para os elementos da paisagem na sua caminhabilidade. À medida de a idade se afasta dos 60 anos, os idosos tendem a assumir posturas mais imprudentes ao atravessarem as vias e possuem um menor vínculo com os elementos da paisagem na caminhada (DISTEFANO *et al.*, 2021). O avançar da idade, faz com que as capacidades sensoriais e, portanto, de decifrar o ambiente decaem, o que faz com que sejam menores as percepções urbanas dessas pessoas (TILLEY *et al.*, 2017).

O medo de queda tende a ficar maior conforme o aumento da idade. Em ambientes mais densamente urbanizados e com pouco ou nenhuma preocupação com a caminhabilidade e com elementos de paisagem, a tendência é um aumento deste medo (O'HERN; OXLEY, 2015). Uma

vez que os idosos com o decorrer da idade adquirem algumas debilitações físicas, as barreiras físicas devem ser pauta das pesquisas sobre envelhecimento. Assim, além de reduzir e eliminar as barreiras ambientais para dar qualidade à vida dos idosos enfermos, conforme demonstraram as pesquisas passadas, faz-se necessário, na atualidade, o foco na vida saudável dos idosos com provisão de instalações que promovam a saúde holística dos idosos e da sociedade que os permeia para que eles possam viver por mais tempo com uma vida mais saudável (AN LEE; KIM, 2012; HERRMANN-LUNECKE *et al.*, 2021).

Existe uma associação entre “o nível de adequação dos espaços públicos à caminhabilidade do idoso” (ALVES, *et al.*, 2020), bem como a periodicidade com que o idoso pratica a caminhada (BAILLY, *et al.*, 2019). Desse modo, o melhoramento da periodicidade e da qualidade da caminhada se relaciona diretamente a um ambiente urbano melhorado, considerando as muitas variáveis como sensação de segurança, trânsito, clima, etc. (BASBAS *et al.*, 2010; BROOKFIELD *et al.*, 2017).

De acordo com o Guia Global da Cidade Amiga do Idoso (OMS, 2010, p. 13), calçadas “estreitas, desniveladas, com rachaduras, que tenham meio-fio alto, ou que sejam congestionadas ou apresentem obstáculos, são potencialmente perigosas e afetam a capacidade dos idosos caminharem pelas ruas”.

Neste sentido, o documento lista cinco características da calçada “amiga do idoso” que são: a) uma superfície homogênea, plana, antiderrapante; b) larga o bastante para circular em cadeira de rodas; c) rebaixamento do meio-fio para ficar nivelado com a rua; d) remoção de obstáculos como camelôs, carros estacionados e árvores; e) prioridade de acesso para pedestres. Características que tendem a promover o bem-estar do idoso ao se locomover sem maiores dificuldades no espaço público urbano.

A qualidade dos ambientes urbanos da vizinhança é importante para a atividade de caminhar como deslocamento, prática de atividades físicas, atividades de lazer e de socialização. Os centros urbanos com ambientes construídos densos e ultradensos e elementos de paisagem insuficientes fazem com que a população idosa tenha desinteresse nestes percursos devido à dificuldade de cognição decorrente do processo de envelhecimento (BESSER *et al.*, 2018; DELLA JUSTINA, 2021; RAFIEMANZELAT; EMADI; KAMALI, 2017). Assim, é importante identificar, também, o tipo de caminhada realizada pelo idoso, pois se demonstra que enquanto a caminhada de deslocamento mostra uma falta geral de associações dos idosos

com atributos ambientais percebidos, a caminhada recreativa dentro do bairro, normalmente, é positivamente relacionada com a proximidade de instalações recreativas (CERIN *et al.*, 2013).

A influência da distância e do motivo que leva o idoso a caminhar são determinantes para a constância do caminhar. Portanto, se faz necessário entender a experiência do idoso em seu bairro (CHIPPENDALE; BOLTZ, 2015; CERIN *et al.*, 2020). Nas situações em que há a necessidade de um grande deslocamento para o acesso aos locais mais favoráveis para caminhar, grande parte dos idosos escolhe outra forma de atividade física ou lazer e deixa a caminhada em segundo plano (CURL; MASON, 2019).

Além disso, os comportamentos de caminhada dos idosos têm sido associados a atributos ambientais objetivos e percebidos da vizinhança e do nível da rua, como qualidade do pavimento e usos mistos do solo. Outros aspectos cotidianos como degraus, meio-fio e calçadas com pavimentos irregulares são empecilho para a mobilidade ao ar livre dos idosos, enquanto a presença de corrimãos e bancos encorajam e incentivam o movimento desta população (BROOKFIELD *et al.*, 2017).

Portanto, fatores de caminhabilidade, como o tipo de pavimentação, sua distribuição e uniformidade são elementos importantes (THIES *et al.*, 2011). E, tão importante quanto estes elementos são os da paisagem, uma vez que os idosos preferem lugares menos estressantes, caracterizados por espaços que possuem configuração mais ampla, com elementos de paisagem, áreas verdes, mais tranquilas e com satisfatório nível de caminhabilidade (VEGI *et al.*, 2020).

A presença de áreas públicas verdes como parques, praças, corredores verdes nas proximidades da moradia dos idosos influencia positivamente na taxa de caminhada de idosos. O espaço verde urbano tem efeitos restauradores nos idosos (NEALE *et al.*, 2017; CERIN *et al.*, 2016; DISTEFANO *et al.*, 2021; AN; LEE; KIM, 2012). Assim, as políticas públicas devem se preocupar com esses espaços e também com aqueles que fazem a ligação deles até onde o idoso reside, ou seja, as calçadas (JORGENSEN; ANTHOPOULOU, 2007; SCHUETT *et al.*, 2016; LOUKAITOU-SIDERIS *et al.*, 2016; FINLAY *et al.*, 2015; CERIN *et al.*, 2013).

No que se refere a caminhada recreativa, Demarco (2020) sintetizou a partir de uma revisão de literatura atributos que conferem qualidade ao espaço urbano para a caminhada no lazer da população idosa. Os atributos encontrados foram os relacionados à acessibilidade, principalmente no que se refere a qualidade das calçadas e proximidade da residência, levando-se em consideração especialmente a redução da mobilidade da população idosa; à dimensão

visual da paisagem, em especial a presença de elementos naturais como vegetação e água; à disponibilidade de infraestrutura, especialmente no que se refere a espaços para descanso, pistas de caminhada e presença de sanitários; e aspectos relacionados à segurança.

Em Florianópolis, a percepção dos idosos que caminham com relação ao bairro onde habitam foi a seguinte:

No geral, os idosos percebem que a vizinhança possui comércios próximos (91,2%), restaurantes, padaria (90,0%) e ponto de ônibus (97,8%). Apenas 41,7% relata ser seguro caminhar a noite na vizinhança, 41,8% percebe que há ciclovias no entorno da residência e 30,0% reporta que existem muitos crimes no bairro. De modo geral, mulheres percebem a vizinhança como mais insegura e com menores atrativos para caminhar e fazer atividade física quando comparadas aos homens (EPIFLORIPA, 2020, p. 134).

Nota-se com esses dados que o comércio e toda a infraestrutura local no bairro parece fazer a diferença para que o idoso caminhe mais por seu bairro. Ao se analisar a quantidade de idosos que pratica atividade por 150 minutos ou mais a pé caminhando ou de bicicleta, indo e voltando de algum lugar, notou-se que a frequência de idosos que praticam essa modalidade foi de 27,2%, com a maioria do sexo masculino, 32,8% contra 24%.

A pesquisa não buscou identificar os motivos dos índices mais altos de atividade física que estão relacionados ao sexo masculino, uma possibilidade seja a percepção da segurança que, no caso das mulheres idosas, pode ser um fator definidor para caminhar por determinados lugares e em determinados horários.

A caminhada do idoso da região de Florianópolis deve ser vista com bastante atenção, vez que a Oficina realizada pelo grupo Integra NETI (Núcleo de Estudos da Terceira Idade) constatou que a cidade “precisa de uma série de ajustes no que se refere a espaços abertos, como, por exemplo, espaços verdes bem conservados e seguros, com abrigos adequados e calçadas niveladas, regulares e bem cuidadas” (NETI, 2019).

Della Justina (2021) apresenta um estudo que relaciona o índice de caminhabilidade com a caminhada no deslocamento de idosos em Florianópolis. Segundo o autor, o instrumento *Neighborhood Environment Walkability Scale* (NEWS) é um instrumento válido para prever o quanto o local é amigável à caminhada no contexto brasileiro e foi diretamente associado com a prevalência de alguma caminhada ou caminhada regular em idosos. Esse questionário aborda questões sobre infraestrutura para pedestres e ciclistas, estética do local, acessibilidade,

comércio próximo, barreiras para o deslocamento ativo, segurança no trânsito e segurança quanto à criminalidade no percurso de uma pessoa de 10 a 15 minutos do bairro.

A pesquisa de Della Justina (2021) reporta que a maior parte dos idosos (52,4%) não possui ruas planas na vizinhança. Ainda, os idosos em sua maioria informam realizar alguma caminhada, ao menos uma vez por semana (65,7%). Concluiu-se que o espaço público urbano pode desempenhar papel importante na saúde dos idosos, ajudando-os a preservar sua mobilidade, independência e qualidade de vida por meio da caminhada. Outro dado importante é que o resultado da pesquisa remete que, “independentemente da renda contextual, é possível estimular a caminhada no deslocamento da população nos locais de baixa renda com intervenções concentradas no ambiente construído”. Acrescenta-se que as informações provenientes do índice de caminhabilidade são relevantes e possuem um grande potencial como uma opção eficaz, conveniente e de baixo custo para auxiliar no planejamento de políticas públicas voltadas à mobilidade urbana da cidade de Florianópolis.

É mais do que notória a dificuldade enfrentada pela pessoa idosa em se locomover é um fato que necessita de preparos especiais no percurso urbano para que os contemple como usuários ativos dos espaços públicos urbanos. Isso visa garantir não somente o bem-estar físico e mental da pessoa idosa, mas também a sua dignidade por meio da garantia de sua autonomia de locomoção por meio do caminhar (ZHAI; BARAN, 2017; YUNG; CONEJOS; CHAN, 2016; MITRA; SIVA; KEHLER, 2015; PLESON *et al.*, 2014; THOMPSON *et al.*, 2014).

É possível perceber também que algumas mudanças simples no espaço urbano como iluminação pública, banheiros públicos, bancos e pontos de transporte público podem fazer a diferença. Esses elementos urbanos que incentivam a caminhada podem ajudar os idosos a substituir algum tempo sentado em casa e no transporte motorizado por atividades de intensidade leve a moderada, como passear pela vizinhança ou caminhar de/para destinos da vizinhança (BARNETT *et al.*, 2015).

Outros fatores também podem interferir na escolha por caminhar ou não. Afinal, a atividade de caminhar também expõe os idosos a riscos de segurança, inclusive devido a acidentes de trânsito. Com o passar da idade, a velocidade de locomoção é reduzida, principalmente devido à marcha das pessoas idosas, o que influencia na dificuldade e desejo pela atividade de caminhar e na escolha por meios passivos de locomoção. A fim de se mitigar esses efeitos, os espaços urbanos devem ser projetados com foco nas pessoas e não nos

automóveis (LEE *et al.*, 2013; BARNETT *et al.*, 2015; CERIN *et al.*, 2020; HORAK *et al.*, 2022). A presença de vias destinadas aos pedestres e que sejam sinalizadas e suficientemente largas, mostram um aumento da escolha por caminhar tanto para o lazer quanto para outras atividades que exijam se movimentar (CERIN *et al.*, 2013).

A extensa lista de problemas encontrados em relação à infraestrutura básica para a prática de deslocamentos a pé, como calçadas e travessias para pedestres, parece ofuscar outros elementos da ambiência urbana que poderiam atuar como incentivadores da caminhada, como os relacionados à paisagem que se observa enquanto se caminha. Assim, ao se investigar atributos da paisagem encorajadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais, este estudo busca identificar em que medida os atributos da paisagem atuam como incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais.

2.4.1 Atributos do espaço e da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais

Este item traz os resultados da revisão sistematizada da literatura que buscou responder a seguinte questão: quais os atributos do espaço e da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais?

Vários aspectos cotidianos de ambientes urbanos podem, em combinação com fatores relacionados à pessoa, ter um impacto positivo na mobilidade ativa ao ar livre de diversos idosos. Assim como os atributos positivos, também há percepções negativas de certos ambientes que afastam os idosos das atividades físicas e deslocamentos através do caminhar.

A partir dos estudos analisados, os atributos foram separados em quatro categorias presentes nos quadros 4 ao 7: paisagem, acessibilidade, infraestrutura e segurança. O uso misto do solo, a presença de vegetação (ambos, categoria paisagem) e a presença de espaços recreativos (categoria infraestrutura) são os principais atributos encorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais. Já em relação aos aspectos negativos, o tráfego intenso de veículos (categoria paisagem), a baixa qualidade das calçadas e a existência de barreiras físicas de mobilidade (ambos categoria acessibilidade) como presença de degraus e rampa muito

íngremes afasta os idosos da preferência pela caminhada, sendo que os três aspectos mais mencionados estão relacionados a receio e risco de quedas.



Cabe destacar que no que se refere aos aspectos gerais da paisagem, as questões relacionadas à segurança foram as menos mencionadas, tanto positiva como negativamente. Os atributos relacionados à infraestrutura foram os mais diversos, porém com menções pouco frequentes. Já o tema acessibilidade é o assunto mais discorrido, com profundidade nas bibliografias encontradas, principalmente no que se refere à qualidade das calçadas e as barreiras físicas de mobilidade.

2.4.1.1 Paisagem

Esta categoria agrupa indicadores referentes à paisagem que possam potencializar a atração ou reduzi-la para as condições de caminhabilidade. Esses indicadores estão relacionados a aspectos de presença ou ausência do uso misto do solo, presença ou ausência de vegetação, intensidade do trânsito de veículos, presença de convívio urbano, presença de corpos hídricos, densidade populacional, presença de ciclistas, ausência de manutenção urbana, estética local e presença de cães.

No quadro 4 é possível verificar a frequência dos atributos da paisagem incentivadores (verde) e desencorajadores (vermelho) em relação aos estudos analisados, as referências dos autores e um breve resumo de cada.

Quadro 4 – Atributos da paisagem em relação à caminhada dos idosos.

CATEGORIA	ATRIBUTO	REVISÃO DE LITERATURA		RESUMO
		FREQ.	REFERÊNCIAS	
PAISAGEM	USO MISTO DO SOLO	17 	ALVES, <i>et al.</i> , 2020 BARNETT, <i>et al.</i> , 2015 BESSER, <i>et al.</i> , 2018 BROOKFIELD, <i>et al.</i> , 2017 CERIN, <i>et al.</i> , 2016 CERIN, <i>et al.</i> , 2020 CURL; MASON, 2019 DUJARDIN, <i>et al.</i> , 2014 HORAK, <i>et al.</i> , 2022 LEE, <i>et al.</i> , 2013 MARQUET; MIRALLES-GUASCH, 2015 MARQUET; MIRALLES-GUASCH, 2015 PLAUT, <i>et al.</i> , 2021 RIBEIRO, <i>et al.</i> , 2013 RICHARD, <i>et al.</i> , 2008 VEGI, <i>et al.</i> , 2020 WU, <i>et al.</i> , 2019	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE USO MISTO DO SOLO: <ul style="list-style-type: none"> – Comércio local; – Vitalidade do local; • Diversidade de oportunidades.
		4 	BESSER, <i>et al.</i> , 2018 MARQUET; MIRALLES-GUASCH, 2015 O'HERN; OXLEY, 2015 PLAUT, <i>et al.</i> , 2021	<ul style="list-style-type: none"> • AUSÊNCIA DE COMÉRCIO LOCAL: • Preferência em ficar em casa.

VEGETAÇÃO	14 +	ALVES, <i>et al.</i> , 2020 CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014 DUJARDIN, <i>et al.</i> , 2014 FARIAS, <i>et al.</i> , 2018 FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, <i>et al.</i> , 2017 LEE, <i>et al.</i> , 2019 NEALE, <i>et al.</i> , 2017 NEALE, <i>et al.</i> , 2019 PLAUT, <i>et al.</i> , 2021 RICHARD, <i>et al.</i> , 2008 TILLEY, <i>et al.</i> , 2017 VEGI, <i>et al.</i> , 2020 WANG, <i>et al.</i> , 2020 WU, <i>et al.</i> , 2019	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE VEGETAÇÃO: <ul style="list-style-type: none"> – Sombreamento; – Qualidade visual; – Bem-estar.
	1 -	PLAUT, <i>et al.</i> , 2021	<ul style="list-style-type: none"> • AUSÊNCIA DE VEGETAÇÃO: <ul style="list-style-type: none"> – Falta de sombra.
TRÂNSITO DE AUTOMÓVEIS	13 -	ALVES, <i>et al.</i> , 2020 BANDINI; GASPERINI, 2021 BARNETT, <i>et al.</i> , 2015 BROOKFIELD, <i>et al.</i> , 2017 CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014 DISTEFANO, <i>et al.</i> , 2021 DUJARDIN, <i>et al.</i> , 2014 HERRMANN-LUNECKE, <i>et al.</i> , 2021 LEE, <i>et al.</i> , 2013 NEALE, <i>et al.</i> , 2017 NEALE, <i>et al.</i> , 2019 PLAUT, <i>et al.</i> , 2021 TILLEY, <i>et al.</i> , 2017 WU, <i>et al.</i> , 2019	<ul style="list-style-type: none"> • TRÁFEGO INTENSO DE VEÍCULOS: <ul style="list-style-type: none"> – Dificuldade de atravessamento em nas vias, principalmente, em cruzamentos; – Falta de segurança; – Medo e risco de queda; – Barulho; – Distração; – Estresse.
	1 +	NEALE, <i>et al.</i> , 2019	<ul style="list-style-type: none"> • BAIXO TRÁFEGO DE VEÍCULOS: <ul style="list-style-type: none"> – Tranquilidade; – Silêncio; – Atenção; – Bem-estar.
CONVÍVIO URBANO	7 +	BAILLY, <i>et al.</i> , 2018 CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014 CURL; MASON, 2019 LOO, <i>et al.</i> , 2017 MARQUET; MIRALLES-GUASCH, 2015 RIBEIRO, <i>et al.</i> , 2013 TILLEY, <i>et al.</i> , 2017	<ul style="list-style-type: none"> • ALTO CONVÍVIO URBANO: <ul style="list-style-type: none"> – Interação social; – Parceiros de caminhada; – Incentivo à prática de atividade física; – Bem-estar mental.
CORPOS HÍDRICOS	4 +	CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014 FARIAS, <i>et al.</i> , 2018 FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, <i>et al.</i> , 2017 PLAUT, <i>et al.</i> , 2021	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE CORPOS HÍDRICOS: <ul style="list-style-type: none"> – Qualidade visual; – Bem-estar.
DENSIDADE POPULACIONAL	3 +	LOO, <i>et al.</i> , 2017 MACIOSZEK, <i>et al.</i> , 2022 MARQUET; MIRALLES-GUASCH, 2015	<ul style="list-style-type: none"> • AMBIENTES MUITO ADENSADOS: <ul style="list-style-type: none"> – Tendência a ir para esses locais.
	1 -	LOO, <i>et al.</i> , 2017	<ul style="list-style-type: none"> • AMBIENTES POUCO ADENSADOS: <ul style="list-style-type: none"> – Preferência em ficar em casa.
CICLISTAS	3 -	BROOKFIELD, <i>et al.</i> , 2017 CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014 WU, <i>et al.</i> , 2019	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE CICLISTAS: <ul style="list-style-type: none"> – Receio de atropelamento – Dificuldade de atravessamento em nas vias.
MANUTENÇÃO URBANA	2 -	BROOKFIELD, <i>et al.</i> , 2017 TILLEY, <i>et al.</i> , 2017	<ul style="list-style-type: none"> • FALTA DE MANUTENÇÃO URBANA <ul style="list-style-type: none"> – Presença de muito lixo; – Falta de cuidado nas áreas urbanas.
ESTÉTICA	2 +	BAILLY, <i>et al.</i> , 2018 CURL; MASON, 2019	<ul style="list-style-type: none"> • AGRADABILIDADE DA PAISAGEM: <ul style="list-style-type: none"> – Qualidade visual.
	2 -	CURL; MASON, 2019 HERRMANN-LUNECKE, <i>et al.</i> , 2021	<ul style="list-style-type: none"> • FALTA DE AGRADABILIDADE DA PAISAGEM: <ul style="list-style-type: none"> – Precariedade de qualidade visual; – Vandalismo, pichações; – Propriedades danificadas – Terrenos baldios.
CÃES	1 -	CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE CÃES: <ul style="list-style-type: none"> – Medo e risco de queda.

Fonte: Autora (2022).

Na maior parte dos estudos analisados, o uso misto do solo é o principal atributo encorajador da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais. A presença do uso misto do solo através do comércio local, principalmente àqueles relacionados à alimentação, como padarias e mercearias, e a diversidade de oportunidades de varejo estimulam a vitalidade do bairro (ALVES, *et al.*, 2020; BARNETT, *et al.*, 2015; BESSER, *et al.*, 2018; BROOKFIELD, *et al.*, 2017; CERIN, *et al.*, 2016; CERIN, *et al.*, 2020; CURL; MASON, 2019; DUJARDIN, *et al.*, 2014; HORAK, *et al.*, 2022; LEE, *et al.*, 2013; MARQUET; MIRALLES-GUASCH, 2015; MARQUET; MIRALLES-GUASCH, 2015; PLAUT, *et al.*, 2021; RIBEIRO, *et al.*, 2013; RICHARD, *et al.*, 2008; VEGI, *et al.*, 2020 ; WU, *et al.*, 2019). Em contrapartida, em bairros predominantemente residenciais, os idosos têm a preferência por permanecer em suas moradias não se deslocando com frequência nos ambientes urbanos (BESSER, *et al.*, 2018; MARQUET; MIRALLES-GUASCH, 2015; O'HERN; OXLEY, 2015; PLAUT, *et al.*, 2021).

A presença de vegetação foi o segundo atributo encorajador mais frequente nas pesquisas analisadas. Os espaços verdes bem cuidados e sombreados são configurações atraentes à caminhada dos idosos em dias quentes. Além disso, estudos relacionados aos idosos mostraram que as atividades de caminhada no entorno da natureza e com a presença de espaços verdes tem efeito restaurador e podem causar bem-estar, alterações positivas de humor, aumento do vigor e redução de tensões e riscos de depressão (ALVES, *et al.*, 2020 / CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014 / DUJARDIN, *et al.*, 2014 / FARIAS, *et al.*, 2018 / FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, *et al.*, 2017 / LEE, *et al.*, 2019 / NEALE, *et al.*, 2019 / NEALE, *et al.*, 2017/ PLAUT, *et al.*, 2021 / RICHARD, *et al.*, 2008 / TILLEY, *et al.*, 2017 / VEGI, *et al.*, 2020 / WANG, *et al.*, 2020 / WU, *et al.*, 2019). A ausência de vegetação desencoraja a caminhada de idosos, uma vez que sem árvores no espaço urbano não há tantos espaços sombreados (PLAUT, *et al.*, 2021).

O tráfego intenso de veículos foi o atributo mais desencorajador da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais. A dificuldade de atravessamento em esquinas no que se refere ao alto tráfego e a redução de visibilidade dos idosos para a percepção dos automóveis nos cruzamentos, o movimento e o barulho influenciam nas percepções afetivas dos idosos na dinâmica veículo-pedestre e elevam a distração e o estresse. Com isso, os idosos se tornam inseguros, com receio de acidentes de trânsito e do tráfego intenso (ALVES, *et al.*, 2020; BANDINI; GASPERINI, 2021; BARNETT, *et al.*, 2015; BROOKFIELD, *et al.*, 2017;

CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014; DISTEFANO, *et al.*, 2021; DUJARDIN, *et al.*, 2014; HERRMANN-LUNECKE, *et al.*, 2021; LEE, *et al.*, 2013; NEALE, *et al.*, 2017; NEALE, *et al.*, 2019; PLAUT, *et al.*, 2021; TILLEY, *et al.*, 2017; WU, *et al.*, 2019). Ambientes urbanos mais tranquilos e silenciosos trazem mais atenção e sensação de relaxamento na caminhada dos idosos (NEALE, *et al.*, 2019).

O convívio urbano através da interação social é muito importante para a atividade de caminhada nos espaços públicos. Ter parceiros de caminhada estimulam os idosos a saírem de suas casas e a praticarem esta atividade física. Ademais, o contato social entre idosos é importante para o bem-estar mental e a frequência de caminhada ao ar livre (BAILLY, *et al.*, 2018; CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014; CURL; MASON, 2019; LOO, *et al.*, 2017; MARQUET; MIRALLES-GUASCH, 2015; RIBEIRO, *et al.*, 2013; TILLEY, *et al.*, 2017).

A presença de corpos hídricos como praia, rios e lagos foi pouco mencionada, contudo, a vista para a água influencia positivamente na caminhada dos idosos na medida que possibilita uma qualidade visual da paisagem e os ambientes com a presença de corpos d'água alteram o humor dos idosos reduzindo o nível de raiva e ansiedade (CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014; FARIAS, *et al.*, 2018; FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, *et al.*, 2017; PLAUT, *et al.*, 2021).

A presença de ciclistas nas vias e, principalmente, nas calçadas afasta os idosos da atividade de caminhada. Os idosos tendem a se sentir inseguros, com receio de atropelamento e com maior dificuldade de atravessamento nas vias com fluxo de ciclistas (BROOKFIELD, *et al.*, 2017; CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014; WU, *et al.*, 2019). Outro fator considerado desagradável é a presença de cães nas ruas, uma vez que os idosos relatam medo e risco de quedas nas áreas urbanas ao esbarrarem com cães entre suas pernas (CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014).

A falta de manutenção urbana com a presença de muito lixo e pouco cuidado nas áreas urbanas são vistas como desagradáveis (BROOKFIELD, *et al.*, 2017; TILLEY, *et al.*, 2017). A qualidade visual percebida pela vizinhança incentiva a caminhada (BAILLY, *et al.*, 2018; CURL; MASON, 2019). Os problemas ambientais como vandalismo, pichações, propriedade danificadas e terrenos baldios tornam as paisagens pouco atrativas para a caminhada (CURL; MASON, 2019; HERRMANN-LUNECKE, *et al.*, 2021).

2.4.1.2 Acessibilidade

A acessibilidade está relacionada a disponibilidade de mobilidade através do caminhar bem como o acesso. Esta categoria agrupa indicadores relacionados às questões das calçadas, barreiras físicas e de mobilidade, distância e tempo e presença de pavimentação tátil

A partir do quadro 5 é possível verificar a frequência dos atributos da acessibilidade incentivadores (verde) e desencorajadores (vermelho) em relação aos estudos analisados, as referências dos autores e um breve resumo de cada.

Quadro 5 – Atributos da acessibilidade em relação à caminhada dos idosos.

CATEGORIA	ATRIBUTO	REVISÃO DE LITERATURA		RESUMO
		FREQ.	REFERÊNCIAS	
ACESSIBILIDADE	CALÇADAS	12 -	ALVES, <i>et al.</i> , 2020 BAILLY, <i>et al.</i> , 2018 BROOKFIELD, <i>et al.</i> , 2017 CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014 DUJARDIN, <i>et al.</i> , 2014 FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, <i>et al.</i> , 2017 HENNAH, <i>et al.</i> , 2021 HERRMANN-LUNECKE, <i>et al.</i> , 2021 LOO, <i>et al.</i> , 2017 PLAUT, <i>et al.</i> , 2021 TILLEY, <i>et al.</i> , 2017 VEGI, <i>et al.</i> , 2020	<ul style="list-style-type: none"> • BAIXA QUALIDADE DAS CALÇADAS: <ul style="list-style-type: none"> - Ausência de calçada; - Calçadas estreitas; - Calçadas mal conservadas; - Pavimentações irregulares ou escorregadias; - Presença de barreiras físicas nas calçadas como: degraus; raízes salientes de árvores; - Rebaixamentos do meio-fio ou meio-fio irregular; - Presença de buracos - Riscos de queda e lesões graves; - Falta de confiança; - Preferência pelo deslocamento com automóveis.
		11 +	ALVES, <i>et al.</i> , 2020 BAILLY, <i>et al.</i> , 2018 BAILLY, <i>et al.</i> , 2018/ BROOKFIELD, <i>et al.</i> , 2017 CERIN, <i>et al.</i> , 2012 CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014 LOO, <i>et al.</i> , 2017 PLAUT, <i>et al.</i> , 2021 VEGI, <i>et al.</i> , 2020 WANG, <i>et al.</i> , 2020 WU, <i>et al.</i> , 2019 WU, <i>et al.</i> , 2019	<ul style="list-style-type: none"> - QUALIDADE DAS CALÇADAS: <ul style="list-style-type: none"> - Planas; - Amplas; - Qualidade do material da pavimentação; - Reduz riscos de queda; - Incentivo à prática de atividade física; - Segurança.
	BARREIRAS FÍSICAS DE MOBILIDADE	10 -	ALVES, <i>et al.</i> , 2020 BARNETT, <i>et al.</i> , 2015 BROOKFIELD, <i>et al.</i> , 2017 CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014 HERRMANN-LUNECKE, <i>et al.</i> , 2021 FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, <i>et al.</i> , 2017 LOO, <i>et al.</i> , 2017 PLAUT, <i>et al.</i> , 2021 VEGI, <i>et al.</i> , 2020 WU, <i>et al.</i> , 2019	<ul style="list-style-type: none"> • PRESENÇA DE BARREIRAS FÍSICAS DE MOBILIDADE: <ul style="list-style-type: none"> - Presença de degraus e escadas; - Presença de rampas muito íngremes; - Presença de obstáculos no passeio: carros; postes; sinalização pública no passeio ou à altura da cabeça dos transeuntes. - Falta de segurança; - Falta de conforto; - Diminui a autonomia; - Medo e risco de queda.
		2 +	ALVES, <i>et al.</i> , 2020 LOO, <i>et al.</i> , 2017	<ul style="list-style-type: none"> • AUSÊNCIA DE BARREIRAS FÍSICAS DE MOBILIDADE: <ul style="list-style-type: none"> - Presença de rampas suaves entre 5 e 8%; - Conforto; - Segurança.

DISTÂNCIA E TEMPO	7 +	ALVES, <i>et al.</i> , 2020 BAILLY, <i>et al.</i> , 2018 MACIOSZEK, <i>et al.</i> , 2022 MARQUET; MIRALLES-GUASCH, 2015 PLAUT, <i>et al.</i> , 2021 VEGI, <i>et al.</i> , 2020 WU, <i>et al.</i> , 2019	<ul style="list-style-type: none"> • PROXIMIDADE E TEMPO REDUZIDO: <ul style="list-style-type: none"> – Sentimento de pertencimento do bairro; – Conectividade, interseções; – Variedade de itinerários; – Incentivo à prática de atividade física.
	3 -	MACIOSZEK, <i>et al.</i> , 2022 MARQUET; MIRALLES-GUASCH, 2015 O'HERN; OXLEY, 2015	<ul style="list-style-type: none"> • LONGA DISTÂNCIA E MAIOR TEMPO: <ul style="list-style-type: none"> – Preferência pelo deslocamento com automóveis. – Preferência em ficar em casa.
PAVIMENTAÇÃO TÁTIL	2 -	BROOKFIELD, <i>et al.</i> , 2017 THIES, <i>et al.</i> , 2011	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE PAVIMENTAÇÃO TÁTIL: <ul style="list-style-type: none"> – Atrapalha a caminhada; – Superfícies irregulares; – Alteração da estabilidade; – Risco de queda.

Fonte: Autora (2022).

A acessibilidade influencia consideravelmente a escolha ou não do deslocamento a pé das pessoas com 60 anos ou mais, principalmente no que se refere às condições das calçadas e as barreiras físicas existentes nas áreas urbanas. A ausência de calçada, a largura reduzida, a presença de calçadas malconservadas, com pavimentações irregulares ou escorregadias, a presença de degraus, de raízes salientes das árvores e de buracos podem desestimular a atividade de caminhar dos idosos nos espaços públicos urbanos (ALVES, *et al.*, 2020; BAILLY, *et al.*, 2018; BROOKFIELD, *et al.*, 2017; CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014; DUJARDIN, *et al.*, 2014; FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, *et al.*, 2017; HENNAH, *et al.*, 2021; HERRMANN-LUNECKE, *et al.*, 2021; LOO, *et al.*, 2017; PLAUT, *et al.*, 2021; TILLEY, *et al.*, 2017; VEGI, *et al.*, 2020).

O meio-fio das calçadas também é relatado como um empecilho para os idosos, sendo que muitos relatam a dificuldade de se caminhar nos rebaixamentos da calçada para acesso de veículos ou na existência de meio-fio irregulares. Calçadas mal conservadas podem gerar quedas e resultar em lesões graves nos idosos, além de se estabelecer uma falta de confiança para retornar a caminhar novamente nos ambientes urbanos, caso esses fatos aconteçam (ALVES, *et al.*, 2020; BAILLY, *et al.*, 2018; BROOKFIELD, *et al.*, 2017; CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014; DUJARDIN, *et al.*, 2014; FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, *et al.*, 2017; HENNAH, *et al.*, 2021; HERRMANN-LUNECKE, *et al.*, 2021; LOO, *et al.*, 2017; PLAUT, *et al.*, 2021; TILLEY, *et al.*, 2017; VEGI, *et al.*, 2020). A qualidade das calçadas é de suma importância para o caminhar dos idosos, sendo planas, amplas, revestidas com materiais de qualidade, o que traz segurança e reduz assim os riscos de quedas, resultando em um incentivo

da caminhada como prática de atividade física (ALVES, *et al.*, 2020; BAILLY, *et al.*, 2018; BAILLY, *et al.*, 2018; BROOKFIELD, *et al.*, 2017; CERIN, *et al.*, 2012; CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014; LOO, *et al.*, 2017; PLAUT, *et al.*, 2021; VEGI, *et al.*, 2020; WANG, *et al.*, 2020 | WU, *et al.*, 2019 | WU, *et al.*, 2019).

A maior parte dos autores que cita as calçadas como desencorajadoras da caminhada também menciona as barreiras físicas de mobilidade como empecilhos para a caminhada dos idosos em meios urbanos. A presença de degraus, escadas ou declives muito íngremes faz com que os idosos exerçam um maior esforço físico que se comparado aos ambientes planos. Assim, quando se há a opção de escolha, os idosos preferem os locais planos ou as rampas suaves com inclinações entre 5 e 8%, pois se sentem mais seguros e confortáveis (ALVES, *et al.*, 2020; LOO, *et al.*, 2017). Além disso, a autonomia é fundamental para a vida urbana dos idosos e a presença dessas barreiras inibem o deslocamento dos idosos e aumentam o risco de quedas e o medo de cair (ALVES, *et al.*, 2020; BROOKFIELD, *et al.*, 2017; CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014; HERRMANN-LUNECKE, *et al.*, 2021; LOO, *et al.*, 2017; PLAUT, *et al.*, 2021; PLAUT, *et al.*, 2021; VEGI, *et al.*, 2020; WU, *et al.*, 2019).

Quanto à distância e o tempo, os autores afirmam que a distância adequada para a caminhada do idoso está entre 400 a 800 metros e o tempo médio para a caminhada de deslocamento é de 10 minutos e 30 minutos para caminhadas mais rápidas e com o objetivo de atividade física (ALVES, *et al.*, 2020). As caminhadas nas proximidades do bairro de moradia reforçam o sentimento de pertencimento dos idosos em sua comunidade local, o que torna a escala do bairro essencial para o planejamento urbano centrado nas pessoas (ALVES, *et al.*, 2020; BAILLY, *et al.*, 2018; MACIOSZEK, *et al.*, 2022; MARQUET; MIRALLES-GUASCH, 2015; PLAUT, *et al.*, 2021; VEGI, *et al.*, 2020; WU, *et al.*, 2019).

A conectividade das vias, as intersecções e a variedade de itinerários influenciam positivamente na prática de caminhar como atividade física (ALVES, *et al.*, 2020; BAILLY, *et al.*, 2018; MACIOSZEK, *et al.*, 2022; MARQUET; MIRALLES-GUASCH, 2015; PLAUT, *et al.*, 2021; VEGI, *et al.*, 2020; WU, *et al.*, 2019). Em contrapartida, as longas distâncias e maior tempo de deslocamento desestimulam a caminhada, dando-se preferência pelo deslocamento automobilístico e de permanecer na moradia (MACIOSZEK, *et al.*, 2022; MARQUET; MIRALLES-GUASCH, 2015; O'HERN; OXLEY, 2015).

A presença de obstáculos no passeio como carros, postes, anúncios e placas de sinalização desencoraja os idosos a caminharem (ALVES, *et al.*, 2020; BARNETT, *et al.*, 2015; FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, *et al.*, 2017; HERRMANN-LUNECKE, *et al.*, 2021). As calçadas e demais circulações de pedestres que auxiliam o percurso e alertam a pessoa com deficiência visual atrapalha a caminhada dos idosos. A altura da saliência do piso tátil tem efeito adverso no caminhar do idoso, tendo como consequência a redução de estabilidade corporal do idoso, a interrupção do ritmo de caminhada e aumento do risco de quedas (BROOKFIELD, *et al.*, 2017; THIES, *et al.*, 2011).

2.4.1.3 Infraestrutura

Nesta categoria, entende-se por infraestrutura todos os sistemas físicos e construtivos disponíveis no meio urbano para o bem-estar e qualidade da atividade de caminhar. Assim, a presença de espaços recreativos, bancos, pistas de caminhada, iluminação pública, locais de interação social, sanitários, equipamentos de ginástica urbanos, corrimãos, sombreamentos artificiais construtivos, paradas de transporte coletivo, sinalização urbana, semáforos, canteiros e drenagem urbana foram os indicadores analisados referentes a esta categoria.

A partir do quadro 6 é possível verificar a frequência dos atributos da infraestrutura incentivadores (verde) e desencorajadores (vermelho) em relação aos estudos analisados, as referências dos autores e um breve resumo de cada.

Quadro 6 – Atributos da infraestrutura em relação à caminhada dos idosos.

CATEGORIA	ATRIBUTO	REVISÃO DE LITERATURA		RESUMO
		FREQ.	REFERÊNCIAS	
INFRAESTRUTURA	ESPAÇOS RECREATIVOS	10 +	BARNETT, <i>et al.</i> , 2015 BROOKFIELD, <i>et al.</i> , 2017 CERIN, <i>et al.</i> , 2016 / CERIN, <i>et al.</i> , 2020 / CERIN, <i>et al.</i> , 2012 FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, <i>et al.</i> , 2017 RIBEIRO, <i>et al.</i> , 2013 RICHARD, <i>et al.</i> , 2008 SUZUKI, <i>et al.</i> , 2012 VEGI, <i>et al.</i> , 2020	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE ESPAÇOS RECREATIVOS: – Incentivo à prática de atividade física; – Reduz a preferência em ficar em casa; – Reduz riscos de queda e mortalidade precoce; – Espaços de encontro, interação social.
	BANCOS	6 +	ALVES, <i>et al.</i> , 2020 BROOKFIELD, <i>et al.</i> , 2017 CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014 FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, <i>et al.</i> , 2017 O'HERN; OXLEY, 2015 PLAUT, <i>et al.</i> , 2021	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE BANCOS: – Pontos de descanso; – Deslocamentos mais longos.

PISTA DE CAMINHADA	4 +	BAILLY, <i>et al.</i> , 2018 BROOKFIELD, <i>et al.</i> , 2017 CERIN, <i>et al.</i> , 2012 FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, <i>et al.</i> , 2017	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE PISTA DE CAMINHADA: <ul style="list-style-type: none"> – Rotas específicas de demarcação; – Sinalizadores.
ILUMINAÇÃO PÚBLICA	4 -	BARNETT, <i>et al.</i> , 2015 BROOKFIELD, <i>et al.</i> , 2017 CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014 FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, <i>et al.</i> , 2017	<ul style="list-style-type: none"> • BAIXA QUALIDADE OU AUSÊNCIA DA ILUMINAÇÃO: <ul style="list-style-type: none"> – Preferência pelo deslocamento com automóveis; – Insegurança contra o crime; – Medo e risco de queda.
	2 +	ALVES, <i>et al.</i> , 2020 VEGI, <i>et al.</i> , 2020	<ul style="list-style-type: none"> • QUALIDADE DA ILUMINAÇÃO PÚBLICA: <ul style="list-style-type: none"> – Segurança contra o crime; – Incentivo a caminhadas noturnas.
LOCAIS DE INTERAÇÃO SOCIAL	3 +	BARNETT, <i>et al.</i> , 2015 BESSER, <i>et al.</i> , 2018 RICHARD, <i>et al.</i> , 2008	<ul style="list-style-type: none"> – PRESEÇA DE LOCAIS DE INTERAÇÃO SOCIAL: <ul style="list-style-type: none"> – Locais de culto; – Centros comunitários; – Incentivo a frequência.
	2 -	BESSER, <i>et al.</i> , 2018 O'HERN; OXLEY, 2015	<ul style="list-style-type: none"> • AUSÊNCIA DE LOCAIS DE INTERAÇÃO SOCIAL: <ul style="list-style-type: none"> – Preferência em ficar em casa.
SANITÁRIOS	2 +	BROOKFIELD, <i>et al.</i> , 2017 FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, <i>et al.</i> , 2017	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE SANITÁRIOS: <ul style="list-style-type: none"> – Apoio para os deslocamentos mais longos; – Incontinência urinária.
	1 -	BARNETT, <i>et al.</i> , 2015	<ul style="list-style-type: none"> • AUSÊNCIA DE SANITÁRIOS: <ul style="list-style-type: none"> – Preferência em permanecer na moradia.
EQUIPAMENTOS DE GINÁSTICA URBANOS	2 +	FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, <i>et al.</i> , 2017 WU, <i>et al.</i> , 2019	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE EQUIPAMENTOS DE GINÁSTICA: <ul style="list-style-type: none"> – Incentivo à prática de atividade física; – Diversidade de localizações.
CORRIMÃOS	2 +	BROOKFIELD, <i>et al.</i> , 2017 CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE CORRIMÃOS: <ul style="list-style-type: none"> – Apoio em escadas; – Segurança; – Reduz riscos de queda.
SOMBREAMENTOS ARTIFICIAIS CONSTRUTIVOS	2 +	LEE, <i>et al.</i> , 2019 PLAUT, <i>et al.</i> , 2021	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE SOMBREAMENTOS ARTIFICIAIS CONSTRUTIVOS: <ul style="list-style-type: none"> – Conforto térmico.
DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DE PARADAS DE TRANSPORTE PÚBLICO COLETIVO	2 +	VEGI, <i>et al.</i> , 2020 WANG, <i>et al.</i> , 2020	<ul style="list-style-type: none"> • PROXIMIDADE E ALTA FREQUÊNCIA DE PARADAS DE TRANSPORTE COLETIVO: <ul style="list-style-type: none"> – Redução das distâncias.
	2 -	MACIOSZEK, <i>et al.</i> , 2022 O'HERN; OXLEY, 2015	<ul style="list-style-type: none"> • DISTÂNCIA E BAIXA FREQUÊNCIA DE PARADAS DE TRANSPORTE COLETIVO: <ul style="list-style-type: none"> – Preferência pelo deslocamento com automóveis.
SINALIZAÇÃO URBANA	2 +	ALVES, <i>et al.</i> , 2020 BAILLY, <i>et al.</i> , 2018	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE SINALIZAÇÃO URBANA: <ul style="list-style-type: none"> – Acesso à Informação; – Orientação.
SEMÁFOROS NA VIA	1 +	O'HERN; OXLEY, 2015	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE SEMÁFOROS: <ul style="list-style-type: none"> – Facilita o atravessamento em cruzamentos; – Segurança.
CANTEIRO CENTRAL NA VIA	1 +	O'HERN; OXLEY, 2015	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE CANTEIRO CENTRAL: <ul style="list-style-type: none"> – Redução das distâncias.
DRENAGEM URBANA	1 -	CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014	<ul style="list-style-type: none"> – FALTA DE DRENAGEM URBANA: <ul style="list-style-type: none"> – Presença de poças; – Risco de queda.

Fonte: Autora (2022).

A maior parte dos atributos relacionados à infraestrutura da paisagem urbana são considerados positivos para a caminhada dos idosos. A presença de espaços recreativos nos ambientes urbanos é o atributo de infraestrutura mais mencionado nas pesquisas analisadas. A presença de parques ou outros espaços recreativos nas proximidades do bairro incentivam as pessoas com 60 anos ou mais a saírem de suas moradias e praticarem a caminhada como atividade física. Além disso, esses espaços são cruciais para o fornecimento de espaços de encontro onde os idosos podem estabelecer e manter laços, interagir e participar da comunidade (BARNETT, *et al.*, 2015; BROOKFIELD, *et al.*, 2017; CERIN, *et al.*, 2012; CERIN, *et al.*, 2016; CERIN, *et al.*, 2020; FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, *et al.*, 2017; RIBEIRO, *et al.*, 2013; RICHARD, *et al.*, 2008; SUZUKI, *et al.*, 2012; VEGI, *et al.*, 2020).

A presença de bancos nos ambientes urbanos é o segundo atributo de infraestrutura mais mencionado. A existência de bancos encoraja a atividade de caminhada das pessoas com 60 anos ou mais uma vez que estes são pontos de descanso e facilitam os deslocamentos mais longos. Ademais, é sabido que os idosos que sofreram algum derrame se cansam com maior facilidade e precisam descansar com maior frequência (ALVES, *et al.*, 2020; BROOKFIELD, *et al.*, 2017; CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014; FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, *et al.*, 2017; O'HERN; OXLEY, 2015; PLAUT, *et al.*, 2021).

A presença de pistas de caminhada também incentiva o percurso, visto que alguns idosos se identificam com rotas específicas demarcadas e sinalizadas (BAILLY, *et al.*, 2018; BROOKFIELD, *et al.*, 2017; CERIN, *et al.*, 2012; FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, *et al.*, 2017).

A iluminação pública é vista como um ponto a ser melhorado para a qualidade do caminhar dos idosos em ambientes urbanos. A falta de iluminação pública ou a precariedade de iluminação desencoraja os idosos a saírem à noite ou darem preferência pelo deslocamento através de veículos. As áreas mal iluminadas representam um risco de queda para este público (BARNETT, *et al.*, 2015; BROOKFIELD, *et al.*, 2017; CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014; FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, *et al.*, 2017). Os espaços bem iluminados facilitam o caminhar e são vistos pelos idosos como locais não propícios ao crime, o que traz a sensação de maior segurança para as caminhadas noturnas (ALVES, *et al.*, 2020; VEGI, *et al.*, 2020).

A presença de locais de interação social como locais de culto e centros comunitários incentiva a frequência do deslocamento a pé dos idosos (BARNETT, *et al.*, 2015; BESSER, *et*

al., 2018; RICHARD, *et al.*, 2008). E, a ausência desses locais de encontro, fazem com que os idosos permaneçam em sua moradia (BESSER, *et al.*, 2018; O'HERN; OXLEY, 2015). Assim como a interação social, a presença de pessoas influencia no deslocamento dos idosos. Os idosos que habitam em bairros com maior densidade populacional tendem a se deslocar a pé com maior frequência (LOO, *et al.*, 2017; MACIOSZEK, *et al.*, 2022; MARQUET; MIRALLES-GUASCH, 2015). E, àqueles que habitam em bairros menos densos, normalmente há a preferência por permanecer na moradia (LOO, *et al.*, 2017).

Muitos idosos sofrem de incontinência urinária, assim, a presença de sanitários nos meios urbanos interfere no deslocamento dessas pessoas. Além disso, em percursos mais longos, a existência dos sanitários é vista como um apoio para àqueles que tomam medicamentos ou outras condições médicas que resultam em idas mais frequentes ao sanitário (BROOKFIELD, *et al.*, 2017; FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, *et al.*, 2017). A falta de equipamentos públicos como sanitários desestimula a caminhada dos idosos, afastando-os do meio urbano (BARNETT, *et al.*, 2015). Os equipamentos de ginástica ao ar livre nas áreas urbanas, bem como a presença de estações de exercícios localizadas em diferentes pontos de parques têm impacto positivo na atividade física para a caminhada de idosos (ALVES, *et al.*, 2020; BAILLY, *et al.*, 2018).

A presença de corrimãos apoia e encoraja o movimento de idosos em escadas e rampas e ajuda a previne as quedas (BROOKFIELD, *et al.*, 2017; CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014). Os sombreamentos artificiais construtivos como pérgolas, marquises e outros abrigos geram sombreamento resultando em uma maior caminhabilidade de idosos em percursos que dispõe dessas coberturas. A presença de sombra reduz o estresse térmico e a sensação de calor, o que acarreta em um maior conforto térmico no deslocamento (LEE, *et al.*, 2019 | PLAUT, *et al.*, 2021).

A distribuição espacial das paradas de transporte público coletivo acarreta em uma maior ou menor escolha pelo deslocamento a pé. Uma maior quantidade de paradas de transporte coletivo afeta positivamente na capacidade de locomoção dos idosos (VEGI, *et al.*, 2020; WANG, *et al.*, 2020). O tempo de caminhada até o ponto de ônibus mais próximo influencia na escolha pelo deslocamento a pé. Quando esses locais ficam muito distantes, são menores as escolhas da caminhada como forma de deslocamento. A distribuição espacial das paradas de transporte público e a densidade de paradas são fundamentais para o deslocamento

até esses locais (MACIOSZEK, *et al.*, 2022; O’HERN; OXLEY, 2015). Outro fator positivo citado é a presença de sinalização urbana de informação e orientação (ALVES, *et al.*, 2020; BAILLY, *et al.*, 2018).

Os idosos, com o passar do tempo, tendem a caminhar mais lentamente e, muitas vezes, têm insegurança no atravessamento. Com isso, a presença de semáforos, principalmente àqueles com sistemas operados pelos pedestres, e a implementação de canteiros centrais em grandes vias facilita o atravessamento dos idosos nas vias e cruzamentos (O’HERN; OXLEY, 2015). Já em relação à drenagem urbana, relata-se o descontentamento em caminhos com presença de poças d’água o que pode acarretar em quedas ao evitá-las na interrupção do trajeto (CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014).

2.4.1.4 Segurança

A segurança é uma categoria relacionada a seguridade pública, ou seja, a sensação de segurança através de transmitida ao caminhar. Nesta categoria, apresentam-se atributos como a presença de outros pedestres, criminalidade local, a relevância da infraestrutura viária, a caminhada no período noturno, a familiaridade com a paisagem, a presença de câmeras de vigilância e utilização de passagens subterrâneas ou túneis.

A partir do quadro 7 é possível verificar a frequência dos atributos da segurança pública incentivadores (verde) e desencorajadores (vermelho) em relação aos estudos analisados, as referências dos autores e um breve resumo de cada.

Quadro 7 – Atributos da segurança em relação à caminhada dos idosos.

CATEGORIA	ATRIBUTO	REVISÃO DE LITERATURA		RESUMO
		FREQ.	REFERÊNCIAS	
SEGURANÇA	PRESENÇA DE OUTROS PEDESTRES CONFERINDO SENSÇÃO DE SEGURANÇA	3 +	KFIELD, <i>et al.</i> , 2017 LOO, <i>et al.</i> , 2017 TILLEY, <i>et al.</i> , 2017	<ul style="list-style-type: none"> • PRESENÇA DE OUTROS PEDESTRES: <ul style="list-style-type: none"> – Sentimento de segurança; – Senso de comunidade; – Sentimento de pertencimento do bairro.
	CRIMINALIDADE LOCAL	2 -	BARNETT, <i>et al.</i> , 2015 VEGI, <i>et al.</i> , 2020	<ul style="list-style-type: none"> • PRESENÇA DE CRIMINALIDADE LOCAL: <ul style="list-style-type: none"> – Sensação de insegurança; – Preferência pelo deslocamento com automóveis.

INFRAESTRUTURA VIÁRIA	2 +	VEGI, <i>et al.</i> , 2020 WU, <i>et al.</i> , 2019	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE INFRAESTRUTURA VIÁRIA: <ul style="list-style-type: none"> – Presença de calçadas; – Baixo volume de tráfego; – Existência de faixas de pedestres.
CAMINHADA EM PERÍODO NOTURNO	2 -	BROOKFIELD, <i>et al.</i> , 2017 MACIOSZEK, <i>et al.</i> , 2022	<ul style="list-style-type: none"> • SAIR À NOITE: <ul style="list-style-type: none"> – Insegurança no escuro.
FAMILIARIDADE COM A PAISAGEM	1 +	TILLEY, <i>et al.</i> , 2017	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE FAMILIARIDADE COM A PAISAGEM: <ul style="list-style-type: none"> – Bem-estar; – Segurança.
CÂMERAS DE VIGILÂNCIA	1 -	BROOKFIELD, <i>et al.</i> , 2017	<ul style="list-style-type: none"> • PRESEÇA DE CÂMERAS DE VIGILÂNCIA <ul style="list-style-type: none"> – Sensação de insegurança; – Sinal de crime; – Comportamento antissocial; – Ameaça e controle da privacidade.
PASSAGENS SUBTERRÂNEAS OU TÚNEIS	1 -	BROOKFIELD, <i>et al.</i> , 2017	<ul style="list-style-type: none"> • UTILIZAÇÃO DE PASSAGENS SUBTERRÂNEAS OU TÚNEIS: <ul style="list-style-type: none"> – Evita-se.

Fonte: Autora (2022).

A segurança nos ambientes urbanos possui poucos atributos relacionados à caminhada em pessoas com 60 anos ou mais. Entretanto, esses atributos possuem múltiplos impactos no meio urbano. É importante salientar que não se deve confundir a segurança do indivíduo com a segurança em relação à paisagem. Os aspectos relacionados aos idosos como pessoas seguras ou inseguras foi relatado como uma consequência dos demais atributos incentivadores e desencorajados já mencionados anteriormente.

A presença de outros pedestres conferindo sensação de segurança na paisagem foi o atributo relacionado à segurança mais mencionado. A presença de outros indivíduos, na maioria das vezes sem relação com a interação social, promove o senso de comunidade nos bairros promovendo a sensação de pertencimento e maior segurança (KFIELD, *et al.*, 2017; LOO, *et al.*, 2017; TILLEY, *et al.*, 2017). A familiaridade com a paisagem em que o idoso percorre também incentiva positivamente no humor durante a caminhada, sentindo-se mais seguros (TILLEY, *et al.*, 2017). Já, a segurança em relação à infraestrutura viária, como a presença de calçadas e faixas de pedestres e o baixo volume do tráfego de veículos, também afeta positivamente a escolha dos idosos pela caminhada ao sentirem-se mais seguros como indivíduos para as atividades urbanas (VEGI, *et al.*, 2020; WU, *et al.*, 2019).

Moradias em localidades com maior índice criminalidade, de modo contrário, tendem a desestimular a caminhada dos idosos nos espaços públicos urbanos, uma vez que sensação de insegurança acarreta a preferência pela permanência em casa ou o transporte através de

veículos motorizados (BARNETT, *et al.*, 2015; VEGI, *et al.*, 2020). Tal como as paisagens com maior presença de criminalidade, os idosos têm relutância em deslocarem-se nos períodos noturnos ao relatarem a percepção de insegurança no escuro (BROOKFIELD, *et al.*, 2017; MACIOSZEK, *et al.*, 2022).

Uma pesquisa aponta a presença de câmeras de vigilância nas áreas urbanas como inibidoras da caminhada das pessoas com 60 anos ou mais uma vez que para estes, as câmeras de vigilância sugerem que o ambiente seja inseguro e interpretado como localidade tendente ao crime. Esses equipamentos também são vistos como um comportamento antissocial e um controle à privacidade das pessoas, considerado desagradável para as pessoas de mais idade. Esta mesma pesquisa aponta o deslocamento através de passagens de pedestres subterrâneas ou tuneis desencoraja os idosos a optarem pelo percurso (BROOKFIELD, *et al.*, 2017).

A partir da sintetização dos resultados da revisão sistematizada da literatura em busca dos atributos do espaço e da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais, se percebe a elevada frequência dos indicadores relacionados à paisagem. A presença ou a ausência do uso misto do solo, a presença ou a ausência de vegetação, a intensidade do trânsito de veículos e a presença de convívio urbano são indicadores de grande relevância nos estudos internacionais pesquisados. Assim, cabe às políticas públicas brasileiras e às instituições com pesquisas sobre o assunto, como o ITDP Brasil, que desenvolveu o índice de caminhabilidade através do método denominado ICam, a valorização desses aspectos paisagísticos urbanos para a promoção da atividade de caminhar dos idosos.

A partir da revisão bibliográfica percebe-se que as questões sobre segurança pública não são muito evidentes nesses estudos internacionais. Contudo, de acordo com o EPIFLORIPA (2020), 14,4% dos idosos entrevistados reportaram que a falta de segurança nos locais representa uma barreira (sempre, quase sempre ou às vezes) para a prática de atividade física, no tempo livre, segundo sexo. E, quando a percepção com relação às características do ambiente comunitário da sua vizinhança (bairro) para a prática de atividade física, 30% reportou a existência de muitos crimes no bairro.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se caracteriza como exploratória e de abordagem qualitativa. Os procedimentos metodológicos para a coleta de dados desta pesquisa foram aplicados em duas etapas, uma desenvolvida em gabinete, que consiste em uma revisão sistemática da literatura, e outra em campo, na qual foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com questões abertas a um grupo de idosos, a fim de compreender, em profundidade, sua percepção e comportamento acerca do tema investigado.

3.1 REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA (1ª etapa da pesquisa – desenvolvida em gabinete)

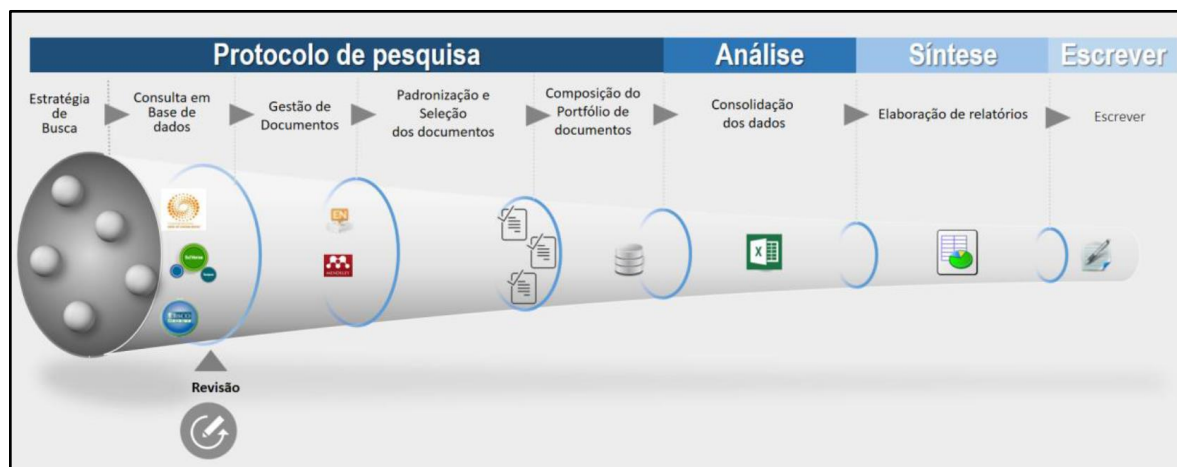
A fim de identificar atributos do espaço e da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais, elaborou-se uma revisão bibliográfica do tipo revisão sistematizada integrativa. Segundo Gray (2012, p. 84), a revisão bibliográfica demonstra as teorias e os argumentos do assunto, assim como, demonstra a forma como a pesquisa na área foi realizada por outras pessoas. Alguns dos propósitos da revisão bibliográfica são “identificar lacunas no conhecimento que merecem mais investigação, questionar ideias atuais ou partir de uma teoria aceita, mas aplicando a um novo campo” (GRAY, 2012, p. 84).

A revisão bibliográfica do tipo sistemática, a partir de uma pergunta claramente formulada, é caracterizada por uma investigação científica que reúne, avalia criticamente e conduz a uma síntese dos resultados de múltiplos estudos primários (CORDEIRO *et al.*, 2007). Ercole, Melo e Alcoforado (2014) afirmam que a revisão sistemática é uma metodologia exclusiva da área da saúde, que envolve pelo menos dois pesquisadores, com rigor metodológico a fim de abranger a eficácia de uma intervenção para a solução de um problema. Já a revisão integrativa de literatura, “tem como finalidade sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema ou questão, de maneira sistemática, ordenada e abrangente” (ERCOLE; MELO; ALCOFORADO, 2014). Na revisão integrativa, diferentemente da revisão sistemática, a busca sistemática pode ser feita por apenas um autor e, fornece informações mais amplas sobre um assunto/problema, o que resulta em um direcionamento para a definição de

conceitos, revisão de teorias ou análise metodológica dos estudos incluídos de um tópico particular (ERCOLE; MELO; ALCOFORADO, 2014; FERENHOF; FERNANDES, 2016).

Como base para a pesquisa integrativa e análise dos resultados deste trabalho, utilizou-se o método SSF – *Systematic Search Flow* desenvolvido por Ferenhof e Fernandes (2016). Este método é composto por quatro fases (definição do protocolo de pesquisa, análise, síntese e escrita) e oito atividades, conforme especificados na figura 9.

Figura 9 – Figura mostrando a representação do método de busca sistemática SSF.



Fonte: Ferenhof e Fernandes (2016).

A definição do protocolo de pesquisa, fase um, foi iniciada a partir da elaboração do problema de pesquisa: Quais os atributos do espaço e da paisagem urbana incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com mais de 60 anos? Foram escolhidas três bases de dados de grande relevância a serem consultadas: *Scopus*, *Web of Science* e *Scielo*. As bases *Scopus* e *Web of Science* foram escolhidas por serem bases internacionais de cunho multidisciplinar da literatura científica. Já a base *Scielo*, além da multidisciplinaridade, se destaca por indexar uma grande quantidade de artigos de periódicos brasileiros e regionais.

O universo de estudo delimitou-se a identificação e análise de artigos científicos. Esta restrição é justificada pela existência de uma rigorosa avaliação prévia dos artigos científicos para posterior aprovação e publicação, o que as tornam fontes mais seguras de informação do que outros tipos de publicações científicas. Como critério de inclusão, foram selecionados artigos científicos em português, inglês e espanhol, sendo estes idiomas dominados pela autora. Não foi determinado um marco temporal para se obter o maior número possível de estudos desta temática ao longo dos anos.

Quadro 8 – Temas e termos utilizados para a busca de artigos para a revisão bibliográfica.

TEMAS	TERMOS EM PORTUGUÊS	TERMOS EM INGLÊS
CAMINHAR	caminhar caminhada deslocamento a pé andar	walking walking behavior
AMBIENTES URBANOS	espaço público ambiente urbano paisagem	urban environment urban landscape
IDOSOS	idoso pessoa idosa	elderly older adult

Fonte: Autora (2022).

Após a consulta nas bases de dados, organizaram-se as bibliografias a partir da separação dos artigos científicos encontrados em cada uma das buscas. Para o rigor e agilidade desta organização optou-se por um *software Mendeley®*, organizador de bibliografias e referências. Além de contar, armazenar e filtrar as informações, esse software possui a ferramenta de identificação de duplicatas que busca e exclui estudos duplicados - indexados em mais de uma base de dados. A partir da identificação das duplicatas, iniciou-se o processo de filtros de seleção.

A filtragem dos artigos foi pautada na localização de artigos que tivessem relação simultânea com o caminhar, ambientes urbanos e idosos. A filtragem foi subdividida em duas etapas. Primeiramente efetuou-se a leitura dos títulos, resumos e palavras-chave de cada artigo. Com isso, foram excluídos os artigos que não estavam alinhados com o tema da busca. A segunda etapa de filtragem caracterizou-se pela leitura completa dos artigos. Neste momento, excluíram-se os artigos que não demonstravam aderência à temática sob investigação. A partir do quadro 9, pode-se observar as etapas de filtragem e os critérios de exclusão utilizados:

Quadro 9 – Etapas de filtragem e critérios de exclusão.

	Nº. ARTIGOS SELECIONADOS	Nº. ART. EXCLUÍDOS	TEMÁTICA ABORDADA/ MOTIVO DA EXCLUSÃO
LEITURA DO TÍTULO E RESUMO	1ª seleção: 52 artigos (Busca na base de dados)	09 artigos	Redundância
	2ª seleção: 43 artigos	08 artigos	Não aborda o tema caminhada (2); Sem especificidade de público ou menção de idosos na amostra (6)
LEITURA COMPLETA	3ª seleção: 35 artigos	0 artigos	Leitura completa

Fonte: Autora (2022).

Com base nos artigos científicos selecionados, iniciou-se a segunda fase do método SSF (FERENHOF; FERNANDES, 2016). Esta fase se destinou a análise e consolidação dos dados. Neste momento, a interpretação dos dados e obtenção dos dados bibliométricos foi realizada através da combinação e agrupamento das informações levantadas, para isso, utilizou-se o editor de planilhas eletrônicas *MicrosoftOffice Excel®*. Farenhof e Fernandes (2016) indicam o uso de uma matriz para análise e síntese dos dados oriundos da análise dos artigos, denominada matriz de conhecimento. “A matriz contém informações sobre aspectos relacionados ao tema de pesquisa, auxiliando na interpretação e construção da redação e revisão integrativa para os pesquisadores” (FARENHOF; FERNANDES, 2016).

A terceira fase desta revisão caracterizou-se pela criação dos relatórios a partir da matriz do conhecimento elaborada. Por fim, a quarta fase, destinou-se à consolidação dos resultados por intermédio da escrita científica com o propósito de se identificar e analisar estudos que se relacionassem com a temática: atributos do espaço e da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais.

A busca sistemática com a utilização do método SSF – *Systematic Search Flow* desenvolvido por Ferenhof e Fernandes (2016) por artigos científicos que abordassem simultaneamente os temas caminhar, ambientes urbanos e idosos, resultou no total de 52 artigos científicos, sendo 35 na base de dados *Scopus*, 16 na *Web of Science* e um único artigo na *SciELO*. A limpeza de duplicatas identificou nove artigos indexados em mais de uma base de dados, resultando no total corrigido de 43 artigos, conforme demonstrado no quadro 10.

Quadro 10 – Resumo dos resultados em cada etapa.

TOTAL INICIAL DE ARTIGOS	52 ARTIGOS
DUPLICATAS	9 Artigos
TOTAL FINAL APÓS EXCLUSÃO DAS DUPLICATAS	43 Artigos
ARTIGOS EXCLUÍDOS APÓS APLICAÇÃO DO FILTRO	08 Artigos
TOTAL FINAL APÓS APLICAÇÃO DO FILTRO	35 Artigos

Fonte: Autora (2022).

Após a eliminação das redundâncias, inclusive de um mesmo artigo escrito em inglês e em espanhol, promoveu-se a segunda etapa de filtragem (observar quadros 8 e 9). Nesta etapa foram excluídos 8 artigos, uma vez que 2 deles não tratavam do tema caminhada e outros 6 sem especificidade de público ou menção de idosos na amostra. Optou-se pela exclusão de estudos generalistas para que se garantissem dados especificamente referente aos idosos. Ao final restaram 35 artigos que foram analisados integralmente.

Os resultados desta etapa da pesquisa foram tratados por análise de conteúdo e constam no item 2.4.1 do referencial teórico.

3.2 ENTREVISTAS (2ª etapa da pesquisa – desenvolvida em campo)

Esta etapa da pesquisa envolveu a aplicação de entrevistas em profundidade, com um roteiro semiestruturado de questões abertas aplicadas a 15 idosos residentes na porção central da região metropolitana, conurbada, da grande Florianópolis/SC a fim de responder ao objetivo da pesquisa.

Para tanto, os indivíduos idosos foram intencionalmente selecionados, ou seja, o pesquisador selecionou indivíduos os quais, sabidamente, realizavam atividades de caminhada para os mais diversos fins, e neste sentido poderiam contribuir com a pesquisa nos mais diversos tipos de experiências em relação ao tema.

Esta técnica de entrevistas em profundidade, com questões abertas, foi escolhida para a pesquisa, uma vez que seu objetivo é investigar o que as pessoas idosas pensam, sentem, fazem, sabem, acreditam e esperam em relação à atividade de caminhar em ambientes urbanos. O uso da técnica de entrevista objetivava, portanto, que os idosos falassem livremente sobre o tema questionado.

Para Zeizel (2006), em quase todos os casos de pesquisas pessoa-ambiente, os pesquisadores fazem perguntas para compreender como os indivíduos sentem, percebem, ou reagem a determinado ambiente ou situação. Para este propósito, a técnica de entrevista em profundidade, com uma estrutura prévia aliada a questões abertas, é bastante útil, segundo o autor.

Para o autor, dentro desta técnica, o entrevistador habilidoso permite que o entrevistado aborde e discuta os tópicos de sua própria maneira. Para se obter profundidade e fluidez nas respostas, o entrevistador deve instigar o entrevistado a fornecer mais informações sobre determinado tema através de maiores questionamentos e detalhes de determinadas situações ocorridas, no entanto, sem induzir as respostas (ZEISEL, 2006).

O roteiro da entrevista foi dividido em 3 etapas. A primeira delas buscou, através da caracterização do indivíduo entrevistado, uma maior aproximação com o mesmo. A segunda etapa estava relacionada a aspectos gerais do espaço urbano e da paisagem encorajadores e desencorajadores da caminhada. A terceira etapa buscou investigar pensamentos e anseios em relação a agradabilidade da paisagem observada.

Assim, a primeira etapa da entrevista envolveu questões gerais relacionadas a gênero, idade, estado civil, com quem co-habita, bairro de residência, informações relacionadas à mobilidade (dificuldade de locomoção) do entrevistado e a utilização de tecnologia assistiva. Após estes questionamentos iniciais, buscaram-se informações sobre o objetivo da caminhada do entrevistado a partir de uma sequência sobre o costume de caminhar, o objetivo desta caminhada, o tempo, a frequência e se o entrevistado gostaria de caminhar mais. Independente desta última resposta, o idoso era instigado a justificar porque gostaria ou não de caminhar mais.

Na segunda etapa da pesquisa, o idoso era convidado a refletir sobre a relação do seu caminhar com os espaços livres públicos. Perguntava-se em quais espaços livres públicos (rua, a praça, o parque e praia) a pessoa gosta de caminhar e por qual motivo. Quando a resposta não se relacionava à rua ou à calçada pública, indagava-se sobre a distância desses espaços até a residência e os meios para alcança-los, se automóvel, caminhando e qual a razão desta escolha.

Nesta mesma etapa, com o objetivo de se aprofundar na opinião dos idosos sobre os aspectos do espaço e da paisagem que o entrevistado observa quando caminha, indagava-se, de forma geral, sobre aspectos positivos do espaço e da paisagem que o fazem/fariam caminhar mais e negativos que o fazem/fariam caminhar menos, justificando a resposta.

As respostas a estes questionamentos amplos permitiriam ao pesquisador averiguar, a ordem de importância dada pelos entrevistados a determinados assuntos/aspectos e ainda a identificar a importância dada pelo entrevistado aos aspectos relacionados à paisagem, dentro dos aspectos gerais do espaço urbano.

Na terceira etapa, com especial atenção a agradabilidade da paisagem, o respondente era convidado a descrever o que para ele era considerado uma paisagem agradável para andar e, como seria uma paisagem desagradável para realizar esta atividade.

Ao final do roteiro, para não influenciar nos questionamentos anteriores, uma vez que se tratava de um aspecto particular do espaço, perguntava-se como eram as calçadas nos percursos em que o idoso caminhava. E, este era também convidado a deixar alguma outra contribuição sobre o assunto, alguma sugestão, recado para o poder público, enfim, um espaço livre para discorrer sobre alguma outra questão relacionada à temática. Este roteiro completo está disponível para consulta no Apêndice B.

Foi realizado um piloto do roteiro das entrevistas com três idosos entrevistados por conveniência (de relações próximas com o pesquisador). Após este teste, foram adequados alguns termos, principalmente no que se refere à compreensão do caminhar não apenas como atividade física, mas também como deslocamento e a utilização de termos menos técnicos para o melhor entendimento e aproximação com o entrevistado. Após as adequações, deu-se continuidade às entrevistas.

Foram realizadas entrevistas de modo presencial e auxiliadas por plataforma de áudio e vídeo, uma vez que, algumas delas ainda foram realizadas no período da pandemia de Covid19. Nas entrevistas presenciais foi utilizada a ferramenta de gravação de áudio do *Iphone*. As entrevistas on-line foram feitas através do *Google Meet* com gravação.

Finalizadas as entrevistas, as gravadas apenas em áudio foram transformadas em arquivos de vídeo e todas foram armazenadas de maneira privada no *Youtube*. Para a transcrição das entrevistas utilizou-se a ferramenta de transcrição automática do *Youtube*. Assim, todas as entrevistas foram visualizadas novamente com a finalidade de se realizar ajustes de textos, readequações de expressões regionais, bem como falas muito rápidas.

As entrevistas foram tratadas por análise de conteúdo. Para auxiliar a análise de conteúdo, foi utilizada a proposta de tratamento de material de Guerra (2012), a qual é orientada para um número entre 15 a 20 entrevistados, como é o caso desta pesquisa, que consiste nas transcrições e leitura das entrevistas, construção das sinopses, análise descritiva e interpretativa.

Para auxiliar na construção das sinopses foi utilizado o software para tratamento de dados qualitativos *Atlas.ti Cloud*. Através deste *software* os dados ficam armazenados na nuvem e puderam ser acessados de qualquer computador.

A partir disso foram definidas as percepções dos entrevistados acerca dos temas questionados.

Para a discussão dos resultados, os dados foram analisados a partir da contagem representacional, ou seja, a partir da contagem quantitativa de participantes discutindo determinados fatores qualitativos, também denominada frequência. Isso faz, segundo Sandelowski (2001), com que se reforce a natureza qualitativa das respostas dos entrevistados.

Assim, quando na apresentação dos resultados da pesquisa um assunto foi mencionado por menos de 25% dos entrevistados, chamou-se de “poucos”, para entre 25% e 50%, chamou-se “alguns”, para entre 50% e 75%, chamou-se de “muitos” e para mais de 75% dos participantes, chamou-se “quase todos” na descrição dos resultados, conforme recomenda Sandelowski (2001).

Os gráficos que acompanham a descrição e discussão dos resultados e apresentam esta frequência com que os participantes discutem determinados assunto foram extraídos do *software* Atlas.ti.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) sob o número CAAE 51847521.0.0000.0121 através da Plataforma Brasil sob o Parecer 5.007.706 (Anexo B). Todos os participantes concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) disposto no anexo A deste trabalho.

3.2.1 Local do estudo

Os sujeitos entrevistados nesta pesquisa residem região central da área metropolitana, conurbada, da grande Florianópolis. Esta é também a região mais adensada, como é possível observar no mapa da figura 10 que segue.

Destacado nos mapas das figuras 10, 11 e 12 está a área onde residem os idosos entrevistados. Esta área abrange os municípios de Florianópolis, São José e Biguaçu.

O mapa da figura 11 apresenta ainda a renda média da população por setor censitário na área metropolitana, conurbada, da Grande Florianópolis.

Figura 10 – A densidade demográfica habitacional da área conurbada da Grande Florianópolis.

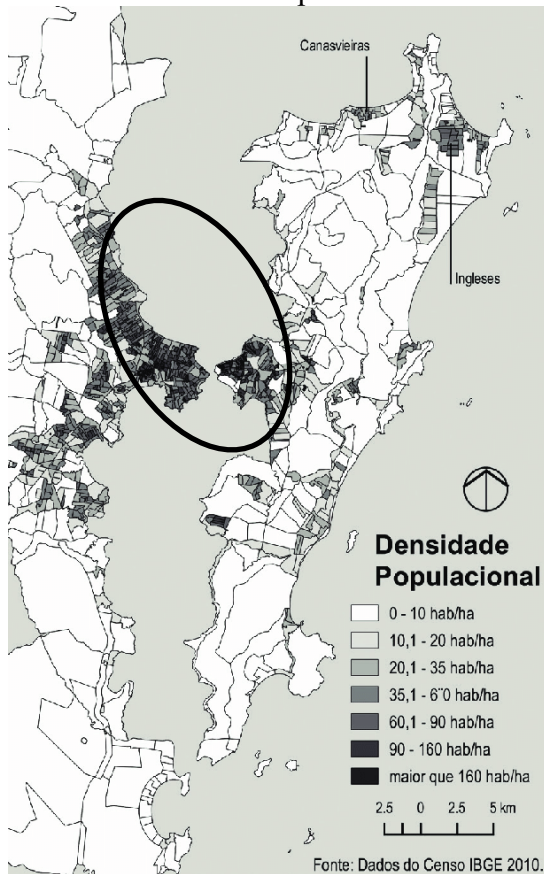
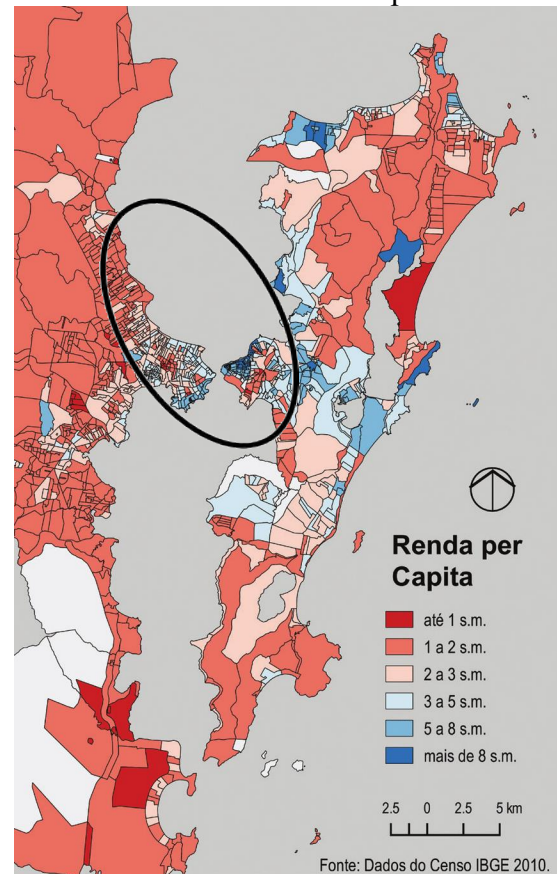


Figura 11 – A renda média por pessoa com mais de 10 anos de idade na área conurbada da Grande Florianópolis.



Fonte: SABOYA; REIS; BUENO (2016), modificada pela autora (2022).

Denomina-se de Grande Florianópolis o conjunto de municípios que apesar de possuir uma organização político administrativa autônoma, apresentam intensas interações espaciais que envolvem infraestrutura, mobilidade, acessibilidade, logística, entre outros (COCCO, 2016).

Figura 12 – A delimitação da Grande Florianópolis e a população por município (IBGE 2010).



Fonte: PLAMUS (2015), modificada pela autora (2022).

Segundo o Plano de Mobilidade Urbana Sustentável da Grande Florianópolis (2015), o conjunto dos treze municípios da Grande Florianópolis tem apresentado, nos últimos anos, crescimento populacional acima da média nacional e estadual. Entretanto, a ocupação territorial não ocorre de forma equilibrada, existindo maiores pressões de ocupação na Capital do Estado (Florianópolis) e nos municípios mais próximos (São José, Palhoça e Biguaçu); ou seja, na área conurbada da Grande Florianópolis,

A partir da figura 13, demonstra-se que, segundo o PLAMUS, apesar de, atualmente, existir alguns eixos de crescimento, principalmente em direção aos municípios de Biguaçu, São José, Palhoça e Florianópolis, há apenas uma centralidade, localizada na porção insular de Florianópolis.

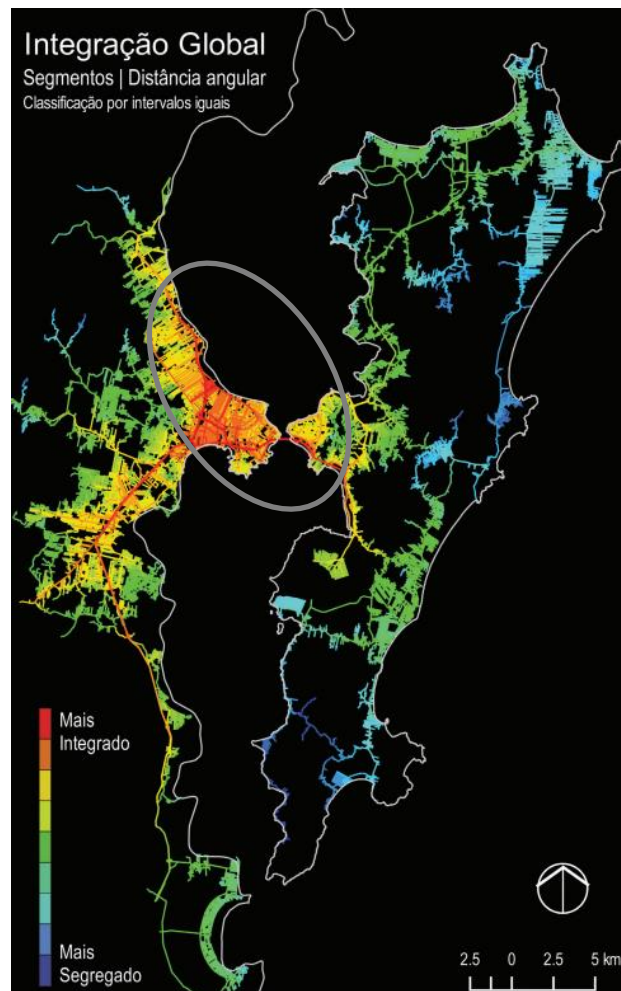
Figura 13 – Eixos de desenvolvimento da Grande Florianópolis.



Fonte: PLAMUS (2015).

O estudo de Saboya *et al.* (2016) corrobora a localização da centralidade desta área conurbada. Embasados na Teoria da Sintaxe Espacial², os autores demonstram, através do mapa da figura 14, que as áreas mais integradas do tecido urbano desta conurbação (representadas em tons de vermelho) concentram-se no continente e na porção mais próxima à ilha, abrangendo parte dos municípios de São José e a porção continental de Florianópolis; e concluem que o núcleo integrador desta conurbação está estabelecido sobre as penínsulas continental e insular, onde estão localizadas as pontes que conectam o todo do tecido urbano. Áreas com baixa integração na malha urbana estão representadas em tons de azul neste mapa que segue.

Figura 14 – Integração global para a área conurbada da Grande Florianópolis.



Fonte: SABOYA; REIS; BUENO (2016), modificada pela autora (2022).

² A Teoria da Sintaxe espacial foi desenvolvida no final da década de 70 por Bill Hillier e colaboradores da University College London com o intuito de analisar a configuração espacial do ambiente urbano.

Assim, e considerando ainda que a ocupação territorial dos municípios costeiros nesta área se deu de forma semelhante, se reveste de importância o estudo da mobilidade urbana e dos deslocamentos ativos a partir desta conurbação. O que justifica que nesta pesquisa se tenha incluído indivíduos da área central e costeira da conurbação, como mostra a figura 14.

Durante 2014 e 2015, o Governo do Estado de Santa Catarina desenvolveu o PLAMUS (Plano de Mobilidade Urbana Sustentável da Grande Florianópolis) em conjunto com os municípios da Grande Florianópolis e com apoio técnico e financeiro do BNDES. Este plano teve como objetivo indicar ações de promoção para a melhoria da mobilidade urbana na região metropolitana de Florianópolis.

Destaca-se na Grande Florianópolis a existência de descompasso entre a função e a forma de importantes vias, o que coloca desafios relevantes para o desenvolvimento da mobilidade urbana da região, tais como: conectividade deficiente, especialmente ao redor das vias expressas, existência de servidões que sobrecarregam vias principais devido à ausência de alternativas de conexão, existência de diversos pontos com conflitos de tráfego (rotatórias inadequadas, problemas de geometria de via, etc.), falta de gestão de tráfego efetiva, ausência de infraestruturas adequadas para pedestres e ciclistas (PLAMUS, 2015).

Em diversas regiões da Grande Florianópolis, o parcelamento do solo foi feito em lotes excepcionalmente longos e estreitos, estendendo-se às vias principais pré-estabelecidas. A servidão, como o nome indica, serve como via de acesso público a todos os sub-lotes desmembrados das glebas originais. Uma vez que o controle quanto à subdivisão entre os lotes adjacentes foi deficiente, essas servidões frequentemente excedem 1 km de extensão, sem qualquer intersecção com vias perpendiculares, servindo somente ao acesso de seus lotes lindeiros à via principal (PLAMUS, 2015).

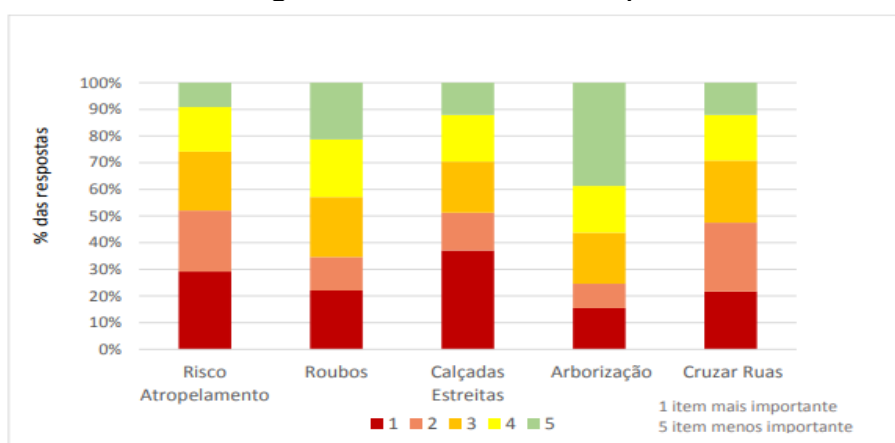
O deslocamento a pé foi um dos pontos de pesquisa do PLAMUS sendo que, um dos métodos de pesquisa foram as entrevistas. Assim, foi realizada uma Pesquisa de Imagem do Sistema de Transporte que foi realizada junto à Pesquisa Origem Destino Domiciliar. Da amostra de 5464 domicílios da pesquisa domiciliar, foram escolhidos de forma aleatória uma sub amostra de 1.000 domicílios. Outros 200 domicílios foram sorteados como reserva. O objetivo foi conseguir entrevistar uma pessoa em cada domicílio para responder sobre a imagem do sistema. O resultado final foi um conjunto de 1.073 entrevistas.

Como resultados, 58,43% dos respondentes eram usuários de automóvel (motorista), 39,98% eram usuários do transporte coletivo (ônibus), 10% utilizavam bicicleta, 22,4% afirmaram fazer deslocamentos a pé e 7% utilizam táxi.

Na pergunta referente ao deslocamento a pé, o entrevistado dava uma ordem de gravidade de 1 a 5 para os problemas para o deslocamento a pé, sendo o número 1 para o que se considera o pior problema e 5 o problema mais brando. Assim, foram elencados os seguintes problemas: risco de atropelamento, roubos e assaltos, calçadas demasiado estreitas, com buracos ou outros impedimentos, falta de arborização, dificuldade e cruzar ruas.

Na figura 15 é possível verificar que quase 40% dos entrevistados que se deslocam a pé colocaram a largura das calçadas como o maior problema e 30% o risco de atropelamento, enquanto que a arborização foi a que recebeu menos avaliações nessa categoria.

Figura 15 – Deslocamentos a pé.



Fonte: PLAMUS (2015).

Não houve nenhuma menção neste plano a respeito do que pensam e como se comportam os idosos, em relação à mobilidade ativa ou o deslocamento a pé.

3.3 VALIDADE EM PESQUISA QUALITATIVA

A validade em pesquisa qualitativa, com vistas a evitar conclusões enviesadas, é conferida pela triangulação metodológica (MAXWELL, 1996). Nesse sentido, esta pesquisa faz uso de uma revisão sistematizada da literatura aliada à aplicação de entrevistas, ambas tratadas por análise de conteúdo. Acredita-se assim que os resultados encontrados com a aplicação das entrevistas possam ser corroborados pelos achados da literatura.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

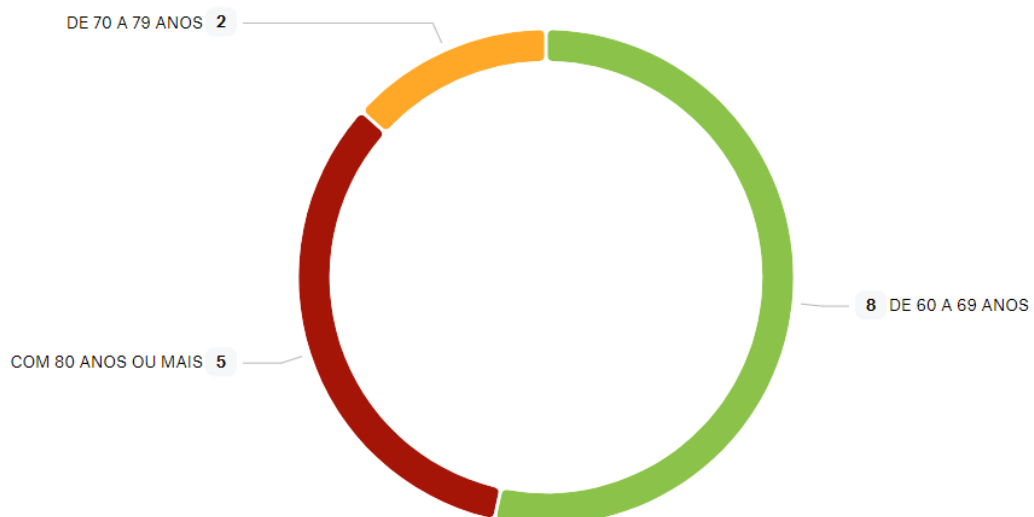
Este capítulo apresenta os resultados da pesquisa ora apresentada coletados através da etapa de entrevistas, e a discussão destes com o referencial teórico abordado e com os resultados dos dados coletados na primeira etapa da pesquisa, de revisão sistemática da literatura.

Os resultados estão apresentados conforme a ordem das etapas apresentadas nas entrevistas: 1) Caracterização dos indivíduos entrevistados; 2) Percepção dos indivíduos sobre atributos do espaço e da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais; 3) Agradabilidade da paisagem para o andar do idoso. São estas também as categorias síntese desta pesquisa.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS INDIVÍDUOS ENTREVISTADOS

Considerando os 15 participantes das entrevistas, oito participantes eram mulheres e sete, homens. Em relação à idade, a figura 16 apresenta que se obtiveram participantes de todas as faixas etárias de idosos, sendo o mais novo com 63 e o mais idoso com 87 anos.

Figura 16 – Gráfico mostrando a idade dos entrevistados.



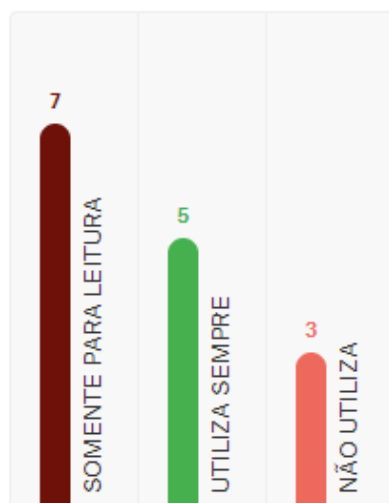
Fonte: Elaborado pela autora, Atlas.ti Cloud (2022).

Nenhum idoso entrevistado se identificou como uma pessoa com deficiência. Dos 15 entrevistados, poucas pessoas, apenas dois (2) entrevistados afirmaram ter dificuldade de locomoção, sendo ambas mulheres, uma com idade de 67 e outra com 87 anos.

Mesmo não apresentando dificuldade de locomoção, alguns entrevistados (7) citaram alguma dor, operação ou doença relacionada à locomoção, sendo três pessoas com 80 anos ou mais, três pessoas entre 60 e 70 anos e uma entre 70 e 80 anos. Destaca-se que três pessoas citaram questões relacionadas aos joelhos, duas em relação aos braços, uma à coluna e uma ao quadril.

No que se refere à utilização de equipamentos de tecnologia assistiva como muleta, aparelho auditivo, andador, óculos, etc. A figura 17 demonstra que quase todos os entrevistados (12) utilizam óculos, sendo que sete utilizam apenas para leitura e cinco utilizam sempre.

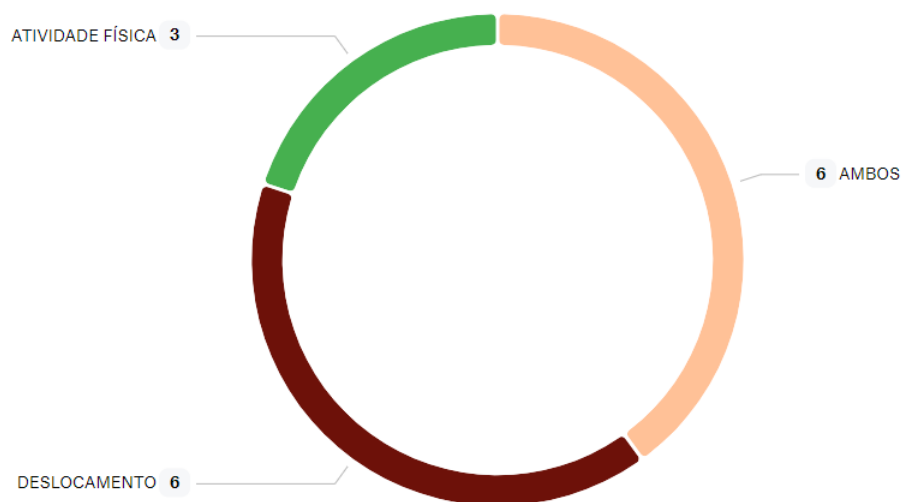
Figura 17 – Gráfico mostrando o uso dos óculos.



Fonte: Elaborado pela autora, Atlas.ti Cloud (2022).

Dos 15 idosos entrevistados, seis (6) caminham exclusivamente para deslocamento, com consciência de que esta caminhada também contribui para a sua saúde. Apenas três (3) idosos caminham exclusivamente para atividade física ou lazer e considerando ambos os objetivos se tem um total de seis (6) idosos, como mostra o gráfico da figura 18.

Figura 18 – Gráfico mostrando o objetivo da caminhada.



Fonte: Elaborado pela autora, Atlas.ti Cloud (2022).

Dos 15 idosos entrevistados, sete (7) informaram caminhar menos de uma hora por semana, cinco (5) de duas a quatro horas, e três (3) informaram não caminhar em áreas urbanas, sem estimar o tempo de caminhada. Quase a metade destes idosos entrevistados informaram que gostariam de caminhar mais.

Dos seis (6) idosos que caminham pelas ruas com o objetivo exclusivo de se deslocar para supermercado, farmácia, padaria, etc. Um mencionou que gostaria de caminhar na praia e outro que gostaria de caminhar por locais mais vegetados.

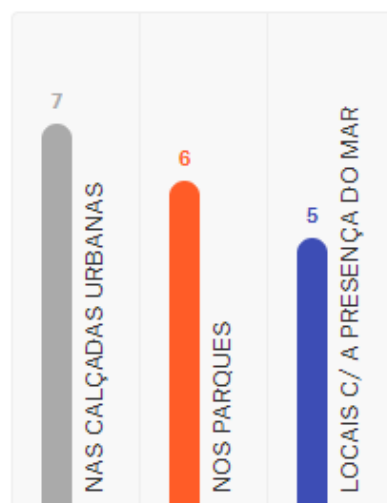
Dos três (3) idosos que caminham com o objetivo exclusivo de lazer, um informou que prefere andar em praia, outro que prefere andar em planícies e um último que só caminha no seu quintal para se manter ativo, este último com 87 anos de idade. A maioria destes idosos se desloca para atividades diárias de carro.

Dos seis (6) idosos que caminham com ambos os objetivos, embora se desloquem pelas ruas para tarefas diárias, a maioria informou que prefere andar na praia/beira-mar, um informou que prefere andar na rua movimentada por questões de segurança e outro que prefere andar na rua para encontrar seus amigos na praça.

Quanto ao local onde preferem andar com qualquer objetivo de caminhada, não há uma preferência expressiva em relação aos idosos entrevistados, sendo que alguns (7 de 15)

preferem caminhar nas calçadas urbanas, alguns (6 de 15) preferem os parques e, alguns (5 de 15) preferem os locais com a presença do mar, como mostra o gráfico da Figura 19.

Figura 19 – Gráfico mostrando os espaços abertos ao ar livre nas cidades onde os entrevistados gostam de caminhar.



Fonte: Elaborado pela autora, Atlas.ti Cloud (2022).

Em relação a percursos em **calçadas urbanas**, nas ruas em geral, muitos idosos (8 de 15) entrevistados afirmaram serem esses os espaços abertos ao ar livre nas cidades onde os entrevistados gostam de caminhar. Não houve nenhum motivo prevalecente para esta escolha. Alguns (3) citaram as calçadas urbanas pela proximidade com a sua residência em comparação a um parque que necessitaria ir de carro.

Além disso, 3 idosos, afirmaram sua escolha pela questão da acessibilidade do local, a existência de pista de caminhada (2) com estrutura e um percurso a ser seguido, presença de locais planos (1) e largura ampla da calçada (1) como fatores importantes para suas escolhas. Em contrapartida, para outros 3 idosos, a escolha pelas calçadas urbanas se deveu ao convívio urbano que estas propiciam, sendo os encontros entre as pessoas um aspecto importante para estes idosos.

Seguem abaixo as falas dos entrevistados em relação às calçadas urbanas como espaços abertos ao ar livre nas cidades onde os entrevistados gostam de caminhar:

Na rua, na rua geral. Porque até eu ir até outro local de parque fica meio longe, então ali é onde dá (Entrevistado 2, Masc., 82 anos).

Eu gostava de caminhar pelo centro, mas tá dificultando. Poderia ser melhor, porque aqui nós precisávamos de uma passarela que fosse aqui para entrada de Antônio Carlos, por causa da BR. Porque daí a gente passaria ali por aquela parte Deltaville, para lá que seria muito bom. Hoje dificulta para nós, porque pra ir lá, a gente precisaria de um carro para ir. E, se tivesse uma passarela, não só pra mim, né? Mas para muitas pessoas idosas e também quem trabalha, para passar e poder ir para lá, né? Porque ali é um lugar muito bom de andar. Gosto de caminhar na rua, não vou muito em parque porque teria que atravessar a BR (Entrevistado 3, Fem., 80 anos).

Gosto de caminhar em locais planos, porque se forem calçadas irregulares, por exemplo, a caminhada é mais prejudicial do que benéfica, considerando as articulações (Entrevistado 5, Fem., 63 anos).

Na rua. Porque encontra pessoas diferentes, clima diferente. Gosto de andar no sol. Se eu vou na Praça, vou caminhando. [...] (Entrevistado 6, Masc., 68 anos).

[...] Lá no Deltaville tem a pista de caminhada. Eu vou de carro porque é mais longe. A pé até é perigoso ficar disputando a rua com os carros. Se tivesse um circuito aqui da BR, na Major Livramento, ali no Vendaval e que desse um circuito parecido, claro que seria bem melhor (Entrevistado 8, Masc., 64 anos).

[...] Como aqui ó, eu amo a Avenida, aqui nossa. Eu gosto quando tem um percurso, né? Porque era muito acostumada com educação física, a pista. E com o atleta, a pista de corrida. Você tá entendendo? Então, tinha a pista de corrida. Então eu não gosto de caminhar sozinha, assim, tem gente caminhando também. Se eu vejo que eu vou ficar sozinha, eu já vou-me embora. Eu entro em pânico. [...] Eu tenho medo de bicho, eu tenho medo de gente. [...] Em todo caso, mas, sei lá, não tem explicação para esse medo. Eu gosto também de caminhar na rua. Ali ó [AVENIDA], você faz como se fosse uma pista, uma rotatória. E, você vai pode ir por um lado e voltar pelo outro. Porque ali eu acho que as calçadas são amplas, estão boas, sabe. Só que eles estão muito acostumados a andar errado. Então, você caminha no sentido anti-horário e eles caminham no sentido horário. A direita para dentro, vamos supor, entende. Eles fazem isso aqui, e a caminhada é assim. [...] Uma pista de corrida jamais o atleta irá fazer o sentido horário. Sempre anti-horário, a esquerda para dentro. [...] (Entrevistado 9, Fem., 72 anos).

Na rua, na Praça. Porque ali a gente encontra sempre as pessoas que a gente conhece. Cumprimenta. Bom dia, boa tarde, boa noite. E você sempre tá perto das pessoas. Daí eu não gosto de encaminhar em lugar é... como vou dizer para ti.... deserto. Eu gosto de tá andando onde tem as pessoas, para você cumprimentar, encontrar os amigos. E em Florianópolis, na frente do Ponto Chic eu joga um baralho. Daí a gente chama tranca, né? Então joga um baralho ali, já muitos anos. Ali desde mil novecentos e antigamente nós começamos com o dominó e depois passamos para tranca do baralho. E ali a gente tem um grupo de mais ou menos umas 25 pessoas. Que compram o baralho, a gente paga 5 reais por mês pra comprar pano, pra comprar tudo ali. E ter divertimento, além de tá jogando, tá encontrando os teus parceiros, seus amigos de longas datas. O grupo do dominó aqui de Biguaçu tem mais ou menos uns 10, mais ou menos e todo dia, todo dia, sempre tá aparecendo gente diferente, né? Isso é muito bom, tu te diverte, tu brinca, tu conhece mais pessoas. Isso é muito bom, inclusive para o idoso. Por quê que tem o jogo de dominó? Por quê que tem o jogo do baralho quando você é idoso? Para você conseguir trabalhar com seu cérebro e para não ficar com ele parado, e com isso, você não tem problema de saúde no seu cérebro. É por isso que a gente joga. Porque ali tu tá articulando, pensando, qual é a pedra do

adversário, qual é a pedra que eu vou jogar. Então o teu cérebro está funcionando e trabalhando (Entrevistado 11, Masc., 74 anos).

Eu gosto de caminhar, francamente mesmo, eu gosto de caminhar na rua. Porque a gente vem encontrando o pessoal, vai embora, e lá adiante já encontra outro amigo e por aí afora. Eu ando pela rua, converso, passo na frente, converso com os meus amigos (Entrevistado 15, Masc., 86 anos).

No que se referem aos espaços abertos ao ar livre nas cidades onde os entrevistados gostam de caminhar, alguns idosos entrevistados (6 de 15) informaram sua preferência pelos parques. No entanto, metade desses (3 de 6) apresentaram como empecilho a distância e a necessidade de, atualmente, ter que se deslocar de automóvel até estes locais, uma vez que não são próximos as suas residências. Alguns (3) também mencionaram a sensação de segurança com a presença de outras pessoas exercitando-se ou se divertindo neste local. Apenas uma pessoa mencionou a vegetação como referência a sua escolha pelos parques e outra afirma esta escolha em relação à má qualidade das calçadas nas vias urbanas comuns.

Seguem abaixo as falas dos entrevistados em relação aos parques como espaços abertos ao ar livre nas cidades onde os entrevistados gostam de caminhar:

[...] porque daí a gente passaria ali por aquela parte Deltaville, para lá que seria muito bom. Hoje dificulta para nós, porque pra ir lá, a gente precisaria de um carro para ir. [...] (Entrevistado 3, Fem., 80 anos).

[...] lá no Deltaville eu não vou porque achei muito longe, e ter que ir até lá de carro eu não gosto (Entrevistado 6, Masc., 68 anos).

Nenhum deles. Eu gosto de caminhar no meu quintal. Eu não sei se eu encontraria gente do meu tempo ou que soubesse conversar. A moçada hoje não conversa, não dá importância para a pessoa de idade. Eu, às vezes, eu faço uma retrospectiva das minhas amizades, praticamente morreram todas. [...] Eu gostaria de caminhar num lugar assim, onde não tem automóvel, que uma bicicleta me vê. Porque eu enxergo muito bem, porque as minhas lentes são especiais, custaram “os zolho da cara” (Entrevistado 7, Fem., 87 anos).

Bom, aqui em Biguaçu, assim, o único local mais adequado que tem é o Deltaville. [...] a gente ia de carro até o Deltaville e lá a gente andava uns 3, 4 km a pé. Um local adequado. Aqui nas nossas ruas a gente tem que andar pelo meio da rua. Não tem uma pista para caminhada, as calçadas não são regulares [...] (Entrevistado 8, Masc., 64 anos).

Olha, aquele, [...] [DELTAVILLE] Ele é muito lindo, mas para mim caminhar lá, sozinha, não dá. É como eu disse para ti, eu sou meio neurótica, com medo. Eu tenho medo das coisas. Então se eu estou sozinha, lá não dá. É lindo, mas eu ia ter que caminhar no percurso que eu via gente. [...]. Então eu não gosto de caminhar sozinha,

assim, tem gente caminhando também. Se eu vejo que eu vou ficar sozinha, eu já vou-me embora. Eu entro em pânico. [...] Eu tenho medo de bicho, eu tenho medo de gente. [...] Em todo caso, mas, sei lá, não tem explicação para esse medo. Eu gosto também de caminhar na rua. [...] Aqueles parques em São Paulo, Deus me livre, eu entro em pânico só de olhar para a caminhar sozinha naquele parque. Entendeu. Não, eu gosto que se tem gente caminhando. Não comigo, para conversar não. Mas eu caminhando e que eu veja mais gente fazendo aquilo ali, parece que me dá, aparentemente, uma segurança. Para ir no Deltaville, antes eu fazia aquilo tudo lá, que ainda era chão batido, que não tinha ainda aqueles, aquelas coisas lá. [...] nós íamos até lá a pé. [...] Para chegar lá, a calçada ali era muito ruim, nossa de Biguaçu. Tu não tens um espaço aqui em Biguaçu para caminhar. Ninguém tem. Agora que tem lá o Deltaville [...] (Entrevistado 9, Fem., 72 anos).

Ah, onde tivesse vegetação. Bastante, bastante, bastante. Árvore, flor. Criança brincando. Aí, sim, eu iria! [a entrevistada se emocionou neste momento] Mas aqui nessas calçadas que mais derrubam a gente. Para estrada não dá de ir. Tem que tá se segurando. Eu não gostaria de voltar. Se fosse assim, um parque. Me leva lá. Eu vou! [...] Daí eu ia de carro. Ou de ônibus até lá e já fazia a minha caminhada. No parque eu ia gostar das árvores. Eu adoro vegetação. Eu adoro olhar pras árvores, ficar olhando... ver as folhinhas que estão crescendo novas. O verde. O verde limão, o verde-garrafa. O verde já desmaiando que tá caindo as folhas do outono. O vento batendo e aquelas folhas caindo. Eu gosto de vê, gosto de olhar. [...] (Entrevistado 10, Fem., 82 anos).

Do total de entrevistados, alguns (5 de 15) mencionaram **locais com a presença do mar**, como os espaços abertos ao ar livre nas cidades onde os entrevistados gostam de caminhar. Destes, 3 indicaram espaços de caminhada em calçadas e/ou pistas de caminhada à beira-mar e 2 a caminhada na própria praia. A escolha por locais com a presença do mar se deve à proximidade da moradia do idoso (3), sendo que todos estes 3 entrevistados indicaram a caminhada em calçadas e/ou pistas de caminhada à beira-mar e não na própria praia. Um destes também indica a preferência pela infraestrutura deste local, uma vez que dispõe de calçadas bem sinalizadas, segurança e infraestrutura como equipamentos de alongamento. Já aqueles que citaram (2) a atividade de caminhar na areia da praia, indicam a preferência pela praia em função da sua paisagem, da natureza, do barulho do mar e do vento como aspectos importantes para suas escolhas.

Seguem abaixo as falas dos entrevistados em relação aos locais com a presença do mar como espaços abertos ao ar livre nas cidades onde os entrevistados gostam de caminhar:

Na Beira-mar Continental. Porque é mais perto da minha casa (Entrevistado 1, Masc., 64 anos).

Gostaria de caminhar numa praia, alguma coisa assim. Porque eu gosto de praia, natureza (Entrevistado 4, Fem., 66 anos).

Em todos os lugares, tanto faz. Mas eu não gosto mesmo de caminhar é na praia, porque tem que colocar um sapatinho especial que eu tenho. A areia corta o meu pé todo. Quando a gente caminha na Beira-mar de São José a gente já vai caminhando desde casa. Dá uns 500, 600 metros até lá (Entrevistado 12, Fem., 64 anos).

Ali na Beira-mar, né? Na praia. Ali é mais fresquinho. Tu tens sempre um ambiente melhor para caminhar. A calçada é uma calçada bem sinalizada e com toda a segurança que a gente felizmente tem, né? Aqui na Beira-mar nossa. É bem seguro para caminhar, bem seguro e tem toda, toda infraestrutura que tu precisas. Com pracinhas de alongamento, né? Esses... esses... equipamentos que as prefeituras botam para gente poder se alongar antes e depois. Então, eu sempre prefiro aqui na Beira-mar para caminhar. Eu uso esses equipamentos. Normalmente, no final, quando a gente termina a caminhada, a gente faz o alongamento lá. O alongamento prévio que se faz, a gente faz aqui dentro de casa. Fazer, esticar os pés, né? Fazer alongamento de braço, de mão. E lá no final, sempre quando a gente termina, a gente faz o alongamento naqueles aparelhos. Nós já saímos a pé daqui e fizemos todo o percurso a pé (Entrevistado 13, Masc., 66 anos).

Na praia. Ah, para ouvir o barulho do mar, para ouvir o vento, para ver o horizonte, para ver o pôr do sol, pra ver o nascer da lua, para ver as variações do tempo (Entrevistado 14, Fem., 67 anos).

Cabe destacar que, muitos entrevistados (9 de 15), independente das suas respostas sobre espaços abertos ao ar livre nas cidades onde gostam de caminhar, mencionaram a questão da proximidade com a sua casa como justificativa pela sua preferência. Alguns, ou quase a metade dos entrevistados (6 de 15), mencionaram a questão do convívio social tanto para encontrar as pessoas como na relação de segurança com a presença de outras pessoas. Poucos, ou quase um terço dos entrevistados (4 de 15), mencionaram aspectos da paisagem como a presença da natureza e o conforto ambiental como justificativas.

Salienta-se que todos os idosos entrevistados possuem algum espaço de lazer como praça (9), via pública com pista de caminhada em área urbana (5), via pública com pista de caminhada à beira-mar (3), parque (2) e praia (1) próximo a sua residência, ou seja, em um raio de 800m a partir da residência, conforme indicado no referencial teórico desta pesquisa. Contudo, do total de entrevistados, muitos (10 de 15) possuem apenas um local de lazer nas proximidades de sua moradia e alguns (5 de 15) possuem dois pontos de lazer na sua localidade.

Excetuando-se as praças desta análise entre moradia e distância dos espaços públicos de lazer, uma vez que estas são espaços mais reduzidos e que contribuem em menor grau como espaços para caminhada, alguns entrevistados (4 de 15) não possuem espaços de lazer próximos a sua moradia. E, muitos (10 de 15) possuem apenas um local de lazer próximo a sua residência.

Dos 9 idosos que caminham para atividade física ou lazer (exclusiva ou deslocamento + atividade física ou lazer), 3 possuem na proximidade de sua residência uma via pública com

pista de caminhada à beira-mar, 3 moram nas proximidades de praças, 2 tem proximidade com uma via pública com pista de caminhada em área urbana, 2 com parques e 1 praia.

Dos idosos que mencionaram caminhar apenas com o objetivo de deslocamento (6 de 15), todos moram próximos a alguma praça e três possuem via pública com pista de caminhada em área urbana. Cabe salientar que nenhum entrevistado que caminha apenas com o objetivo de deslocamento possui em suas proximidades algum, parque, praia ou via pública com pista de caminhada à beira-mar.

4.2 ATRIBUTOS DO ESPAÇO E DA PAISAGEM INCENTIVADORES E DESENCORAJADORES DO CAMINHAR ENTRE OS IDOSOS

Inicialmente, os idosos foram questionados de forma abrangente sobre pontos positivos e negativos do espaço e da paisagem para sua atividade de caminhar, que os incentivariam a caminhar mais ou que os desencorajariam a caminhar. Os idosos foram encorajados a falar livremente sobre o assunto, para que também, o pesquisador, pudesse verificar a importância dada por cada entrevistado a cada um dos assuntos abordados.

Assim, os resultados envolvidos por esta categoria síntese, estão divididos em duas grandes categorias: a primeira, envolve atributos do espaço e da paisagem incentivadores da caminhada entre os idosos (os pontos positivos mencionados por eles), e a segunda, envolve atributos do espaço e da paisagem desencorajadores da caminhada entre os idosos.

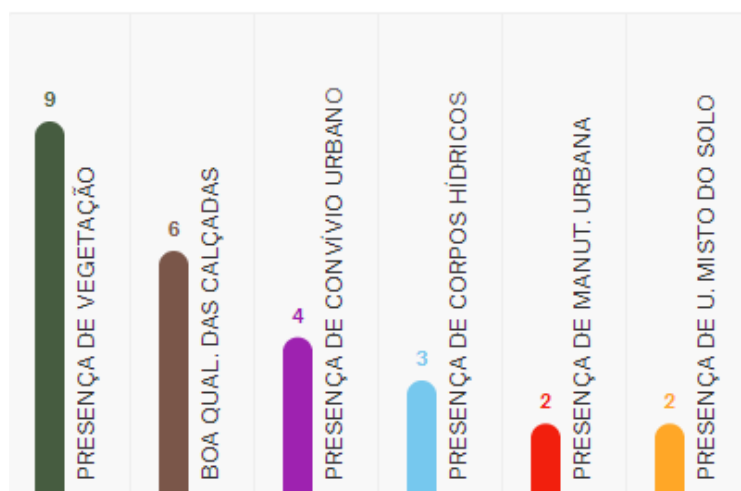
4.2.1 Atributos do espaço e da paisagem incentivadores da caminhada entre os idosos

Quase todos os idosos mencionaram aspectos relacionados à natureza como atributos do espaço e da paisagem incentivadores da caminhada, como a vegetação, a praia, o mar, os morros, flores e pássaros, a presença do sol e a observação da passagem do tempo através da paisagem. Muitos idosos também mencionaram questões relacionadas à boa qualidade e ao conforto oferecido pelos espaços para caminhar, como calçadas planas e acessíveis, com boa manutenção e sombreadas, com especial destaque para a acessibilidade dentro destes aspectos.

Também foi mencionado pelos idosos, porém com menor frequência, a co-presença e a socialização com os demais e a presença do comércio como atributos do espaço e da paisagem incentivadores para a atividade de caminhar do idoso.

A partir da figura 20 apresenta-se os atributos do espaço e da paisagem incentivadores da caminhada entre os idosos entrevistados:

Figura 20 – Gráfico mostrando os atributos do espaço e da paisagem incentivadores da caminhada entre os idosos.



Fonte: Elaborado pela autora, Atlas.ti Cloud (2022).

Muitos dos entrevistados (9 de 15) mencionaram que a **presença da vegetação**, especialmente os elementos da natureza como árvores (5), plantas (2), flores (3), morros (2) e também pássaros (2) atuam como incentivadores da caminhada. Dos 9 entrevistados que citaram a vegetação, 4 relacionaram à sensação de prazer e bem-estar ao presenciar os espaços verdes. A vegetação também foi relacionada por 3 pessoas quanto a sua beleza e apreciação no percurso da caminhada. Também foram citados (2) os elementos na natureza como impulsionadores para se deslocar até um local, como objetivo e dois entrevistados citam a natureza como algo bom em referência às lembranças da infância e suas origens. Cabe destacar que apenas 1 entrevistado citou a preferência por espaços com sombra da vegetação, o que traz o frescor e a sensação de conforto junto à natureza e outro falou sobre a apreciação de observar, através das caminhadas, as mudanças do tempo através dos elementos da natureza.

Seguem abaixo as falas dos entrevistados em relação os aspectos da presença da vegetação que os fazem caminhar mais:

A natureza, né? Tem que ter árvores, um dia bom, bonito, né? A gente ver as árvores, os pássaros. Eu gosto muito de apreciar essas coisas. Quando a gente vai andando, eu gosto disso aí (Entrevistado 3, Fem., 80 anos).

[...] um segundo aspecto arborizado para que a caminhada seja prazerosa, que você se sinta na natureza (Entrevistado 5, Fem., 63 anos).

Plantas, flores, árvores, pássaros soltos, tudo que pertence à flora [...] Para eu alcançar, se alguém disse assim: Olha, tu vai até lá na Igreja, depois tu dobra tal rua e caminha mais um pouquinho que tu vás chegar num parque. Ele é cheio de árvores, cheio de flores. A natureza para mim é tudo. Todo dia eu converso com o pé de manga. A natureza me traz a vida passada, o que vivi na infância, o que eu brinquei, onde eu morei, são reminiscências. [...] Eu tenho muita recordação, a minha infância foi muito boa. A natureza me remete a isso aí, à saudade das coisas que eu vivi. A minha infância foi muito boa (Entrevistado 7, Fem., 87 anos).

Eu olho a natureza, as plantas, o paisagismo. Porque, sei lá, porque eu gosto. Não sei, a minha origem. Em vim do interior, das comunidades de agricultura. A gente sempre observa as plantas, as coisas, e até pela minha formação, né? Eu sou agrônomo, eu gosto de ver as plantas, as flores, as espécies (Entrevistado 8, Masc., 64 anos).

Ai, árvores floridas, que coisa mais linda! Quando tu encontras uma árvore com bastante flor. A amarela, me hipnotiza! Quando eu encontro uma árvore com flor amarela, ela me hipnotiza. Eu tenho que olhar, olhar, às vezes, eu até paro para olhar. [...] Eu gosto de ver a natureza porque me traz coisa boa. Eu sou apaixonada por amarelo. Cor de rosa é lindo. Tá entendendo, mas o amarelo é que é minha paixão. O laranja, cores vivas. Eu gosto de coisa florida (Entrevistado 9, Fem., 72 anos).

[...] Tem um morro lá com vegetação, eu gostaria de caminhar até lá. Eu gostaria de caminhar até lá. Entendeu. Mas, era aquilo que me movia, um objetivo (Entrevistado 10, Fem., 82 anos).

Estar arborizado [...] e com árvores, com natureza ao redor. Natureza é vida. Ela remete a bem estar, a vida, a estar bem (Entrevistado 12, Fem., 64 anos).

[...] com vegetação [...] [...] Daí tu tem toda aquela visão ali do Morro do Cambirela, tens aquela visão da parte ali dos fundos de Coqueiros. Então, a visualização ali tem o Morro da Pedra Branca, que tu tens a oportunidade. Então tu tens várias paisagens de longe, assim... que tu fica observando. Até para ver se vem chuva, se não vem chuva. Toda aquela coisa de ficar acompanhando o tempo mesmo que tu estás fazendo aquilo ali (Entrevistado 13, Masc., 66 anos).

[...] mas quando eu estou na cidade eu olho quando tem sombra, quando tem vegetação, [...], daí dá vontade de caminhar nesses ambientes. Porque é mais fresco, porque é mais confortável, porque é mais, mais gostoso, porque... tudo de bom, uma árvore e uma sombra (Entrevistado 14, Fem., 67 anos).

Observa-se assim que, nas entrevistas, a presença de vegetação foi o fator com maior menção como positivo para a caminhada dos idosos. Na revisão sistemática de literatura realizada na primeira etapa desta pesquisa, a presença da vegetação foi o segundo atributo da paisagem mais frequente nos artigos revisados (ALVES, *et al.*, 2020; CHIPPENDALE;

BOLTZ, 2014; DUJARDIN, *et al.*, 2014; FARIAS, *et al.*, 2018; FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, *et al.*, 2017; LEE, *et al.*, 2019; NEALE, *et al.*, 2017; NEALE, *et al.*, 2019; PLAUT, *et al.*, 2021; RICHARD, *et al.*, 2008; TILLEY, *et al.*, 2017; VEGI, *et al.*, 2020; WANG, *et al.*, 2020; WU, *et al.*, 2019). Já na pesquisa apresentada pelo Plano de Mobilidade Sustentável da Grande Florianópolis, contemplada pelo item 3.2.1 deste relatório, a vegetação apareceu como um item menos grave dentre os problemas encontrados para os deslocamentos a pé.

A **boa qualidade das calçadas** foi mencionada por alguns, quase a metade, dos idosos entrevistados (6 de 15) como incentivadores da caminhada. Todos os entrevistados que falaram sobre as calçadas citam a qualidade das calçadas sendo planas, com boa acessibilidade como positivo para a atividade de caminhar. Destaca-se que 2 deles citam o benefício da boa qualidade na calçada como a prevenção de acidentes e 1 fala que isso incentiva o caminhar.

Seguem abaixo as falas dos entrevistados em relação os aspectos da qualidade das calçadas que os fazem caminhar mais:

Local plano, calçada bem plana. Boa acessibilidade. Porque não tem problema de acidente (Entrevistado 1, Masc., 64 anos).

Ruas melhores para caminhar. Porque as minhas aqui, quando a gente anda, dá um tropeço (Entrevistado 2, Masc., 82 anos).

[...] Eu acho bom andar na rua, a calçada é boa (Entrevistado 4, Fem., 66 anos).

Primeiramente que seja plano [...] (Entrevistado 5, Fem., 63 anos).

[...] As calçadas em boas condições [...] (Entrevistado 12, Fem., 64 anos).

Quando eu tô na cidade eu olho quando tem [...] calçadas, daí dá vontade de caminhar nesses ambientes (Entrevistado 14, Fem., 67 anos).

A boa qualidade da calçada foi o atributo relacionado à acessibilidade do espaço mais frequente na revisão sistemática de literatura, sendo corroborado pelas entrevistas como também um dos mais mencionados (ALVES, *et al.*, 2020; BAILLY, *et al.*, 2018; BAILLY, *et al.*, 2018; BROOKFIELD, *et al.*, 2017; CERIN, *et al.*, 2012; CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014; LOO, *et al.*, 2017; PLAUT, *et al.*, 2021; VEGI, *et al.*, 2020; WANG, *et al.*, 2020; WU, *et al.*, 2019; WU, *et al.*, 2019).

A **presença do convívio urbano** tanto relacionado a interação com outras pessoas ou apenas observação dessas foi citado por poucos, quase um terço (4 de 15) dos entrevistados, como elemento incentivador da caminhada, sendo que duas delas informaram este elemento como primeira resposta. Todos estes citam a observação de outras pessoas, sejam se deslocando na rua (2), sejam fazendo exercício físico (1), sejam adolescentes andando de skate (1) como indicador de estímulo à caminhada. E, desses, 3 deles citam a interação social urbana através da conversa (2) ou apenas ao cumprimentar uma pessoa (2) como positivo para o caminhar.

Seguem abaixo as falas dos entrevistados em relação aos elementos da presença do convívio urbano que os fazem caminhar mais:

Muitas pessoas fazendo atividade física. [...] Gosto de ver as pessoas, nem é interagir, é só ver mesmo! Só cumprimenta, porque tá caminhando. É só por ver pessoas (Entrevistado 6, Masc., 68 anos).

Eu posso dizer para ti assim, eu, desde quando eu morava lá [...] que eu vinha, que eu caminhava pela passarela, são coisas que tu paravas e ficavas olhando ali e lembrando o teu passado e como hoje a gente tá morando aqui [...], mas eu vinha aqui no Bar [...] há muitos anos, jogar baralho, jogar dominó. Então, hoje, a gente tem muitos amigos e conhecidos nessa rua até a Praça, então, te lembra muito as pessoas que você vai encontrando, você vai dando bom dia, boa tarde, boa noite. Isso para ti é sensacional. Você tá passando em uma rua onde que as pessoas te conhecem e você conhece as pessoas (Entrevistado 11, Masc., 74 anos).

[...] e tem também sempre, tem, umas, umas, pistas lá... que as crianças e os adolescentes usam para skate, essas coisas que a gente fica observando [...] (Entrevistado 13, Masc., 66 anos).

[...] Eu gosto de ver outras pessoas, conversar com as pessoas. Eu ando direto, eu levanto de manhã cedo e já estou na rua (Entrevistado 15, Masc., 86 anos).

Alguns estudos da revisão de literatura também citam o convívio social como incentivador. Todos estão relacionados à interação social conferida pela paisagem, e, nenhum deles cita a presença de outras pessoas apenas como observação (BAILLY, *et al.*, 2018; CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014; CURL; MASON, 2019; LOO, *et al.*, 2017; MARQUET; MIRALLES-GUASCH, 2015; RIBEIRO, *et al.*, 2013; TILLEY, *et al.*, 2017). Na revisão, também se relaciona a presença de outras pessoas como atributo da segurança, já nas entrevistas não houve menção ao convívio social neste sentido (KFIELD, *et al.*, 2017; LOO, *et al.*, 2017; TILLEY, *et al.*, 2017).

A **presença de corpos hídricos** também foi citada por poucos (3) idosos entrevistados como incentivador da caminhada. A presença dos espaços marítimos foi indicada pelos três participantes. Todos citaram o mar, nenhum citou outro corpo hídrico como a presença de lagoas, lagoas ou rios. Um deles cita o mar como objetivo para se deslocar e chegar até este local.

Seguem abaixo as falas dos entrevistados em relação os aspectos da presença dos corpos hídricos que os fazem caminhar mais:

Só assim, oh. Se fosse um mar, eu gostaria de chegar até lá [...] eu gostaria de caminhar até lá. Entendeu. Mas, era aquilo que me movia, um objetivo (Entrevistado 10, Fem., 82 anos).

[...] E o próprio mar, né? [...] (Entrevistado 13, Masc., 66 anos).
Bom, na praia é... a ambiência da praia não tem sombra, [...] (Entrevistado 14, Fem., 67 anos).

Assim como nas entrevistas, alguns artigos da revisão de literatura presente na metodologia citam a presença de corpos hídricos como elemento da paisagem incentivador da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais (CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014; FARIAS, *et al.*, 2018; FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, *et al.*, 2017; PLAUT, *et al.*, 2021). Estes estudos indicam a presença desses locais como qualidade visual e sensação de bem-estar. Nas entrevistas, é peculiar que os participantes foram sucintos e, não souberam justificaram a presença do mar como incentivador, sendo que 2 deles informaram esse elemento como primeira resposta. Em contrapartida, souberam justificar com maior clareza outro elemento da natureza que é a presença de vegetação.

A **presença do uso misto do solo** foi mencionada por poucos (2) entrevistados como elemento incentivador da caminhada. A presença de comércio locais como lojas e supermercados, locais citados pelos entrevistados, estimulam o deslocamento desses entrevistados, conforme demonstrados nas falas que seguem:

Numa loja, em lojas, alguma coisa. Não sei agora. [...] (Entrevistado 4, Fem., 66 anos).

Eu gosto de ir passar na frente dum campo de futebol ou passar na frente dum supermercado, eu corro por isso tudo! A saúde é andar. E levantar cedo e dormir cedo [...] Eu ando direto, eu levanto de manhã cedo e já tô na rua (Entrevistado 15, Masc., 86 anos).

Percebe-se que foi pouco frequente a menção ao uso misto do solo, mas nos dois casos essa foi a primeira resposta dos participantes. Já nos artigos selecionados na revisão de literatura, constante nos procedimentos metodológicos, este foi o principal fator incentivador da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais, sendo este constante da categoria paisagem (ALVES, *et al.*, 2020; BARNETT, *et al.*, 2015; BESSER, *et al.*, 2018; BROOKFIELD, *et al.*, 2017; CERIN, *et al.*, 2016| CERIN, *et al.*, 2020; CURL; MASON, 2019; DUJARDIN, *et al.*, 2014; HORAK, *et al.*, 2022; LEE, *et al.*, 2013; MARQUET; MIRALLES-GUASCH, 2015; MARQUET; MIRALLES-GUASCH, 2015; PLAUT, *et al.*, 2021; RIBEIRO, *et al.*, 2013; RICHARD, *et al.*, 2008; VEGI, *et al.*, 2020; WU, *et al.*, 2019).

A **presença de manutenção urbana** é também vista como um importante fator incentivador da caminhada. Esta foi mencionada por poucas pessoas (2), sendo que ambas citaram locais limpos como elemento incentivador e uma pessoa cita a ausência de fezes de animais nas calçadas. Cabe destacar que mesmo tendo sido mencionado por apenas dois entrevistados, este foi o primeiro elemento respondido por um deles, conforme demonstrados nas falas que seguem:

Estar [...] limpo, né? As calçadas em boas condições, limpa e sem cocô de [...] (Entrevistado 12, Fem., 64 anos).

Olha, ali nós temos sempre uma, uma, uma preocupação da Prefeitura em manter limpo ali, aquela área toda, [...] (Entrevistado 13, Masc., 66 anos).

Na revisão de literatura compreendida pela primeira etapa da pesquisa, a falta de manutenção urbana é vista como desencorajador da caminhada em idosos (BROOKFIELD, *et al.*, 2017; TILLEY, *et al.*, 2017). No entanto, nenhum estudo presente nesta revisão de literatura cita, especificamente, a presença de manutenção urbana como aspecto da paisagem incentivador da caminhada.

Ao refletir sobre em que medida os atributos da paisagem atuam como incentivadores da caminhada entre os idosos, o que é preconizado pelo terceiro objetivo específico desta pesquisa, percebe-se que quase todos os entrevistados (13) citaram aspectos relacionados à paisagem como incentivador, e poucos (2) citaram somente aspectos relacionados à infraestrutura do espaço urbano, sendo estes últimos relacionados à qualidade da calçada. A vegetação (9, sendo 5 como primeira resposta), o convívio urbano (4), a presença de corpos

hídricos (3) e a manutenção urbana (2) são todos aspectos positivos ressaltados pelos entrevistados e relacionados à paisagem que os incentiva a caminhar mais. Já a boa qualidade das calçadas (6) é o único aspecto que faz referência ao espaço urbano, sendo que apenas 3 pessoas tiveram esse elemento como primeira resposta.

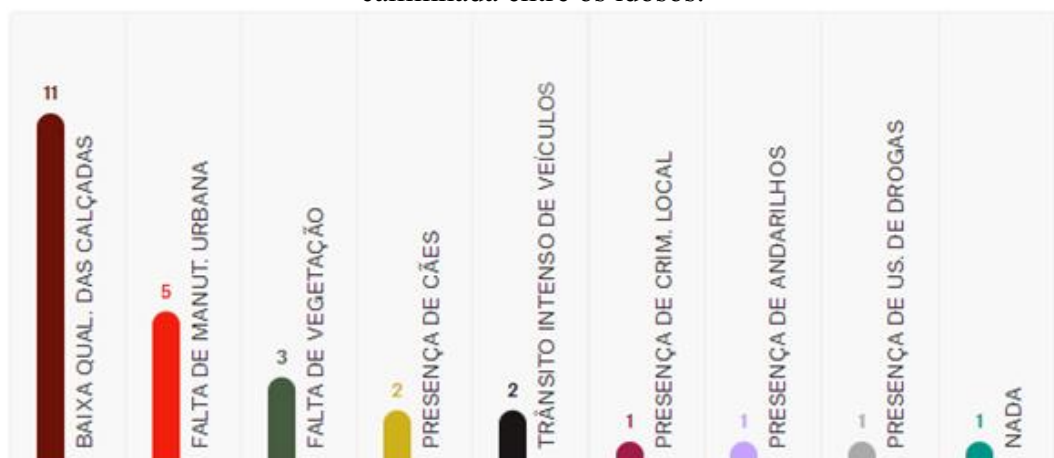
Isso demonstra que paisagens vegetadas e bem mantidas, com a presença de corpos hídricos e que oportunizem o convívio urbano atuam como incentivadoras da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais.

4.2.2 Atributos do espaço e da paisagem desencorajadores da caminhada entre os idosos

Dentre os atributos do espaço e da paisagem desencorajadores da caminhada entre os idosos, muitos idosos responderam a baixa qualidade das calçadas, principalmente nos aspectos relacionadas à falta de acessibilidade. Contudo, quase todos os entrevistados citaram em suas respostas aspectos relacionados a paisagem como: falta de manutenção urbana, falta de vegetação, presença de cães, trânsito intenso de veículos, presença de andarilhos e presença de usuários de drogas. Já quanto aos aspectos relacionados à segurança, alguns mencionaram a presença da criminalidade local.

A partir da figura 21 apresenta-se os atributos do espaço e da paisagem desencorajadores da caminhada entre os idosos entrevistados:

Figura 21 – Gráfico mostrando os atributos do espaço e da paisagem desencorajadores da caminhada entre os idosos.



Fonte: Elaborado pela autora, Atlas.ti Cloud (2022).

Muitos entrevistados (11 de 15) citaram a **baixa qualidade das calçadas** dentre os atributos do espaço e da paisagem desencorajadores da caminhada entre os idosos. Além disso, dos 11 entrevistados que citaram a calçada como um elemento negativo, destaca-se que 9 destes informaram essa como sua primeira resposta a este questionamento. Alguns dos idosos entrevistados (9) informaram como negativas as questões relacionadas ao piso da calçada, como a presença de buracos (3) e a falta de regularidade e estabilidade (4).

Quanto à ausência de pavimentação, apenas um entrevistado cita seu descontentamento por percorrer calçadas em chão batido. Já no que se refere à largura da calçada, somente um idoso cita como negativo a largura estreita das calçadas pela qual percorre. Além disso, do total de entrevistados, poucos (2) citaram o receio de cair em função da má qualidade dos pisos da calçada.

Seguem abaixo as falas dos entrevistados em relação os aspectos da baixa qualidade das calçadas que os fazem caminhar menos:

Terreno, calçada bem acidentada. Porque é perigoso, secciona muito a tua caminhada (Entrevistado 1, Masc., 64 anos).

Buraco na rua, nas calçadas. E eu não aguento mais caminhar, tenho cansaço (Entrevistado 2, Masc., 82 anos).

Agora, já está dificultando um pouco, a nossa [...] como vou dizer, a força, né? Nessa idade agora, a gente quer, mas a gente também tem insegurança. A gente tem medo que possa cair, que possa ser assaltado, porque tem muita gente diferente agora, né? Então a gente tem insegurança, tem medo [...] (Entrevistado 3, Fem., 80 anos).

Não gosto de caminhar na rua mesmo, sinto peso nas pernas, cansaço (Entrevistado 4, Fem., 66 anos).

Calçadas irregulares, porque me seriam prejudiciais [...] (Entrevistado 5, Fem., 63 anos).

As desconformidades de calçada, uma mais alta, outra mais baixa. Às vezes a gente até tropeça. [...] (Entrevistado 8, Masc., 64 anos).

Os obstáculos que eu encontro. São essas coisas todas. Para eu chegar ali no rio. Eu tenho que passar por essas coisas, por estradas, por pessoas, por carros, por coisa. E as estradas ruins e eu chego lá e volto. Porque eu tô cansada. Já não posso ficar sentada, olhando. [...] A estrada hoje não me atrai. Eu gosto de ver coisa bonita. [...] (Entrevistado 10, Fem., 82 anos).

Olha, pois agora. O que eu posso dizer para ti? Eu não vi nada de negativo ainda. O negativo até tem, tem algumas coisas que tudo que tu tens que tomar cuidado. Que nem você tá no trânsito, dirigindo carro, e tem algumas coisas que tu tens que tomar cuidado. [...]. Aí eu fico preocupado, então e eu estou sempre ligado nisso, nesse trecho que eu caminho. E tem também os buracos, né? Na rua. Tem calçadas que não

são bem tratadas. Eu digo assim ó, ou seja, e eu dar uma sugestão para a Prefeitura: Moradores vão ter um desconto no IPTU, desde que limpem sua calçada, tira o mato da sua calçada, não deixe nada acontecer com a sua calçada, ela vai ter um desconto no IPTU. Porque a pessoa tem a calçada da sua casa e deixa que a prefeitura fazer esse trabalho. Esse trabalho tem que ser de quem é o proprietário da residência e era como a gente fazia lá na nossa casa. [...]Se a Prefeitura disser para mim que me dá um desconto no IPTU se tiver tudo limpinho, arrumadinho, a Prefeitura não vai gastar aquele dinheiro que ela gasta com licitação. Entendeu (Entrevistado 11, Masc., 74 anos).

[...] Ah e muito buraco também na calçada, também é uma coisa que me incomoda muito, né? (Entrevistado 12, Fem., 64 anos).

[...] calçada estreita [...] (Entrevistado 14, Fem., 67 anos).

[...] Tem calçada que é ruim, né? Que é de chão. Tem lugar que o prefeito deve de acertar, vamos dizer assim, ah... as calçadas, que é de chão ainda, daí tu pisa e, às vezes, cai. O negócio é andar. [...] (Entrevistado 15, Masc., 86 anos).

A baixa qualidade das calçadas foi o atributo do espaço mais frequente nas entrevistas, que atua como desencorajador da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais. O que é corroborado pela revisão de literatura realizada na primeira etapa da pesquisa (ALVES, *et al.*, 2020; BAILLY, *et al.*, 2018; BROOKFIELD, *et al.*, 2017; CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014; DUJARDIN, *et al.*, 2014; FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, *et al.*, 2017; HENNAH, *et al.*, 2021; HERRMANN-LUNECKE, *et al.*, 2021 | LOO, *et al.*, 2017; PLAUT, *et al.*, 2021; TILLEY, *et al.*, 2017; VEGI, *et al.*, 2020). O tráfego intenso de veículos, a baixa qualidade das calçadas e as barreiras físicas à mobilidade foram os atributos mais frequentes identificados como desencorajadores da caminhada em idosos, na revisão de literatura.

Cabe lembrar que calçadas com boa qualidade foi o segundo atributo mais citado como encorajador da caminhada pelos idosos entrevistados. Também a pesquisa apresentada pelo Plano de Mobilidade Urbana Sustentável da grande Florianópolis deixa evidente que calçadas estreitas e riscos de atropelamentos são os problemas mais importantes relacionados aos deslocamentos a pé, o que demonstra que este não é só um problema relacionado à pessoa idosa, mas a população em geral. Isto suscita o debate sobre a responsabilidade de execução e manutenção das calçadas urbanas.

Alguns idosos entrevistados (5 de 15) informam a **falta de manutenção urbana** como um dos atributos do espaço e da paisagem que os desencoraja na atividade da caminhada. Destes 5, alguns (3) citaram como justificativas questões relacionadas ao esgoto, principalmente, quanto ao mau cheiro. Outro fator citado por 2 entrevistados foi a questão da presença do lixo

nas vias públicas, tanto como obstáculo quanto em relação ao mau cheiro. A presença de mato (no sentido de ervas daninhas) (1) e de fezes de animais (1) foi citada por poucos entrevistados.

Seguem abaixo as falas dos entrevistados em relação os aspectos da falta de manutenção urbana que os fazem caminhar menos:

[...] E os sistemas expostos de poluição, de esgoto, de lixo (Entrevistado 8, Masc., 64 anos).

Negativo eu nem vou, eu nem passo. Se eu tiver que passar... ó terror. O fedor do lixo! Com a máscara ele fica impregnado de uma tal maneira que no caminhar esse pequeno percurso, misericórdia divina! É um fedor. Só. Urgente, urgente, urgente, eles precisam arrumar isso. O fedor do esgoto, que parece que eles acabaram de dar descarga aquele horário. Eu não passo aqui por lixo na calçada. [...] (Entrevistado 9, Fem., 72 anos).

[...] Tem calçadas que não são bem tratadas. Eu digo assim ó, ou seja, e eu dar uma sugestão para a Prefeitura: Moradores vão ter um desconto no IPTU, desde que limpem sua calçada, tira o mato da sua calçada, não deixe nada acontecer com a sua calçada, ela vai ter um desconto no IPTU. Porque a pessoa tem a calçada da sua casa e deixa que a prefeitura fazer esse trabalho. Esse trabalho tem que ser de quem é o proprietário da residência e era como a gente fazia lá na nossa casa. Eu mandava capinar, limpar, arrumar. Entendeu. Isso não pode ser da prefeitura. Aí você vê na cidade, nessa rua, cheia de mato. Aí a prefeitura contratou uma empresa para limpar. Por quê? Se a calçada é minha, da minha residência? Se a Prefeitura disser para mim que me dá um desconto no IPTU se tiver tudo limpinho, arrumadinho, a Prefeitura não vai gastar aquele dinheiro que ela gasta com licitação. Entendeu. (Entrevistado 11, Masc., 74 anos).

Quando tem muito cachorro, muito cocô [...] (Entrevistado 12, Fem., 64 anos).

O que me chama atenção ali, muitas vezes, é o esgoto que às vezes não é tratado ali, né? Exala um cheiro um pouco ruim. Onde tu passa em determinadas saídas de riachos que vem lá de cima da Praia Comprida, lá em cima da, da daquela região, e dependendo do vento, tu sente um pouco de... um odor muito forte, né? É uma coisa assim que sempre me chama atenção. [...] (Entrevistado 13, Masc., 66 anos).

Apesar de nas entrevistas a falta de manutenção urbana ter sido o segundo aspecto negativo mais citado entre os entrevistados, na revisão de literatura este foi um assunto pouco mencionado (BROOKFIELD, *et al.*, 2017; TILLEY, *et al.*, 2017). Além disso, diferentemente das entrevistas, nenhum estudo cita a questão do mau cheiro do esgoto, sendo esta última, a questão mais citada pelos entrevistados no que se refere à falta de manutenção urbana. Cabe salientar aqui que em boa parte dos municípios onde residem os entrevistados não possui sistema de tratamento de esgoto, o que pode acarretar o mau cheiro nas vias urbanas.

O que pode estar por trás do fato de este problema não ter aparecido com tanta frequência nos estudos contemplados pela revisão de literatura, é a procedência destes estudos, realizados. Do total de estudos, muitos (20 de 35) são procedentes de países desenvolvidos, principalmente do Reino Unido (6) e Estados Unidos (5). Alguns são estudos de países em desenvolvimento (13 de 35), sendo que deste total, 8 são estudos chineses e três brasileiros. Apenas um estudo advém de país subdesenvolvido, sendo este um estudo do Irã.

Embora a presença de vegetação tenha sido citada como principal elemento encorajador da caminhada na categoria anterior, apenas 3, dos 15 idosos entrevistados, citaram a **falta de vegetação** como atributo do espaço e da paisagem desencorajador da caminhada entre os idosos, caracterizando sua ausência como negativo. Desses, 2 citaram a falta de sombra e 1 cita a ausência da arborização como fator preponderante para o prazer na caminhada, conforme seguem as falas abaixo:

[...] e se não for arborizado não fica uma caminhada prazerosa (Entrevistado 5, Fem., 63 anos).

[...] pouca sombra. (Entrevistado 14, Fem., 67 anos).

[...]O que atrapalha é quando o sol é muito quente. Aí eu paro um pouco na sombra, numa árvore, numa coisa, eu descanso um cadinho e o pau pega de novo (Entrevistado 15, Masc., 86 anos).

Na revisão de literatura presente nos procedimentos metodológicos, apenas um estudo cita a falta de vegetação como elemento desencorajador, sendo que, neste estudo havia a referência a esta com a justificativa de falta de sombra, sendo esta justificativa também presente nas entrevistas (PLAUT, *et al.*, 2021). Diferentemente das entrevistas, nenhum estudo citou a ausência de vegetação relacionada ao prazer de caminhar.

Em relação à **presença de cães** nas vias urbanas, as entrevistas demonstram que poucos idosos (2 de 15) informaram esse aspecto como desencorajador da caminhada. Um idoso informa a sensação de medo e outro desconforto, incômodo de se deslocar em ambientes urbanos com a presença de cães, conforme demonstrado abaixo:

[...] Ou então, assim, tem cachorro. Eu tenho pânico de cachorro. Se tem cachorro, querida... eu, eu, atravesso rua, eu faço qualquer negócio, nem vou, eu volto. [...] (Entrevistado 9, Fem., 72 anos).

Quando tem muito cachorro, muito cocô. Muita gente com muito cachorro me incomoda muito. [...] (Entrevistado 12, Fem., 64 anos).

Apenas um estudo da revisão de literatura cita a presença de cães como um aspecto da paisagem indicado como negativo. Este estudo também cita a sensação de medo e, diferentemente das entrevistas, também se fala no medo de queda como tropeçar em um desses animais (CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014).

Também pouco frequente (2 de 15) neste questionamento das entrevistas foi na questão do **trânsito intenso de veículos**, conforme falas que seguem:

É o trânsito e as motos. Eu não gosto de moto e nem gosto de motoqueiro, porque o motoqueiro me leva à maldade, me leva ao roubo, a assaltos, a acidentes. Motoqueiro eu não gosto. [...] A intensidade do trânsito é muito, muito intensivo. Eu gosto de encontrar as pessoas, gosto de conversar (Entrevistado 7, Fem., 87 anos).

Trânsito. É muita gente, trânsito, [...] (Entrevistado 14, Fem., 67 anos).

Já na revisão de literatura, este foi o atributo do espaço e da paisagem mais frequente nos estudos. Nestes, dentre as justificativas estavam a dificuldade de atravessamento, a falta de segurança, o medo, o risco de queda, o barulho dos veículos, a distração e o estresse causado (ALVES, *et al.*, 2020; BANDINI; GASPERINI, 2021; BARNETT, *et al.*, 2015; BROOKFIELD, *et al.*, 2017; CHIPPENDALE; BOLTZ, 2014; DISTEFANO, *et al.*, 2021; DUJARDIN, *et al.*, 2014; HERRMANN-LUNECKE, *et al.*, 2021; LEE, *et al.*, 2013; NEALE, *et al.*, 2017; NEALE, *et al.*, 2019; PLAUT, *et al.*, 2021; TILLEY, *et al.*, 2017; WU, *et al.*, 2019).

Apenas um entrevistado cita a **presença de criminalidade local** como um atributo desencorajador da sua caminhada. Este, informa a sensação de insegurança e o medo de ser assaltado, conforme fala que segue:

[...] Nessa idade agora, a gente quer, mas a gente também tem insegurança. A gente tem medo que possa cair, que possa ser assaltado, porque tem muita gente diferente agora, né? Então a gente tem insegurança, tem medo. Eu gostaria que tivesse mais, que as leis fossem mais protegidas aqui dentro, né? A polícia andasse mais dentro, mais volta por dentro... olhar mais o povo, mais dentro. A gente vê que tem insegurança, para ir até ali, [...], a gente já tinha medo, a gente rezar ali. A gente ficava olhando uma olhando pra outra vir embora, quando era noite. Porque tinha medo,

porque tinha gente diferente, a gente tinha medo que alguém podia fazer alguma coisa. Num espaço pequeno, mas a gente já tinha medo (Entrevistado 3, Fem., 80 anos).

Assim como nas entrevistas, poucos estudos presentes na revisão de literatura citam a questão da criminalidade local como atributo desencorajador da caminhada entre os idosos. Nestes estudos, uma vez que se sente esta sensação de insegurança, os idosos optam pelo deslocamento de automóveis (BARNETT, *et al.*, 2015; VEGI, *et al.*, 2020).

A **presença de andarilhos** nas vias urbanas também foi observada por um entrevistado como elemento desencorajador da caminhada, conforme fala que segue:

[...] Infelizmente, a gente sempre se depara com os andarilhos na rua, né? Aqui infelizmente a gente tem ainda um volume grande dessas pessoas que dormem nas calçadas. E, nesse trajeto que a gente vai daqui de casa até a Beira-mar, a gente sempre se encontra vários andarilhos dormindo na calçada, já cedo. Ou até pedindo uma ajuda... [...] (Entrevistado 13, Masc., 66 anos).

Outro aspecto levantado pelo mesmo entrevistado foi a **presença de usuários de drogas** em seu percurso de caminhada como elemento desencorajador da caminhada, conforme demonstrado abaixo:

[...] E outra coisa que me chama a atenção é quando a prefeitura, quando a guarda municipal não está, por exemplo, é a gurizada ali dando uma cheiradinha, usando uma maconhazinha pra, pra... também me chama a atenção [...] (Entrevistado 13, Masc., 66 anos).

Reforça-se que nenhum estudo presente na revisão de literatura cita a presença de andarilhos ou a presença de usuários de drogas como elementos desencorajadores da caminhada entre os idosos.

Apenas um entrevistado informou que não havia **nada** que o desencorajasse à atividade de caminhar. Este informa que não exerce com frequência a atividade física de caminhar devido a compromissos e prioridades. Já quanto à caminhada como deslocamento, o entrevistado informa que não vê problemas, conforme fala que segue:

Não vejo nada de negativo. Só não vou mais porque eu tenho compromisso, tenho que ir a Florianópolis [...], no dentista, ontem eu fui ao hospital. Correria da vida que não pude caminhar. Na minha caminhada na rua também não vejo nada de ruim (Entrevistado 6, Masc., 68 anos).

Cabe salientar que, apesar de a pergunta se referenciar aos atributos do espaço e a paisagem desencorajadores da caminhada entre os idosos, espera-se que, naturalmente, a pessoa idosa inclua na sua resposta **questões inerentes à saúde e ao avanço da idade**. Entretanto, apesar de este item não compor a figura 21, e buscando atender ao critério de exaustividade no tratamento do conteúdo das entrevistas (ou seja, o conteúdo das entrevistas deve ser tratado em sua totalidade) cabe destacar que poucos idosos (3) informaram justificativas inerentes a questões do avanço da idade como a falta de força (1), o peso nas pernas (1) e o cansaço (2), conforme demonstrados nas falas que seguem:

Agora, já está dificultando um pouco, a nossa [...] como vou dizer, a força, né? Nessa idade agora, a gente quer, mas a gente também tem insegurança [...] (Entrevistado 3, Fem., 80 anos).

Não gosto de caminhar na rua mesmo, sinto peso nas pernas, cansaço (Entrevistado 4, Fem., 66 anos).

E as estradas ruins e eu chego lá e volto. Porque eu tô cansada. Já não posso ficar sentada, olhando. [...] (Entrevistado 10, Fem., 82 anos).

Ao refletir sobre em que medida os atributos da paisagem atuam como desencorajadores da caminhada entre os idosos, o que é preconizado pelo terceiro objetivo específico desta pesquisa, percebe-se que há uma prevalência no descontentamento com os aspectos infraestruturais do espaço, uma vez que a má qualidade da calçada é o elemento mais citado (11). Porém, os demais aspectos, como a falta de manutenção (5), a falta de vegetação (3), trânsito intenso de veículos (2) e a presença de cães, andarilhos, usuários de drogas e criminalidade local, são aspectos que conformam a paisagem por onde os idosos se deslocam, e neste caso atuam como desencorajadores para sua atividade de caminhar. É possível perceber que a falta de atenção com a infraestrutura da calçada parece ofuscar os demais problemas urbanos relacionados aos deslocamentos a pé.

4.3 AGRADABILIDADE DA PAISAGEM PARA O ANDAR DO IDOSO

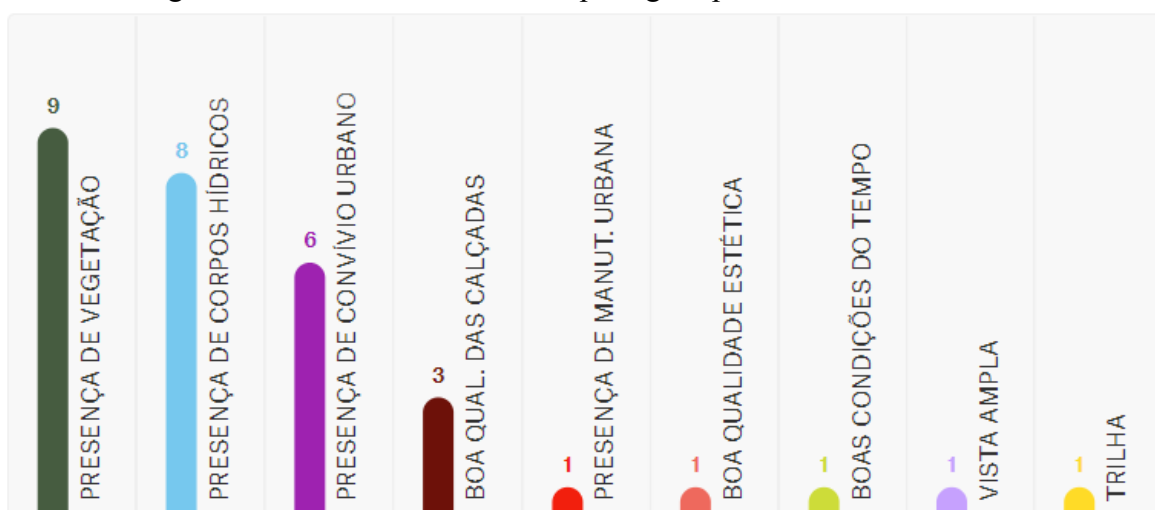
Apresenta-se aqui o olhar dos idosos para os aspectos de agradabilidade da paisagem que se observa enquanto se caminha (paisagens agradáveis e desagradáveis), obtido a partir das

entrevistas. Os resultados envolvidos por esta categoria síntese, estão divididos em duas grandes categorias; a primeira, envolve as paisagens agradáveis ao olhar do idoso para sua atividade de caminhar, e a segunda, as paisagens desagradáveis.

4.3.1 Paisagens agradáveis ao olhar do idoso

Foi possível observar a preferência dos idosos por caminhar em meio a paisagens naturais, sendo que muitos dos entrevistados citam como prazerosa a presença da vegetação e da água, como é possível perceber no gráfico da figura 22.

Figura 22 – Gráfico mostrando as paisagens prazerosas mais citadas.



Fonte: Elaborado pela autora, Atlas.ti Cloud (2022).

Espaços com a **presença de vegetação** como atributo de uma paisagem agradável foram citados como paisagens prazerosas e esteticamente belas para envolver a atividade de caminhar por muitos dos idosos entrevistados (9 de 15). Assim como no questionamento acerca dos atributos do espaço e da paisagem incentivadores da caminhada, a presença de vegetação foi lembrada por muitos entrevistados pelos elementos na natureza em geral (4), árvores (3), flores (2), morros (1), ajardinamento (1) e mato (no sentido de vegetação) (1).

Dos 9 entrevistados que citaram a presença de vegetação, quase todos (8) informaram em suas respostas a sensação de prazer, alegria, beleza e atração pela presença da vegetação

na agradabilidade da atividade de caminhar. Seguem abaixo as falas dos entrevistados em relação à presença de vegetação como uma das paisagens prazerosas citadas:

Apreciar a natureza (Entrevistado 2, Masc., 82 anos).

Eu acho que as árvores, né? O nosso Centro ser mais conservado, plantar bastantes árvores floridas com tem em lugares, cidades que a gente tem aqui, que a gente vê. As coisas mais lindas que a gente vê. Aquelas árvores com flores, bastante coisa bonita, dá mais alegria, mais ânimo para o povo, tanto para nós quanto para os jovens, depois para o futuro, né? Isso aí que precisava (Entrevistado 3, Fem., 80 anos).

Verde, grama, árvores. E, se tiver água, melhor. Lagoa, chafariz, bica d'água. Qualquer mistura entre água e verde é muito prazerosa (Entrevistado 5, Fem., 63 anos).

Eu acho que eu iria gostar de caminhar lá no Deltaville, que tem aquele lago no meio, aquelas ruas sempre com movimento, natureza. Aquele local lá eu acho muito bonito. Mas eu não vou porque é longe. Eu fico achando que o local bonito é fechado, que não pode entrar (Entrevistado 6, Masc., 68 anos).

Mato, serra, colônia, lugar que tem cachoeira, que tem aquele barulhinho da água, lugar que tem marrequinho nadando, lugar que tem natureza. Eu sou grudada na natureza. [...] (Entrevistado 7, Fem., 87 anos).

Uma paisagem que tenha natureza, que tenha ajardinamento, que tenha, assim, uma pista regular. E, água também, lagoas. A mistura de rio, lagoa que mistura com plantas, com natureza (Entrevistado 8, Masc., 64 anos).

[...] Mas a natureza atrai. Mas se tiver muito mato, eu não vou. [...] (Entrevistado 9, Fem., 72 anos).

Árvores, flores, crianças brincando. Grito de criança é tão bom, quando eles estão em aula. Adoro! Isso é vida. Uma árvore que o vento bate, é vida! Isso aí que é bom, isso é gostoso, é prazeroso. (Entrevistado 10, Fem., 82 anos).

[...] E sem contar nessas paisagens naturais aí que eu te contei, né? Tu tens ali o visual de frente do Morro do Cambirela todo, da Pedra Branca todo, e todo o pessoal ali de Coqueiros, e até mesmo da Ilha lá. Tu consegues ver lá, toda aquela região ali da Costeira, do aeroporto. Então, é o visual bonito assim para ti, realmente, observar, né? E tu olha e não percebe, às vezes, nem que o tempo passou. E quando tu vês, tu já estás lá na ponta e tu tens que voltar e é agradável (Entrevistado 13, Masc., 66 anos).

A **presença de corpos hídricos** como mar (4), lagos (3), rios (1), chafariz (1) também foi citada por muitos dos idosos entrevistados (8 de 15). Alguns respondentes (3) falaram sobre a presença da água em geral.

Dos 8 entrevistados que citaram a presença de corpos hídricos, muitos (6) informaram em suas respostas a sensação de prazer, beleza e atração pela presença dos corpos hídricos como agradáveis à atividade de caminhar, conforme falas que seguem abaixo:

Mar, paisagem marítima (Entrevistado 1, Masc., 64 anos).

Verde, grama, árvores. E, se tiver água, melhor. Lagoa, chafariz, bica d'água. Qualquer mistura entre água e verde é muito prazerosa (Entrevistado 5, Fem., 63 anos).

Eu acho que eu iria gostar de caminhar lá no Deltaville, que tem aquele lago no meio, aquelas ruas sempre com movimento, natureza. Aquele local lá eu acho muito bonito. Mas eu não vou porque é longe.[...] (Entrevistado 6, Masc., 68 anos).

Mato, serra, colônia, lugar que tem cachoeira, que tem aquele barulhinho da água, lugar que tem marrequinho nadando, lugar que tem natureza. Eu sou grudada na natureza. [...] (Entrevistado 7, Fem., 87 anos).

Uma paisagem que tenha natureza, que tenha ajardinamento, que tenha, assim, uma pista regular. E, água também, lagoas. A mistura de rio, lagoa que mistura com plantas, com natureza (Entrevistado 8, Masc., 64 anos).

É uma paisagem, ahh ela me atrai, mas eu também tenho medo dela: a água. Então, assim, na areia da praia não me atrai muito não. Aquela avenida, é um exemplo, lá em Palmas. Se fosse contínua. Porque ela é em quadrazinha, uma é contramão, outra não é contramão, é um rolo. É gostosa, tá entendendo. Aí eu via o mar, uma beira-mar. Mas também teria que tomar cuidado, né? Porque sai de vez enquanto um louco da estrada. A Beira-mar de Florianópolis para mim não é o melhor local. Porque sai um doido, de velocidade, porque eles não ligam para multa mesmo. E se perde lá e mata qualquer um. Entende. Então tinha que ser uma coisa que o trânsito não misturava com a caminhada. [...] (Entrevistado 9, Fem., 72 anos).

Andar, assim, numa trilha é legal. Andar também próximo ao mar, também acho legal, prazeroso ver o mar, ver as pessoas (Entrevistado 12, Fem., 64 anos).

A vista, a vista ampla, o vento, o barulho do mar. Isso dá prazer (Entrevistado 14, Fem., 67 anos).

Dentre os espaços com a presença de corpos hídricos, nominalmente citados como bons espaços para caminhar, estão a pista de caminhada no entorno do lago do parque central do Loteamento Deltaville, e as avenidas à beira-mar supridas com pistas de caminhada no entorno das baías norte e sul da Grande Florianópolis, como as Avenidas Beira-Mar de Florianópolis e São José.

É possível perceber a partir da figura 23 que o parque central do Loteamento Deltaville, reúne características consideradas agradáveis pelos entrevistados nas paisagens as quais gostariam de realizar suas caminhadas como a presença da vegetação, lago, locais para convívio urbano, boa qualidade estética, calçadas amplas e regulares, presença de manutenção urbana realizada pelo loteamento e percurso com pista de caminhada.

Figura 23 – Parque Central – Loteamento Deltaville.



Fonte: Ábaco Urbanizadora (2022).

É preciso ainda mencionar que, embora apenas três entrevistados tenham citado a presença de corpos hídricos como atributos do espaço e da paisagem incentivadores da caminhada, 8 citaram este elemento como atributo de uma paisagem prazerosa para andar.

No que se refere à **presença do convívio urbano**, sendo este aspecto relacionado tanto à interação com outras pessoas quanto com o prazer de observar outras pessoas no meio, alguns dos idosos entrevistados (6 de 15), citaram esse aspecto da paisagem como prazeroso para a atividade da caminhada. Dos 6 entrevistados que citaram o convívio urbano, quase todos (5) citam a questão da observação como o movimento de outras pessoas (3), presença de crianças brincando (1) e a presença de outras pessoas se exercitando (1). Apenas um entrevistado cita a interação social de rever os amigos como prazeroso na atividade de caminhar.

Seguem abaixo as falas comprobatórias relacionadas à presença do convívio urbano como paisagem prazerosa para a caminhada dos idosos entrevistados:

Gosto de olhar a paisagem, as coisas, o movimento (Entrevistado 4, Fem., 66 anos).

Eu acho que eu iria gostar de caminhar lá no Deltaville, que tem aquele lago no meio, aquelas ruas sempre com movimento, natureza. Aquele local lá eu acho muito bonito. Mas eu não vou porque é longe [...] (Entrevistado 6, Masc., 68 anos).

Árvores, flores, crianças brincando. Grito de criança é tão bom, quando eles estão em aula. Adoro! Isso é vida. Uma árvore que o vento bate, é vida! Isso aí que é bom, isso é gostoso, é prazeroso. (Entrevistado 10, Fem., 82 anos).

Agradável para andar é o dia tá bonito como hoje, assim. O Sol, sem chuva. Isso é um dia agradável para você andar. Tanto de manhã, de tarde, de noite. Senão você tenha um dia maravilhoso. Aí a andar daqui à tarde, eu vou descer, vou até a Praça, com esse dia maravilhoso, para mim vai ser uma maravilha. Rever os amigos lá, os taxistas,

o pessoal do dominó que a gente marcou para ir lá jogar hoje (Entrevistado 11, Masc., 74 anos).

Andar, assim, numa trilha é legal. Andar também próximo ao mar, também acho legal, prazeroso ver o mar, ver as pessoas (Entrevistado 12, Fem., 64 anos).

De agradável seria esse visual todo que tu tens quando chega ali, né? Tu chegas ali e tem... sempre tem aquele visual de muita gente se exercitando, né? Caminhando, jogando bola, né? Porque tem áreas pistazinhas ali de futebol, de bocha, quadra de tênis, quadrazinha de pistazinha de skate e de roller, né? E é um visual que de agrada os olhos, né? Tu achas aquilo legal, né? Porque é uma comunidade e dá muita gente ali, principalmente no verão. No inverno não é tanto, mas no verão aquela Beira-mar nossa ali, ela é bastante movimentada, é bastante utilizada [...] (Entrevistado 13, Masc., 66 anos).

Embora se tenha considerado a calçada como um elemento de infraestrutura do espaço para a caminhada, e essencial para a acessibilidade no ambiente urbano, ao longo deste trabalho, houve entrevistados que consideraram como prazerosa a paisagem com **boa qualidade das calçadas** para a atividade de caminhar. A presença de pistas próprias para a caminhada (1), a regularidade (1) e a manutenção (1) do piso foram os aspectos mencionados por esses idosos, conforme falas que seguem:

Uma paisagem que tenha natureza, que tenha ajardinamento, que tenha, assim, uma pista regular. E, água também, lagoas. A mistura de rio, lagoa que mistura com plantas, com natureza (Entrevistado 8, Masc., 64 anos).

[...] Então tinha que ser uma coisa que o trânsito não misturava com a caminhada. Então se eu pudesse caminhar numa pista de atletismo eu ia ser realizada. Porque desde garota eu sou atleta e eu participei. Eu acho que me atrai muito. Mas a natureza atrai. Mas se tiver muito mato, eu não vou. E a água é a mesma coisa. Aqui faz uma beira-rio que tenha, as pessoas dá de ver, tem as casas, tem tudo, aí eu ia. Até aqui para caminhar, tu contornas a quadra, vamos supor... mas é carro, é doido, é moto, é tudo. E essas notícias assustam muito, né? E é a realidade. Então, tu tinhas que caminhar não de costas. Então, se tu vais caminhar, o carro... deixa ele vir na tua frente. Porque saí tu tens a visão e consegues fugir se ele se perder. Tu de costas, não consegue ver (Entrevistado 9, Fem., 72 anos).

Eu gosto de ver a rua bem cuidada, os prédios. Rua limpa, sem mato, a calçada bem arrumadinha. Tem calçada assim, que tem um buraco aqui, um buraco lá adiante. Para mim, calçada bem arrumadinha é direto. Bem retinha (Entrevistado 15, Masc., 86 anos).

A partir disso é possível entender que o aspecto das calçadas é um elemento a ser considerado para a agradabilidade da paisagem, ou a qualidade da ambiência urbana.

A presença de **manutenção urbana** foi mencionada por um entrevistado, sendo a limpeza e a ausência de mato (no sentido de erva daninha) os pontos levantados por este respondente, conforme demonstrado abaixo:

Eu gosto de ver a rua bem cuidada, os prédios. Rua limpa, sem mato, a calçada bem arrumadinha. Tem calçada assim, que tem um buraco aqui, um buraco lá adiante. Pra mim, calçada bem arrumadinha é direto. Bem retinha (Entrevistado 15, Masc., 86 anos).

A **boa qualidade estética** como elemento prazeroso para a caminhada foi mencionada por um dos idosos entrevistados. A preferência pela observação da paisagem foi o aspecto levantado como justificativa. Além disso, este respondente cita a boa qualidade estética da paisagem como distração para que seja realizado um maior percurso da caminhada.

Seguem abaixo as falas dos entrevistados acerca da boa qualidade estética:

De agradável seria esse visual todo que tu tens quando chega ali, né? [...] E por coisas bonitas assim, né? Que tu vêes que valeu a pena eles fazerem todo aquele aterro para fazer essas pistazinhas. E sem contar nessas paisagens naturais aí que eu te contei, né? Tu tens ali o visual de frente do Morro do Cambirela todo, da Pedra Branca todo, e todo o pessoal ali de Coqueiros, e até mesmo da Ilha lá. Tu consegues ver lá, toda aquela região ali da Costeira, do aeroporto. Então, é o visual bonito assim para ti, realmente, observar, né? E tu olha e não percebe, às vezes, nem que o tempo passou. E quando tu vêes, tu já estás lá na ponta e tu tens que voltar e é agradável (Entrevistado 13, Masc., 66 anos).

Quanto às boas **condições do tempo** para a atividade de caminhar, um entrevistado cita a presença do sol como agradável para a atividade de caminhar, conforme segue fala abaixo:

Agradável para andar é o dia tá bonito como hoje, assim. O Sol, sem chuva. Isso é um dia agradável para você andar. Tanto de manhã, de tarde de noite. Senão você tenha um dia maravilhoso. Aí a andar daqui à tarde, eu vou descer, vou até a Praça, com esse dia maravilhoso, para mim vai ser uma maravilha. Rever os amigos lá, os taxistas, o pessoal do dominó que a gente marcou para ir lá jogar hoje (Entrevistado 11, Masc., 74 anos).

Já outro entrevistado cita como prazerosa a **vista ampla**. Segue abaixo sua fala:

A vista, a vista ampla, o vento, o barulho do mar. Isso dá prazer (Entrevistado 14, Fem., 67 anos).

Também mencionado por apenas um entrevistado foi a presença de **trilhas**, sendo que este informa que as trilhas são elementos interessantes para a atividade de caminhar, conforme citado abaixo:

Andar, assim, numa trilha é legal. Andar também próximo ao mar, também acho legal, prazeroso ver o mar, ver as pessoas (Entrevistado 12, Fem., 64 anos).

Em suma, a partir das falas dos idosos entrevistados, percebe-se a importância dos elementos da natureza no que se refere às paisagens prazerosas para a atividade de caminhar. Quase todos os idosos (13 de 15) citaram elementos da natureza em suas respostas, sendo que 13 informaram como primeiro elemento respondido. Assim, a presença de vegetação (9), de corpos hídricos (8), da boa qualidade estética (1), de boas condições do tempo (1) e de vista ampla (1) são indicados com grande importância na agradabilidade para a caminhada dos idosos entrevistados.

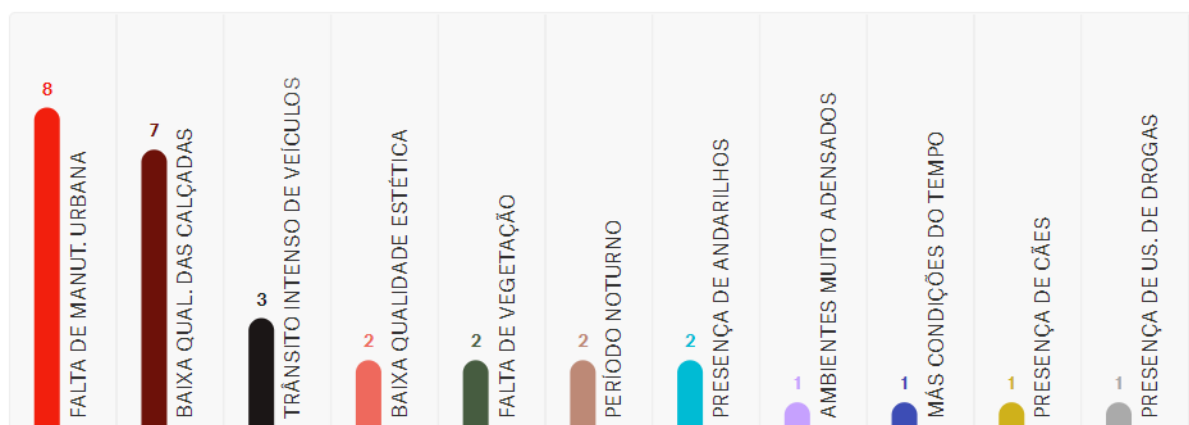
Cabe destacar que quando analisados apenas os idosos que caminham com o objetivo de atividade física e saúde (4 de 15), todos indicaram como prazerosas as paisagens em que constem corpos d'água com a proximidade do mar e de lagos.

Ao analisar os aspectos informados pelos entrevistados e os estudos de Nasar (1998), conforme item 2.2 desta pesquisa, percebe-se que tanto as pesquisas de Nasar (1998) quanto às entrevistas relacionam os aspectos da natureza como a presença de vegetação e corpos hídricos, a presença de manutenção urbana e a vista ampla como paisagens agradáveis.

4.3.2 Paisagens desagradáveis ao olhar do idoso

Já no que se refere aos aspectos desagradáveis da paisagem, envolvidos por esta categoria, muitos entrevistados citaram a baixa qualidade das calçadas e a falta de manutenção urbana, calçadas sem acessibilidade, com buracos, irregulares, acidentadas foram as paisagens mais citadas como desagradáveis. Alguns outros aspectos foram relacionados em menor frequência, sendo eles: o trânsito intenso de veículos, a falta de vegetação, o período noturno, a presença de andarilhos, a alta densidade (construtiva e populacional), as más condições do tempo, a presença de cães e a presença de usuários de drogas (ver figura 24).

Figura 24 – Gráfico mostrando as paisagens desagradáveis mais citadas.



Fonte: Elaborado pela autora, Atlas.ti Cloud (2022).

A **falta de manutenção urbana** foi um dos atributos mais citado pelos entrevistados como conformador de uma paisagem desagradável para a atividade de caminhar (8 de 15 idosos citaram o atributo).. A presença de terrenos baldios ou abandonados (2), a falta de limpeza pública, em geral (2), a presença de lixo (2), o mau cheiro do esgoto (1), e a presença de mato (no sentido de erva daninha) (1) foram os aspectos relatados, conforme falas que seguem:

[...] Não gosto de nada feio. Para mim, feio é uma coisa que não é cuidada, como esses terrenos aqui abandonados, desprezados, é uma coisa feia. Eu não gosto (Entrevistado 7, Fem., 87 anos).

Local que seja muito poluído visualmente até. E que a limpeza não seja regular, não seja um ambiente limpo, isso desestimula o caminho de ir (Entrevistado 8, Masc., 64 anos).

O lixo. O lixo disse que tu encontras fedendo nas ruas. Mas aqui nós não temos quase. E aqui no Centro ninguém tem e onde eu morava também não tinha. Entende. Que as pessoas eram bem conscientes, ali. Eram poucos moradores e todos bem conscientes, né? Mas tu passares por um lixo fedido. [...] Eu digo, como? Todo mundo conhece, saúde passa aqui, administração passa, todo mundo passa e ninguém faz nada. [...] Então, uma rua com esgoto, com sujeira, com muito cachorro, aí, não dá para mim, não dá. [...] (Entrevistado 9, Fem., 72 anos).

Nunca fui em lugar nenhum desagradável. Não gosto de lugar com lodo, com lama. Os rios que eles jogam tudo nos rios. Isso é paisagem que não agrada ninguém. O lixo, dentro de rios, cachoeiras, do mar. Esses lixões. E que produzimos demais (Entrevistado 10, Fem., 82 anos).

Lugar escuro, com poucas condições, sem árvore nenhuma, sem nada ao redor. Um local assim como se fosse abandonado. Isso é um local que não traz benefício, né? Não agregas nada, ao contrário. Um local assim com aspecto de abandonado, eu não gosto (Entrevistado 12, Fem., 64 anos).

[...] O mau cheiro de alguns pontos que descem na praia [...] (Entrevistado 13, Masc., 66 anos).

[...] e... calçadas desorganizadas, trânsito, carros. Calçadas mal feitas, cheio de buraco, é... sem critério de organização, sem limpeza. Isso não dá. [...] (Entrevistado 14, Fem., 67 anos).

Toda ela eu gosto. Não gosto quando tem lama. Uma passagem que tem bastante lama, bastante água e o mato, aí eu não gosto (Entrevistado 15, Masc., 86 anos).

Outro aspecto mencionado por muitos idosos entrevistados foi a **baixa qualidade das calçadas** (7 de 15 idosos citaram o atributo). Dos 7 entrevistados que citaram como desagradável a baixa qualidade das calçadas, 6 citam questões relacionadas ao piso, como a presença de buracos (4) e a irregularidade da calçada (2). Apenas um entrevistado cita a largura estreita da calçada como uma das suas justificativas e outros 2 informam como elemento desagradável a presença da lama nos locais percorridos. Um entrevistado informa que não gosta de caminhar na rua.

Seguem abaixo as falas dos entrevistados acerca da falta de qualidade das calçadas:

Calçada bem acidentada (Entrevistado 1, Masc., 64 anos).

Calçadas com buracos (Entrevistado 2, Masc., 82 anos).

Não gosto de caminhar na rua (Entrevistado 4, Fem., 66 anos).

Calçadas irregulares (Entrevistado 5, Fem., 63 anos).

[...] E tinha uns buracos, agora eles taparam os buracos, e tinha, antes, bastante buraco. Agora, na semana passada, eles taparam os buracos daquela rua. Até trancaram o trânsito, porque não dava. [...] (Entrevistado 9, Fem., 72 anos).

Muito buraco. O buraco na calçada, buraco na hora que você atravessa a rua, que a rua tá cheia de buraco. Entendeu, isso é desagradável, além pro teu visual e pro teu caminhar (Entrevistado 11, Masc., 74 anos).

[...] e... calçadas desorganizadas, trânsito, carros. Calçadas mal feitas, cheio de buraco, é... sem critério de organização, sem limpeza. Isso não dá. Calçada cheia de buraco, estreita, quando não cabe duas pessoas caminhando na calçada, quando não tem meio-fio... quando é uma coisa alá Florianópolis (Entrevistado 14, Fem., 67 anos).

Toda ela eu gosto. Não gosto quando tem lama. Uma passagem que tem bastante lama, bastante água e o mato, aí eu não gosto (Entrevistado 15, Masc., 86 anos).

Nunca fui em lugar nenhum desagradável. Não gosto de lugar com lodo, com lama. [...] (Entrevistado 10, Fem., 82 anos).

Isto reforça, como já citado, o aspecto da calçada como um importante componente de agradabilidade da paisagem, para além da calçada como um elemento de infraestrutura ou acessibilidade.

No que se refere ao **trânsito intenso de veículos**, poucos entrevistados citaram esse aspecto como uma paisagem desagradável. A frequência e a presença dos carros (3), a presença do barulho (1), o perigo (1) e a descarga dos automóveis foram os aspectos informados pelos respondentes, conforme falas que seguem:

[...] Tem um trânsito, com trânsito. Como é que é por um lado tu olha a beira-mar de Florianópolis que contraste. Tu olhas o mar maravilhoso, tem aquelas árvores, inclusive. No outro lado, tens um barulho ensurdecedor. Essa caminhada não é legal para as pessoas, entende? É legal para dizer assim: moro e caminho na Beira-mar. Para esnoabar. Mas de efeito... tá entrando o barulho dos carros, a freada, tá entrando tudo, um xingando o outro, tá entrando tudo. Então assim, caminhar ali eu acho que é muito perigoso (Entrevistado 9, Fem., 72 anos).

[...] Então, ali é uma área que a gente não gostava de ir, por causa da, do trânsito, né? A pista é uma pistazinha curta, uma pistazinha boa, até. Mas é que tinha muita descarga de, dos carros que passavam próximo. É ali eu teria como negativo isso, a frequência de carros andando próximo da pista onde que tu andavas, né? [...] (Entrevistado 13, Masc., 66 anos).

[...] e... calçadas desorganizadas, trânsito, carros. [...] (Entrevistado 14, Fem., 67 anos).

Assim como o trânsito intenso de veículos, poucos entrevistados (2 de 15) discorreram sobre a **baixa qualidade estética** como ausência de agradabilidade na paisagem. Estes informaram que não se agradam por locais desérticos (1) e o oposto também foi mencionado por outro entrevistado como a poluição visual (1).

A partir das falas abaixo, observa-se as questões referentes a baixa qualidade visual da paisagem como elemento desagradável:

Não gosto de caminhar em deserto. [...] Não gosto de nada feio (Entrevistado 7, Fem., 87 anos).

Local que seja muito poluído visualmente até. E que a limpeza não seja regular, não seja um ambiente limpo, isso desestimula o caminho de ir (Entrevistado 8, Masc., 64 anos).

A **falta de vegetação** foi citada como atributo de paisagens desagradáveis por 2 entrevistados. A ausência de arborização (1) e a falta de sombra (1) foram mencionadas por estes:

Lugar escuro, com poucas condições, sem árvore nenhuma, sem nada ao redor [...] (Entrevistado 12, Fem., 64 anos).

[...] quando tem pouca sombra, os prédios muito densos, é muita gente... [...] (Entrevistado 14, Fem., 67 anos).

É preciso mencionar que embora a presença de vegetação tenha sido mais citada como atributo de uma paisagem agradável, apenas estes dois consideraram sua ausência como fator de desagrado na composição da paisagem.

A caminhada em **período noturno** apareceu como resposta de 2 entrevistados. À noite é lembrada pelo escuro (1) e pela sensação de medo (1) conforme falas que seguem:

A noite, porque tenho medo. (Entrevistado 3, Fem., 80 anos).

Lugar escuro, com poucas condições, sem árvore nenhuma, sem nada ao redor. Um local assim como se fosse abandonado. Isso é um local que não traz benefício, né? Não agregas nada, ao contrário. Um local assim com aspecto de abandonado, eu não gosto (Entrevistado 12, Fem., 64 anos).

A **presença de andarilhos** também foi citada por 2 respondentes. Estes informam que não sentem vontade de percorrer locais na presença de andarilhos (1) e necessitam desviar o percurso (1) e se incomodam com a abordagem dessas pessoas (1). Seguem abaixo as falas referentes a este assunto:

Eu acho a Praça desagradável, aqueles homens de ruas deitados na grama e bêbados, bebendo cachaça. Aquilo eu acho muito deprimente e não dá vontade de passar ali. Eu passo fora da Praça para não passar por dentro para não ver aquilo. (Entrevistado 6, Masc., 68 anos).

[...]os andarilhos que a gente tem que... né? Infelizmente, às vezes desviar porque eles te abordam com frequência (Entrevistado 13, Masc., 66 anos).

Ambientes muito adensados no percurso de caminhada foi citado por um entrevistado como paisagem desagradável para a atividade de caminhar, conforme fala que segue:

É quando tem muita ocupação, quando é muito construído, quando tem pouca sombra, os prédios muito densos, é muita gente... cheio de empecilhos, e... calçadas desorganizadas, trânsito, carros. [...] (Entrevistado 14, Fem., 67 anos).

As **más condições do tempo** como a presença de muito vento são consideradas empecilhos para a atividade de caminhar citada por um idoso, conforme identificado abaixo:

É... eu vou te fazer duas comparações que antes, quando o tempo estava ruim, por exemplo. lá na Beira-mar para gente caminhar, por exemplo, com vento sul é horrível caminhar na Beira-mar. O vento sul, ele até joga água das, das batidas das ondas em cima da calçada. E aí a gente caminhava, ia caminhar, por exemplo. na pistazinha do Shopping Itaguaçu. E é horrível. [...] (Entrevistado 13, Masc., 66 anos).

Quanto à **presença de cães**, esta também é indicada como uma paisagem desagradável para a atividade de caminhar de um entrevistado. Conforme fala abaixo, este entende como desagradável a presença de cães nas vias urbanas:

[...] Então, uma rua com esgoto, com sujeira, com muito cachorro, aí, não dá. Para mim, não dá. [...] (Entrevistado 9, Fem., 72 anos).

Outro aspecto mencionado é a **presença de usuários de drogas** no percurso da caminhada. A partir da fala abaixo, percebe-se que um entrevistado informa seu descontentamento de deslocar-se em locais com a presença dessas pessoas.

[...] a própria gurizada ali, às vezes, dando as suas bolinhas ali, na sua maconhazinha, [...] (Entrevistado 13, Masc., 66 anos).

Em suma, a falta de manutenção e a baixa qualidade das calçadas são os principais atributos que tornam uma paisagem desagradável ao olhar do idoso para sua atividade de caminhar, segundo as entrevistas, o que é corroborado pelos estudos de Nasar (1998) ao informar que a degradação das áreas urbanas é geralmente dada como justificativa pelas pessoas que julgam determinadas áreas como desagradáveis.

Todos os entrevistados que caminham com o objetivo de atividade física e saúde citaram como fator agradável e/ou desagradável a pavimentação por onde caminham. Isso faz

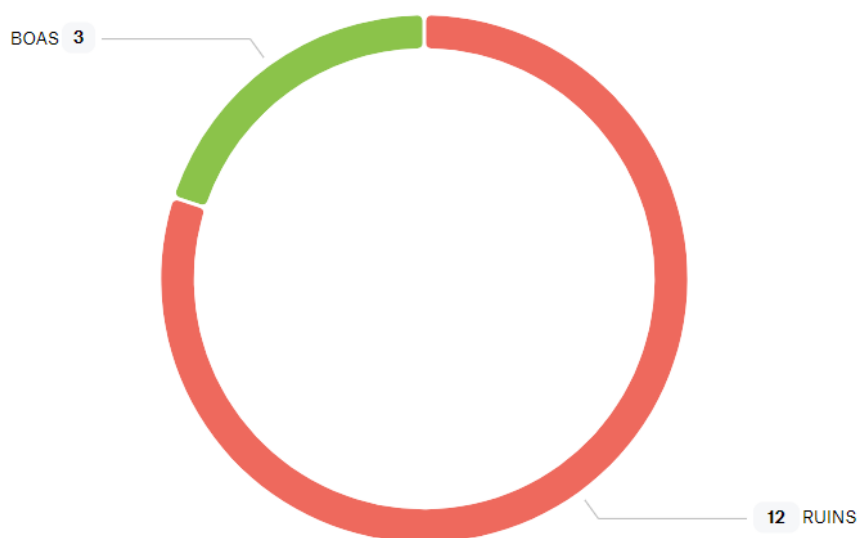
com que a presença de faixas de circulação acessíveis, sem desníveis, amplas, regulares como ponto importante para os idosos que gostam de se exercitar.

Em vista disso, é preciso enfatizar que a Nova Agenda Urbana, documento elaborado a partir da Conferência das Nações Unidas sobre Habitação e Desenvolvimento Urbano Sustentável – Habitat III realizada em 2016 e que guiará o planejamento global das cidades até o ano de 2036, apresenta a visão das cidades incluindo conceitos que fortalecem a mobilidade ativa como um direito de todos a desfrutarem da cidade:

Compartilhamos uma visão de cidade para todos, referente à fruição e ao uso igualitário de cidades e assentamentos humanos, almejando promover inclusão e assegurar que todos os habitantes, das gerações presentes e futuras, sem discriminações de qualquer ordem, possam habitar e produzir cidades e assentamentos humanos justos, seguros, saudáveis, acessíveis, resilientes e sustentáveis para fomentar prosperidade e qualidade de vida para todos (ONU HABITAT, 2016).

Nesse sentido, uma última questão ainda foi formulada para aferir a percepção dos idosos sobre a qualidade das calçadas por onde caminham. As respostas estão resumidas na imagem que segue (Figura 25) e refletem a percepção do idoso da má qualidade das calçadas por onde se deslocam, caracterizada pelo subdimensionamento, irregularidade (desníveis, buracos ou inexistência) e falta de manutenção das mesmas.

Figura 25 – Gráfico mostrando como foram percebidas as calçadas dos percursos caminhados pelos idosos entrevistados.



Fonte: Elaborado pela autora, Atlas.ti Cloud (2022).

Quase todos os entrevistados (12 de 15) informaram percorrer calçadas ruins. Destes, 10 idosos informaram questões sobre a irregularidade das calçadas, presença de desníveis e de buracos, além da falta de padronização. Dos 12 idosos que citaram o descontentamento pelas calçadas do seu percurso, 4 informaram sobre a presença de obstáculos como a presença de postes e árvores mal localizadas e rampas de acesso dos veículos sobre as calçadas. Além disso, 2 entrevistados falaram sobre a falta de manutenção nas calçadas com descuido dos proprietários e presença de lixo. Apenas um entrevistado falou sobre a largura estreita da calçada e outro sobre a falta de padronização na sinalização tátil de piso e sobre o desconforto em relação à inclinação elevada das calçadas.

Seguem abaixo as falas dos entrevistados que demonstram a má qualidade das calçadas:

Ruim, tudo ruim. Não é controlado, tem altos e baixos. Porque um faz uma calçada num nível, daí o outro não leva naquele nível, leva mais alto ou mais baixo (Entrevistado 2, Masc., 82 anos).

Elas são muito perigosas, porque quando tem as entradas das casas, eu agora que tô fazendo fisioterapia no braço, eu já duas vezes que eu tropecei e quase caí. Eu nem comentei. Porque tem assim ó, quer ver, ela vai reta e quando chega perto do portão ela faz aquele rebaixo, ela fica tipo uma gamela assim. Daí naquilo a pessoa vai. Teria que ter muito cuidado, não poderia fazer isso. Teria que fazer que ela fique reta e a caída para os carros ou a cadeiras de rodas. Mas quando eles fazem que fica aquela descida, entende, né? Daí às vezes eu quase caio. Principalmente ali na Rua Sete, ali algumas vezes eu quase caí. Teriam que cuidar mais ali, precisa ver como tá perigoso. Então eu percebi. E também tem algumas que elas vão e eles fazem aquele assim ó, elas vão e já ficam todas assim ó. Ela ao invés de ser resta em cima, porque eles têm que fazer uma parte só onde vai entrar um carro, mas eles deixam tudo tipo uma rampa. Daí a gente tem que andar toda “pensa”. Daí já quase que eu caí na Rua Sete e na outra rua de lá também. Teria que olhar. Porque o idoso vem e não vê e ela fica meio assim né? Meio rampazinha. Ela tinha que ter rampa na entrada dos carros, das casas, mas ali não né? E eles não podiam fazer essa gamela como eles fazem, porque daí a gente vai e quando vê (...) pá, já vai com o pé, quase que eu caí de joelho. Daí veio uma moça com um senhorzinho, eu estava indo pra fisioterapia, e ela falou: Quase, né? Ela ainda brincou comigo. Porque ali estava aquele vão. Principalmente ali na rua do Edson, Rua São José, eu vi ali que tinha, tem que cuidar. Porque não pode fazer tudo de rampa, só no lugarzinho aonde deve, senão não. Eu acho, né? Daí a pessoa vai pensa, um pé em cima, outro embaixo. Torta, pra idoso não dá, né? Daí caí. Eu já algumas vezes já andei escorregando. Para mim eu já me cuido bastante, tem outras pessoas que não, quer ver uma pessoa deficiente, né? Que tem problema. Eu achei bem complicado. Tem que dar uma olhada nisso tudo. (Entrevistado 3, Fem., 80 anos).

Algumas calçadas estão muito ruins em Biguaçu. Os donos não cuidam. Estão estragadas (Entrevistado 6, Masc., 68 anos).

A calçada é muito ruim, não é só Biguaçu, mas não tem conserva de calçada. A população não se interessa por isso. A população tanto faz ter buraca, cratera, que você cai dentro, como não ter nada, como ter uma calçada de cristal. Não interessa.

[...] Quem é que gosta de andar numa calçada ruim? Eu não conheço ninguém....] (Entrevistado 7, Fem., 87 anos).

[...] nas vias urbanas, aqui as calçadas são todas desreguladas. Até no centro da cidade lá. De repente uma é mais alta, já tem um 10cm mais, um 10cm menor, daí tu tropeça. Daí é mais difícil, mesmo tu andando pra serviços, para as coisas, é mais difícil de estimular a andar. Se a calçada é regular, eu ando na calçada. Senão eu ando na rua. Muitas vezes a rua é mais regular de andar, melhor, só que tu tens que cuidar de disputar o espaço com o automóvel. [...] (Entrevistado 8, Masc., 64 anos).

[...] calçada tu tens que prestar atenção nela, senão, tu bates com o nariz no chão. É ruim, aquela própria Rua Hermógenes Prazeres é muito estreitinha, tem um poste no meio da estrada. Aquela calçada depois da igreja e entre a primeira esquina que vai pro salão da Gorete é horrível. Ali tem um poste, tem tudo, você não consegue andar. Muito estreitinha e o poste tá ali também, e você não consegue. Tá entendendo. E lá na delegacia então. A delegacia não tem quem me atravessa na delegacia. [...] Mas não é um local que tem uma calçada boa. Boa pra gente andar a pé, realmente fazer as voltas, não precisa nem lazer. Ela não é boa. Eu não ando no asfalto. Eu ando em cima da calçada, mas eu tenho um medo danado. Ando em cima da calçada, mas é um terror, né? Porque como motorista que sou, eu não suporto essas pessoas que andam no asfalto. Porque qualquer coisinha você pode bater (Entrevistado 9, Fem., 72 anos).

Sempre muito desastrosas. Alto e baixo. E que, às vezes tu tá desprevenida e que não te chama a atenção para aquilo e ali tu vás descer. Eu também não gosto de árvore na calçada. Eu detesto. Quer fazer paisagem, faça uma avenida, ou no faça no meio. Ou quem quer bonito, que plante no seu quintal. Detesto esses postes que estão aqui pelo lado de fora. Pague. Mas bote no cantinho do quintal de alguém. Bote no quintal. Pra mim, aquilo é perigosíssimo pra pessoa se perder e bater naquilo ali. Até mesmo tu tá distraída e bater ali, com a cabeça, com tudo naquilo ali. Eu sempre andei em cima da calçada, mesmo não sendo boa (Entrevistado 10, Fem., 82 anos).

As ruas que eu não vou, o ruim é o calçamento. Tem buraco. Ai tu tens que tá ligado, senão de repente, tu vais tropeçar (Entrevistado 11, Masc., 74 anos).

Tem que ter bastante cuidado. Uma calçada é boa quando eu consiga olhar a distância e eu já perceba que não tem nenhum buraco ali. Porque quando eu olho, quando eu estou caminhando, eu estou olhando a minha frente, não estou olhando aqui embaixo dos meus pés, eu estou olhando pra frente. Então, a distância eu já vejo e já percebo que a calçada, o local, e mesmo que não tenha calçada, que seja uma estrada, mas tá tá certa,

tá sem buraco, assim sem problema nenhum. Uma calçada é ruim quando tem desníveis e que não são avisados, que as pessoas podem tropeçar, tem que estar atentas. Uma calçada com buracos, porque às vezes tu tá caminhando, tá rápido, tu levas um tropeção. Eu já tropecei muito, mas eu ainda não caí. As pessoas também deixam muito lixo, muita coisa nas calçadas também, né? Terça-feira quando a gente foi caminhar, eu não vi, mas enrolei um monte de fio nos pés que estavam no chão. Quase caí. Eu não caí porque eu faço pilates, eu tenho equilíbrio que te ajuda, né? É por isso que eu não caí. Enrolei um monte de fio nos meus pés. As pessoas não cuidam também, né? (Entrevistado 12, Fem., 64 anos).

Nós temos aqui ainda, infelizmente, algumas, algumas, calçadas, principalmente que no calçadão, algumas calçadas que ainda estão um pouco precárias, assim, sabe. Condomínios ou até casas que não fazem a devida manutenção dela, né? Eu fico imaginando, às vezes, algum cego, por exemplo, ou uma pessoa com deficiência motora, sei lá, de caminhar naquilo dali. Calçadazinhas, assim, meia irregulares, assim, em desnível, né? Parece que não tem aquela preocupação de dá uma sequência

no mesmo nível de uma calçada que está vindo de um condomínio e termina no outro. E aí essa, essa, essa continuidade dessa calçada, às vezes, ela não é a ideal, né? E muitas vezes, também, eu me deparo com aquele piso tátil que eles botam nas calçadas, é... eles não se encontram, né? Ou quando se encontram, eles são diferentes ou de repente um é mais no meio da calçada e o outro é mais na beirada da calçada, um esbarra num poste, o outro esbarra numa árvore, né? Aqui, realmente aqui, só na calçada no nosso prédio já tem uma certa falta de manutenção e eu imagino que isso é uma dificuldade pra uma pessoa com uma certa deficiência, né? Ou se precisa, por exemplo, andar com um andador, por exemplo, aqui ele vai ter dificuldade, né? E, muitos, muitos não obedecem, as pistas não são retas, né? Elas sempre têm um pequeno declive, às vezes, não sei se é intencional ou não aquilo para escoar a água para as bocas-de-lobo, mas, eu acho que não deveria ser assim. Aquilo deveria ter um, um certo nível um pouquinho padronizado, né? Não ficar esse desnivelzinho aí, né? Porque, de repente muda. Tem calçadas aqui ainda que usam lajota bruta de calçamento, como era antigamente, como calçada, né? E que hoje não é permitido. Eu sei que a prefeitura aqui, ela cobra bastante isso. Ela vive notificando, por exemplo, aqui já fui notificado uma vez para regularizar, mas nem sempre as pessoas obedecem a isso. Então, uns botam piso tátil, os outros não botam. Uns fazem com a lajota que não é própria para calçada ou simplesmente mete lá um... cimento lá... um concreto e deixa assim mesmo. Eu acho que falta padronização e até mais cobrança da Prefeitura em cima disso. Cobrar mais dos condomínios, das casas, e por aí afora. (Entrevistado 13, Masc., 66 anos).

Eu entro no estacionamento já sabendo o trajeto que eu vou fazer, que loja que eu vou, que médico que eu vou e volto tranquilo, sem passar por lugares que para mim é desagradável (Entrevistado 14, Fem., 67 anos).

[...] êh! Buracada, cheia de buraco. Eu ando em cima da calçada. Mesmo que seja ruim. Eu já caí... tropecei numa calçada ruim, uma calçada esburacada, eu tropecei e caí. Não me machuquei. As professoras correram e me ajuntaram (Entrevistado 15, Masc., 86 anos).

Do total de entrevistados (15), poucos (3) informaram que eram boas as calçadas do percurso de caminhada. Nestes casos, as respostas foram curtas, tendo como única justificativa o fato de serem planas, conforme falas que seguem:

Planas, boas, ótimas (Entrevistado 1, Masc., 64 anos).

Eram boas (Entrevistado 4, Fem., 66 anos).

Planas (Entrevistado 5, Fem., 63 anos).

O direito à acessibilidade, e por consequência à mobilidade ativa nos espaços urbanos, deve ser pauta do planejamento das cidades, sendo este um direito humano no sentido de inclusão social a partir do reconhecimento de todos como pessoas, sem distinção, com liberdade de locomoção e de se reunir, com direito de acesso ao serviço público, direito ao trabalho e condições justas, direito ao repouso e ao lazer e demais direitos fundamentais, uma vez que

todos devem ser vistos e se sentirem dignamente membros da sociedade social (ASSEMBLEIA GERAL DA ONU, 1948).

Segundo a Lei nº 10.741, Estatuto do Idoso (2003) o idoso deve possuir igualdade de oportunidades e facilidades que qualquer outra pessoa, mediante políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade. Cabe ao Estado assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos nas legislações.

No entanto, apesar de caber ao Estado assegurar os direitos da pessoa idosa, a partir do momento que a responsabilidade da construção e manutenção das calçadas é repassada aos proprietários dos imóveis, conforme mencionado no item 2.3 do referencial teórico, repassa-se também a responsabilidade de infraestrutura urbana das calçadas em relação à mobilidade ativa tanto da pessoa idosa quanto de todas as pessoas. Mesmo que os municípios implantem os seus próprios planos de mobilidade, incluindo a mobilidade ativa, essa transferência de responsabilidade em relação à construção e manutenção das calçadas impacta negativamente no deslocamento a pé nas cidades, preconizando-se o deslocamento através de automóveis.

Destaca-se também a sugestão de um dos entrevistados para que as Prefeituras ofereçam desconto no Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) para moradores que procurem manter suas calçadas em bom estado de conservação, conforme fala abaixo:

Eu digo assim ó, ou seja, e eu dar uma sugestão para a Prefeitura: Moradores vão ter um desconto no IPTU, desde que limpem sua calçada, tira o mato da sua calçada, não deixe nada acontecer com a sua calçada, ela vai ter um desconto no IPTU. Porque a pessoa tem a calçada da sua casa e deixa que a prefeitura fazer esse trabalho. Esse trabalho tem que ser de quem é o proprietário da residência e era como a gente fazia lá na nossa casa. [...]Se a Prefeitura disser para mim que me dá um desconto no IPTU se tiver tudo limpinho, arrumadinho, a Prefeitura não vai gastar aquele dinheiro que ela gasta com licitação. Entendeu (Entrevistado 11, Masc., 74 anos).

Conforme disposto na Lei 6.766 (1979), sobre o parcelamento do solo urbano no Brasil, cabe ao empreendedor responsável pela implantação do parcelamento a construção da infraestrutura básica do parcelamento, sendo que as vias de circulação fazem parte dessa infraestrutura. Já as Leis Estaduais de Parcelamento do Solo, normalmente, denominam a pavimentação, a construção de meio-fio e a calçada como infraestruturas básicas das vias de circulação. A fim de corroborar com as leis federais e estaduais, os Códigos de Posturas municipais informam que a construção e a conservação dos passeios públicos competem aos proprietários dos imóveis.

4.4 SÍNTESE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Por fim, a partir do tratamento dos dados da pesquisa, foram elaborados quatro quadros síntese. Os quadros 11 e 12 sumarizam os resultados desta pesquisa e agrupam os atributos do espaço e da paisagem encontrados tanto no referencial teórico como nas entrevistas realizadas que atuam como incentivadores e desencorajadores da atividade de caminhar em pessoal com 60 anos ou mais. Já os quadros 13 e 14 apresentam paisagens consideradas agradáveis e desagradáveis à atividade de caminhar dos idosos segundo as entrevistas realizadas.

Estas sínteses atendem ao quarto e último objetivo específico desta pesquisa: sintetizar atributos da paisagem encorajadores da caminhada para pessoas com mais de 60 anos necessários ao planejamento e projeto do espaço público.

Quadro 11 – Quadro síntese referentes aos atributos do espaço e da paisagem incentivadores da caminhada entre os idosos de acordo com a revisão de literatura e as entrevistas realizadas.

ATRIBUTOS DO ESPAÇO E DA PAISAGEM INCENTIVADORES DA CAMINHADA ENTRE IDOSOS	FREQUÊNCIA	
	REVISÃO DE LITERATURA (total: 35 artigos)	ENTREVISTAS (total:15 entrevistados)
Presença de uso misto do solo	17	2
Presença de vegetação	14	9
Boa qualidade das calçadas	11	6
Presença de espaços recreativos	10	-
Presença de convívio urbano	7	4
Proximidade e tempo reduzido	7	-
Presença de bancos	6	-
Presença de corpos hídricos	4	3
Presença de pista de caminhada	4	-
Ambientes muito adensados	3	-
Presença de locais de interação social	3	-
Presença de outros pedestres, conferindo sensação de segurança	3	-
Agradabilidade estética da paisagem	2	-
Ausência de barreiras físicas de mobilidade	2	-
Qualidade da iluminação pública	2	-

Presença de sanitários	2	-
Presença de equipamentos de ginástica urbanos	2	-
Presença de corrimãos	2	-
Presença de sombreamentos artificiais construtivos	2	-
Proximidade e alta frequência de paradas de transporte coletivo	2	-
Presença de sinalização urbana	2	-
Presença de infraestrutura viária	2	-
Presença de familiaridade com a paisagem	1	-
Presença de semáforos na via	1	-
Presença de canteiro central na via	1	-
Baixo tráfego de automóveis	1	-
Presença de manutenção urbana	-	2

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 12 – Quadro síntese referentes aos atributos do espaço e da paisagem desencorajadores da caminhada entre os idosos de acordo com a revisão de literatura e as entrevistas realizadas

ATRIBUTOS DO ESPAÇO E DA PAISAGEM DESENCORAJADORES DA CAMINHADA ENTRE IDOSOS	FREQUÊNCIA	
	REVISÃO DE LITERATURA (TOTAL: 35 artigos)	ENTREVISTAS (TOTAL: 15 entrevistados)
Trânsito intenso de automóveis	13	2
Baixa qualidade das calçadas	12	11
Presença de barreiras físicas de mobilidade	10	-
Ausência de uso misto do solo	4	-
Presença de ciclistas	3	-
Falta de manutenção urbana	2	5
Falta de agradabilidade estética da paisagem	2	-
Ausência de vegetação	1	-
Ambientes pouco adensados	1	-
Presença de cães	1	2
Longa distância e maior tempo	3	-
Presença de pavimentação tátil	2	-

Baixa qualidade ou ausência da iluminação	4	-
Ausência de locais de interação social	2	-
Ausência de sanitários	1	-
Distância e baixa frequência de paradas de transporte coletivo	2	-
Falta de drenagem urbana	1	-
Presença de criminalidade local	2	1
Sair à noite	2	-
Presença de câmeras de vigilância	1	-
Presença de passagens subterrâneas ou túneis	1	-
Falta de vegetação	-	3
Presença de andarilhos	-	1
Presença de usuários de drogas	-	1
Nada	-	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 13 – Quadro síntese referentes às paisagens agradáveis para a atividade de caminhar entre os idosos de acordo com as entrevistas realizadas

PAISAGENS AGRADÁVEIS	FREQUÊNCIA
	ENTREVISTAS (TOTAL: 15 entrevistados)
Presença de vegetação	9
Presença de corpos hídricos	8
Presença de convívio urbano	6
Boa qualidade das calçadas	3
Presença de uso misto do solo	2
Presença de manutenção urbana	1
Boa qualidade estética	1
Boas condições do tempo	1
Vista ampla	1
Trilha	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 14 – Quadro síntese referentes às paisagens desagradáveis para a atividade de caminhar entre os idosos de acordo com as entrevistas realizadas

PAISAGENS DESAGRADÁVEIS	FREQUÊNCIA
	ENTREVISTAS (TOTAL: 15 entrevistados)
Falta de manutenção urbana	8
Baixa qualidade das calçadas	7
Trânsito intenso de veículos	3
Baixa qualidade estética	2
Falta de vegetação	2
Período noturno	2
Presença de andarilhos	2
Ambientes muito adensados	1
Más condições do tempo	1
Presença de cães	1
Presença de usuários de drogas	1

Fonte: Elaborado pela autora.

A vegetação nos espaços urbanos destaca-se como um elemento encorajador da caminhada, assim como da agradabilidade da paisagem. Cabe mencionar que a vegetação que compõe a ambiência urbana pode estar localizada tanto em espaços públicos como privados. Além da presença de vegetação na calçada ou nos canteiros das vias, a vegetação intralote como o ajardinamento das residências também contribui para a agradabilidade da paisagem dos espaços urbanos. Deste modo, sugere-se que ferramentas que avaliem a qualidade dos espaços públicos para os deslocamentos urbanos, como os índices de caminhabilidade, considerem a vegetação urbana como um indicador de qualidade.

A qualidade das calçadas assim como seu estado de conservação também são elementos importantes à caminhada dos idosos. Encontrou-se nesta pesquisa que, além de boas calçadas incentivarem a caminhada, a má qualidade das calçadas se destaca como um elemento desencorajador da caminhada neste grupo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou investigar os atributos da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais. Para tanto, quatro objetivos específicos foram delineados para a pesquisa: i) sistematizar a partir da literatura atributos do espaço e da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais; (ii) identificar a percepção dos idosos sobre os atributos do espaço e da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada; (iii) compreender em que medida os atributos da paisagem atuam como incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais e (vi) sintetizar atributos da paisagem encorajadores da caminhada para pessoas com mais de 60 anos necessários ao planejamento e projeto do espaço público.

O referencial teórico auxiliou na compreensão sobre a pessoa idosa e o processo de envelhecimento, apresentou os conceitos de espaço e paisagem urbana e os espaços livres públicos e trouxe dados sobre os deslocamentos urbanos a pés e a qualidade dos espaços livres públicos para esses deslocamentos, especialmente os deslocamentos da pessoa idosa.

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa foram divididos em duas etapas, a primeira envolveu uma revisão sistemática de literatura a qual possibilitou atender ao primeiro objetivo específico desta pesquisa, ou seja, a sistematização a partir da literatura de atributos do espaço e da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais.

Os resultados desta busca foram categorizados entre (atributos da paisagem, de acessibilidade, de infraestrutura e de segurança) apresentados ao final do referencial teórico deste documento. Em síntese, esta revisão apontou que, o uso misto do solo, a presença de vegetação e a presença de espaços recreativos são os principais atributos encorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais. Já em relação aos aspectos negativos, o tráfego intenso de veículos, a baixa qualidade das calçadas e a existência de barreiras físicas de mobilidade como presença de degraus e rampa muito íngremes afasta os idosos da preferência pela caminhada, sendo que os três aspectos mais mencionados estão relacionados a receio e risco de quedas.

Já a segunda etapa desta pesquisa foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, a fim de atender ao demais objetivos específicos desta pesquisa: identificar a percepção dos

idosos (pessoas com 60 anos ou mais) sobre os atributos do espaço e da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada; compreender em que medida os atributos da paisagem atuam como incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais e sistematizar os atributos da paisagem encorajadores e desencorajadores na caminhada neste grupo. Ademais, conheceu-se os desejos, anseios e opiniões dos idosos entrevistados em relação à atividade de caminhar nos espaços urbanos tanto para deslocamento como para atividades de lazer.

Os resultados encontrados apontaram que a maior parte das pessoas idosas entrevistadas caminha ou para deslocamento ou para deslocamento e atividade física, ou seja, ambos, em razão de buscar uma padaria, um supermercado, uma igreja, etc. Este fato corrobora o que foi encontrado na literatura exposta no item 2.4.1, ou seja, a presença do uso misto do solo foi apresentada como o atributo da paisagem incentivador mais frequente nos estudos relacionados à caminhada dos idosos, seguida da presença de vegetação.

Por sua vez, as entrevistas apontaram os idosos entrevistados gostam quase que igualmente de caminhar nas calçadas (7 em 15 entrevistados) e em parques (6 em 15).

No que se refere aos atributos do espaço e da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais, os resultados das entrevistas demonstraram que as paisagens naturais, com destaque para as que contenham a presença de água, são incentivadores da caminhada entre os idosos. Também a boa qualidade das calçadas e o convívio são incentivadores da caminhada neste grupo.

Já as paisagens que contenham calçadas em mau estado, com falta de limpeza e manutenção urbana, desencorajam a caminhada de idosos. Também citados como desencorajadores, porém com menor frequência, está a falta de vegetação, o trânsito intenso de veículos, entre outros.

Para compreender melhor em que medida determinadas paisagens atuam como encorajadoras ou desencorajadores da caminhada, os idosos foram questionados sobre a agradabilidade da paisagem para a atividade de caminhar.

Quando questionados sobre paisagens agradáveis/ prazerosas para caminhar, as mais citadas foram as que contemplam a presença de vegetação, seguida da presença de corpos hídricos. Pode-se considerar a presença dos corpos d'água como fator importante para a

população da área metropolitana da Grande Florianópolis, uma vez que está localizada em área litorânea, sendo que a presença do mar na paisagem faz parte do cotidiano da população.

No que se refere a paisagens desagradáveis para a caminhada dos idosos entrevistados, as questões relacionadas a acessibilidade, principalmente a baixa qualidade das calçadas e a falta de manutenção urbana, são os principais fatores que caracterizam uma paisagem como desagradável e que fazem as pessoas com 60 anos ou mais evitar o deslocamento através da caminhada. Aqui fica evidente o papel da qualidade das calçadas no aspecto geral da paisagem, da ambiência urbana, e não somente no papel de infraestrutura do espaço para a caminhada. Mais do que isso, a má qualidade das calçadas pode atuar como um impeditivo à contemplação da paisagem, uma vez que o piso da calçada requer atenção do idoso, e não só destes, para evitar quedas.

Conclui-se que, apesar de as cidades se encontrarem em processo contínuo de transformação, a caminhada para pessoas com 60 anos ou mais deve ser pauta das políticas públicas, uma vez que a interação do indivíduo com o meio físico, social e político é de extrema importância para o envelhecimento ativo da população em sua interação com os espaços públicos e a vida em sociedade.

5.1 RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS PESQUISAS

Este trabalho sintetiza atributos do espaço e da paisagem importantes à atividade de caminhar da pessoa idosa, de modo que poderiam embasar futuras pesquisas. Uma das possibilidades de aproveitamento destes dados é na construção de questionários com questões fechadas, em uma metodologia de abordagem quantitativa e que busque uma representatividade estatística para que seus resultados possam ser generalizados dentro do universo da pesquisa.

Pretende-se ainda, em trabalhos futuros do Grupo de Pesquisa em Desenho Urbano e Paisagem atrelado a este programa de pós-graduação, utilizar os resultados desta pesquisa como base para a produção de outros estudos sobre a caminhada em ambientes urbanos brasileiros como contribuição para a qualidade de vida dos idosos, em especial dentro do projeto de pesquisa em desenvolvimento intitulado Envelhecimento Saudável e Mobilidade Urbana,

desenvolvido em parceria com os programas de pós-graduação em Educação Física e em Saúde Coletiva.

REFERÊNCIAS

- ACKERSON, K. J. **A GIS Approach to Evaluating Streetscape and Neighbourhood Walkability** 2005. 103 f. Master of Community and Regional Planning - University of Oregon, 2005.
- ALEX, Sun. **Projeto da praça: Convívio e exclusão no espaço público**. Editora SENAC. São Paulo. 2008.
- ALVES, F.; CRUZ, S.; RIBEIRO, A.; SILVA, A. B.; MARTINS, J.; CUNHA, I. Walkability index for elderly health: A proposal. **Sustainability**, [S.L.], v. 12, n. 18, p. 7360, 2020. <http://dx.doi.org/10.3390/su12187360>.
- AMANCIO, Marcelo Augusto. **Relacionamento entre a forma urbana e as viagens a pé.** 2005. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Exatas e da Terra) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.
- AN, S.; LEE, Y.; KIM, J. T. The effect of the public exercise environment on the physical activity for the active ageing of the elderly. **Indoor and Built Environment**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 319-331, 2012. <http://dx.doi.org/10.1177/1420326x12471246>.
- ANDRADE, Vitor; LINKE, C. Clarisse (org.). **Cidades de pedestres: a caminhabilidade no brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: Babilonia Cultura Editoria, 2017. 240 p.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. 4.ed. Rio de Janeiro; 2020. 147 p.
- BAILLY, L; D'ARRIPE-LONGUEVILLE, F; FABRE, R; EMILE, M; VALBOUSQUET, J; FERRÉ, N; COLSON, S; PRADIER, C. Impact of improved urban environment and coaching on physical condition and quality of life in elderly women: a controlled study. **European Journal of Public Health**, [S.L.], v. 29, n. 3, p. 588-593, 2018. <http://dx.doi.org/10.1093/eurpub/cky192>.
- BANDINI, Stefania; GASPARINI, Francesca. Social and active inclusion of the elderly in the city through affective walkability. **The Review of Socionetwork Strategies**, [S.L.], v. 15, n. 2, p. 557-573, 2021. <http://dx.doi.org/10.1007/s12626-021-00091-8>.
- BARNETT, A.; CERIN, E.; CHING, C. S.-K.; JOHNSTON, J. M.; LEE, R. S. Y. Neighbourhood environment, sitting time and motorised transport in older adults: A cross-sectional study in Hong Kong. **BMJ Open**, [S.L.], v. 5, n. 4, p. 7557, 2015. <http://dx.doi.org/10.1136/bmjopen-2014-007557>.
- BASBAS, S.; KONSTANTINIDOU, C.; GOGOU, N. Pedestrians' needs in the urban environment: the case of the city of Trikala, Greece. In A. Pratelli & C. A. Brebbia, **Urban Transport XVI: Urban Transport and The Environment in The 21st Century**, Vol. 111,

Issue 16th International Conference on Urban Transport and the Environment, pp. 15–22, 2010.

BESSER, L. M.; RODRIGUEZ, D. A.; MCDONALD, N.; KUKULL, W. A.; FITZPATRICK, A. L.; RAPP, S. R.; SEEMAN, T. Neighborhood built environment and cognition in non-demented older adults: the multi-ethnic study of atherosclerosis. **Social Science & Medicine**, [S.L.], v. 200, p. 27-35, 2018.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2018.01.007>.

BRADSHAW, C. Creating - and Using - a Rating System for Neighbourhood Walkability: towards an agenda for “Local Heroes”. In: INTERNATIONAL PEDESTRIAN CONFERENCE, 14., Boulder, 1993. **Proceedings...** Boulder, 1993.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. Brasília: Casa Civil, 1994.

BRASIL. **Lei nº 8.842 de 04 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional Idoso e dá outras providências. Brasília, 04 jan. 1994. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm. Acesso em: 05 jul. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 01 de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, 01 out. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 25 mar. 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.587, de 2012**. Institui as diretrizes da Política Nacional de Mobilidade Urbana e dá outras providências. Brasília, 03 jan. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112587.htm. Acesso em: 04 out. 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 29 nov. 2020.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 402 de 2019**. Institui o Programa Cidade Amiga do Idoso. Brasília: Congresso Federal, 2019. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=869979&filename=PL+402/2019+%28N%C2%BA+Anterior:+PL+1313/2011%29. Acesso em: 05 jul. 2022.

BROOKFIELD, K.; THOMPSON, C. W.; SCOTT, I. The uncommon impact of common environmental details on walking in older adults. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [S.L.], v. 14, n. 2, p. 190, 2017.
<http://dx.doi.org/10.3390/ijerph14020190>.

CERIN, E.; VAN DYCK, D.; ZHANG, C. J. P.; VAN CAUWENBERG, J.; LAI, P.-C.; BARNETT, A. Urban environments and objectively-assessed physical activity and sedentary time in older belgian and chinese community dwellers: Potential pathways of influence and the moderating role of physical function. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, 17, 73, 2020. <https://doi.org/10.1186/s12966-020-00979-8>

CERIN, E.; ZHANG, Casper J.P.; BARNETT, A.; SIT, C. H.P.; CHEUNG, Martin M.C.; JOHNSTON, Janice M.; LAI, Poh-Chin; LEE, R. S. Associations of objectively-assessed neighborhood characteristics with older adults' total physical activity and sedentary time in an ultra-dense urban environment: Findings from the alecs study. **Health & Place**, [S.L.], v. 42, p. 1-10, 2016. <http://dx.doi.org/10.1016/j.healthplace.2016.08.009>.

CERIN, E.; SIT, C.H. P.; BARNETT, A.; CHEUNG, M.; CHAN, W. Walking for recreation and perceptions of the neighborhood environment in older chinese urban dwellers. **Journal of Urban Health**, [S.L.], v. 90, n. 1, p. 56-66, 2012. <http://dx.doi.org/10.1007/s11524-012-9704-8>.

CERIN, E.; LEE, K.; BARNETT, A.; SIT, C. H.P.; CHEUNG, M.; CHAN, W. Objectively-measured neighborhood environments and leisure-time physical activity in chinese urban elders. **Preventive Medicine**, [S.L.], v. 56, n. 1, p. 86-89, 2013. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ypmed.2012.10.024>.

CERVERO, R.; KOCKELMAN, K. Travel Demand and the 3Ds: density, diversity, and design. **Transportation Research Part D: Transport and Environment**, v. 2, n. 3, p. 199-219, 1997

CERVERO, R. *et al.* Influences of Built Environments on Walking and Cycling: lessons from Bogotá. **International Journal of Sustainable Transportation**, v. 3, n. 4, p. 203-226, 2009.

CHIPPENDALE, T.; BOLTZ, M. The neighborhood environment: Perceived fall risk, resources, and strategies for fall prevention. **The Gerontologist**, [S.L.], v. 55, n. 4, p. 575-583, 2014. <http://dx.doi.org/10.1093/geront/gnu019>.

COCCO, Rodrigo Giraldi. **Transporte público e mobilidade urbana: Contradições entre políticas públicas e demandas por mobilidade na região metropolitana de Florianópolis-SC.** 2016. 421 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

COELHO, Leonardo Loyolla. **Compensação ambiental: Uma alternativa para viabilização de espaços livres públicos para lazer e convívio na cidade de São Paulo.** 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.2008.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. **Retratos da sociedade brasileira: Mobilidade urbana.** Brasília: CNI, 2015.

CORDEIRO, A. M.; OLIVEIRA, G. M.; RENTERÍA, J. M.; GUIMARÃES, C. A. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, [S.L.], v. 34, n. 6, p. 428-431, 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-69912007000600012>.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. Ática, 1995.

CORRIDA AMIGA. **Calçada cilada: Resultados - 2021**. São Paulo: Corrida Amiga, 2021. Disponível em: <https://www.mobilize.org.br/midias/pesquisas/relatorio-da-campanha-calcada-cilada-2021.pdf>. Acesso em: 06 out. 2022.

CURL, A.; MASON, P. Neighbourhood perceptions and older adults' wellbeing: Does walking explain the relationship in deprived urban communities? **Transportation Research Part A: Policy and Practice**, [S.L.], v. 123, p. 119-129, 2019. <http://dx.doi.org/10.1016/j.tra.2018.11.008>.

DELLA JUSTINA, Marcelo Dutra. **Desenvolvimento, validação e associação entre o índice de walkability com a caminhada no deslocamento de idosos em Florianópolis**. 2021. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

DEMARCO, Fernanda Faccio. **Longevidade na cidade: Os espaços livres públicos de lazer e a atividade de caminhar para o lazer da população idosa em Florianópolis/SC**. 2021. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

DISTEFANO, N.; PULVIRENTI, G.; LEONARDI, S. Neighbourhood walkability: Elderly's priorities. **Research in Transportation Business & Management**, [S.L.], v. 40, 2021. <http://dx.doi.org/10.1016/j.rtbm.2020.100547>.

DORNELES, Vanessa Goulart. **Acessibilidade para idosos em áreas livres públicas de lazer**. 2006. 213 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

D'ORSI, Eleonora; RECH, Cassiano Ricardo; PAIVA, Karina Mary de. **Estudo de coorte EpiFloripa Idoso: 3ª onda (2017-2019): relatório técnico-científico / Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde**. Florianópolis: UFSC, 2020. Disponível: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/219631/relatidoso_FINAL_EBOOK.pdf?sequence=1. Acesso em: 01 mai. 2022.

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; COHEN, Regina. **Acessibilidade emocional**. In: Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído, 7, 2018, Fortaleza, CE. Proceedings. São Paulo, SP: Blucher, p. 6 – 10; 2018.

DUJARDIN, C.; LORANT, V.; THOMAS, I. Self-assessed health of elderly people in Brussels: does the built environment matter? **Health & Place**, [S.L.], v. 27, p. 59-67, 2014. <http://dx.doi.org/10.1016/j.healthplace.2014.01.003>.

EPIFLORIPA IDOSO. **Questionário do estudo populacional sobre a saúde do idoso.** Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

ERCOLE, F. F.; MELO, L. S. de; ALCOFORADO, C. L.G. C. Revisão integrativa *versus* revisão sistemática. **REME: Revista Mineira de Enfermagem**, [s.l.], v. 18, n. 1, p.9-11, 2014. <http://dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20140001>.

ERONEN, J.; VON BONSDORFF, M.; RANTAKOKKO, M.; RANTANEN, T. Environmental facilitators for outdoor walking and development of walking difficulty in community-dwelling older adults. **European Journal of Ageing**, [S.L.], v. 11, n. 1, p. 67-75, 2013. <http://dx.doi.org/10.1007/s10433-013-0283-7>.

FARIAS, T. de B.; BELLO, F. dal; BRITO, C. J.; MIARKA, B.; BROWNE, R. A. V.; BARROS, J. de F. Psycho-affective responses of physically active older adults during exercise in different environments. **Journal of Physical Education and Sport**, [s. l.], v. 18, n. 3, p. 1640-1645, 2018.

FERENHOF, H. A.; FERNANDES, R. Fa.. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SFF. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p.550-563, dez. 2016.

FINLAY, J.; FRANKE, T.; MCKAY, H.; SIMS-GOULD, J. Therapeutic landscapes and wellbeing in later life: impacts of blue and green spaces for older adults. **Health & Place**, [S.L.], v. 34, p. 97-106, 2015. <http://dx.doi.org/10.1016/j.healthplace.2015.05.001>.

FRANCISCO, Mayckon. **A caminhabilidade no centro histórico de Laguna.** 2019. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO; SESC-SP. **Idosos no Brasil II: Vivências, desafios e expectativas na 3ª idade,** 2020.

FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, M.; KOPACZ, K.; PADULA, G.; WIŚNIEWSKI, S.; WOJNAROWSKA, A. Proposal for a method of constructing inclusive urban green infrastructure. **European Spatial Research and Policy**, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 81-105, 2017. <http://dx.doi.org/10.1515/esrp-2017-0005>.

GALENDER, Fany Cutcher. A ideia de sistema de espaços livres públicos na ação de paisagistas pioneiros na América Latina. **Paisagens em Debate**, FAU. USP, n. 03, p. 04, 2005.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas.** Tradução: Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013. 262 p.

GIEHL, Maruí Weber Corseuil. **Associação do ambiente construído e percebido com a caminhada em idosos de Florianópolis: Estudo populacional.** 2014. 196 f. Tese (Doutorado)

- Curso de Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

GIL, Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e formas de uso. São João do Estoril: Príncípia, 2012.

GHIDINI, Roberto. A caminhabilidade: medida urbana sustentável. **Revista dos Transportes Públicos - ANTP**, [s. l], ano. 33 – 1º quadrimestre, p. 21-33, 2011.

GRAY, David. **Pesquisa no mundo real**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

HENNAH, C.; ELLIS, G.; DOUMAS, M. Dual task walking in healthy aging: effects of narrow and wide walking paths. **Plos One**, [S.L.], v. 16, n. 12, 2021. Public Library of Science (PLOS). <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0261647>.

HERRMANN-LUNECKE, M.; PARRA, F.; FIGUEROA, C.; MORA, R. The city of non-care: Walking and Elder People During the Pandemic. **ARQ**, 2021(109), 68–77, 2021.

HORAK, Jiri; KUKULIAC, Pavel; MARESOVA, Petra; ORLIKOVA, Lucie; KOLODZIEJ, Ondrej. Spatial pattern of the walkability index, walk score and walk score modification for elderly. **ISPRS International Journal Of Geo-Information**, [S.L.], v. 11, n. 5, p. 279, 2022. <http://dx.doi.org/10.3390/ijgi11050279>.

HULSMeyer, Alexander Fabbri. **A cidade através dos seus sistemas de espaços livres**: Estrutura e configuração da paisagem urbana – um estudo de caso em Umuarama – PR. 2008. 323 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

HUMBERTO, Mateus; LABOISSIÈRE, Rodrigo; GIANNOTTI, Mariana; MARTE, Cláudio Luiz; CRUZ, Daniel Agostini; PRIMON, Henrique. Walking and walkability: do built environment measures correspond with pedestrian activity?. **Ambiente Construído**, [S.L.], v. 19, n. 4, p. 23-36, dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-86212019000400341>.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Práticas de Esporte e Atividade física. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

INSTITUTO DE POLÍTICAS DE TRANSPORTE E DESENVOLVIMENTO. **Índice de caminhabilidade**: aplicação piloto. Rio de Janeiro: ITDP Brasil, 2016. 98 p.

INSTITUTO DE POLÍTICAS DE TRANSPORTE E DESENVOLVIMENTO. **Índice de caminhabilidade**: versão 2.0. Rio de Janeiro: ITDP Brasil, 2018. 66 p.

INSTITUTO DE POLÍTICAS DE TRANSPORTE E DESENVOLVIMENTO. **Desafios e soluções para a gestão equitativa da mobilidade no Brasil**. Rio de Janeiro: ITDP Brasil, 2022. 52 p.

JORGENSEN, A.; ANTHOPOULOU, A. Enjoyment and fear in urban woodlands – Does age make a difference? **Urban Forestry & Urban Greening**, [S.L.], v. 6, n. 4, p. 267-278, 2007. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ufug.2007.05.004>.

LEE, J. S.; ZEGRAS, P. C.; BEN-JOSEPH, E. Safely active mobility for urban baby boomers: the role of neighborhood design. **Accident Analysis & Prevention**, [S.L.], v. 61, p. 153-166, 2013. <http://dx.doi.org/10.1016/j.aap.2013.05.008>.

LEE, L. S. H.; CHEUNG, P. K.; F., Charmaine K. W.; JIM, C. Y. Improving street walkability: Biometeorological assessment of artificial-partial shade structures in summer sunny conditions. **International Journal Of Biometeorology**, [S.L.], v. 64, n. 4, p. 547-560, 2019. <http://dx.doi.org/10.1007/s00484-019-01840-9>.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Éditions Anthropos, 1974.

LOGIT ENGENHARIA CONSULTIVA; STRATEGY&; MACHADO MEYER SENDACZ E OPICE ADVOGADOS. **Plano de Mobilidade Urbana Sustentável da Grande Florianópolis – PLAMUS**. Florianópolis: Logit Engenharia Consultiva, 2015.

LOO, Becky P. Y.; LAM, Winnie W. Y.; MAHENDRAN, Rathi; KATAGIRI, Keiko. How is the neighborhood environment related to the health of seniors living in Hong Kong, Singapore, and Tokyo? Some insights for promoting aging in place. **Annals of the American Association of Geographers**, [S.L.], v. 107, n. 4, p. 812-828, 2017. <http://dx.doi.org/10.1080/24694452.2016.1271306>.

LOUKAITOU-SIDERIS, A.; LEVY-STORMS, L.; CHEN, L.; BROZEN, M. Parks for an aging population: needs and preferences of low-income seniors in Los Angeles. **Journal Of The American Planning Association**, [S.L.], v. 82, n. 3, p. 236-251, 2016. <http://dx.doi.org/10.1080/01944363.2016.1163238>.

LYNCH, K. **Image of the city**. Cambridge: MIT Press, 1960.

MACEDO, Silvio Soares; CUSTÓDIO, Vanderli; DONOSO, Verônica Garcia. Organizadores. **Reflexões sobre espaços livres na forma urbana**. FAUUSP: São Paulo, 2018.

MACEDO, Silvio Soares de. Espaços Livres. Paisagem e Ambiente. **Ensaio**, São Paulo: FAUUSP, n. 7, p. 15-56, 1995.

MACEDO, Silvio Soares. **Paisagem, urbanização e litoral: Do éden à cidade**. 1993. 207 p. Tese, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

MACIOSZEK, Elżbieta; KARAMI, Ali; FARZIN, Iman; ABBASI, Mohammadhossein; MAMDOOHI, Amir Reza; PICCIONI, Cristiana. The effect of distance intervals on walking likelihood in different trip purposes. **Sustainability**, [S.L.], v. 14, n. 6, p. 3406, 2022. <http://dx.doi.org/10.3390/su14063406>.

MARQUET, Oriol; MIRALLES-GUASCH, Carme. Neighbourhood vitality and physical activity among the elderly: the role of walkable environments on active ageing in Barcelona, Spain. **Social Science & Medicine**, [S.L.], v. 135, p. 24-30, 2015. <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2015.04.016>.

MASCARO, Sonia de Amorim. *O Que é Velhice*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MAXWELL, Joseph A. **Qualitative research design**. An interpretative approach. Thousand Oaks, California: Ed. SAGE Publications, Inc, 1996.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**: cadernos de atenção básica - n.º 19. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_saude_pessoa_idosa.pdf. Acesso em: 13 out. 2022.

MITRA, R.; SIVA, H.; KEHLER, M. Walk-friendly suburbs for older adults? Exploring the enablers and barriers to walking in a large suburban municipality in Canada. **Journal Of Aging Studies**, [S.L.], v. 35, p. 10-19, 2015. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jaging.2015.07.002>.

MOBILIZE BRASIL. **Mobilidade urbana em dados e nas ruas do Brasil**: estudo mobilize 2022 - relatório final. São Paulo: Mobilize Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.mobilize.org.br/midias/pesquisas/estudo-mobilize-20221.pdf>. Acesso em: 05 out. 2022.

MOTLOCH, John L. **Introduction to landscape design**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991. 307 p.

NASAR, Jack L. **The evaluative image of the city**. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 1998. 182 p.

NEALE, C.; ASPINALL, P.; ROE, J.; TILLEY, S.; MAVROS, P.; CINDERBY, S.; COYNE, R.; THIN, N.; THOMPSON, C. W. The impact of walking in different urban environments on brain activity in older people. **Cities & Health**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 94-106, 2019. <http://dx.doi.org/10.1080/23748834.2019.1619893>.

NEALE, C.; ASPINALL, P.; ROE, J.; TILLEY, S.; MAVROS, P.; CINDERBY, S.; COYNE, R. THIN, N.; BENNETT, G.; THOMPSON, C. W. The aging urban brain: analyzing outdoor physical activity using the emotiv affectiv suite in older people. **Journal of Urban Health**, [S.L.], v. 94, n. 6, p. 869-880, 2017. <http://dx.doi.org/10.1007/s11524-017-0191-9>.

NETI. **Oficina Checou o quanto Florianópolis é Cidade Amiga do Idoso** - Oficina Participação Popular e Cidade Amiga do Idoso. Florianópolis, UFSC, 2019.

O'HERN, S.; OXLEY, J. Understanding travel patterns to support safe active transport for older adults. **Journal of Transport & Health**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 79-85, 2015. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jth.2014.09.016>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Organização Pan-americana da Saúde (Org.). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília, DF: World Health Organization, 2005. 60 p. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf. Acesso em: 19 set. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Guia global: Cidade amiga do idoso**. Genebra: OMS, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Plano de ação global para a atividade física 2018-2030. Mais pessoas ativas para um mundo mais saudável** - Versão síntese. Organização Mundial da Saúde, 2018.

ONU HABITAT. **Nova agenda urbana**. Quito: Nações Unidas, 2016. Disponível em: <http://uploads.habitat3.org/hb3/NUA-Portuguese-Brazil.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Assembleia Geral das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 25 nov. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **A ONU e as pessoas idosas**. 2019a. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-idosas/>. Acesso em: 19 set. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **ONU apoia estratégia brasileira de promoção do envelhecimento saudável**. 2019b. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-apoia-estrategia-brasileira-de-promocao-do-envelhecimento-saudavel/>. Acesso em: 19 set. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Transformando nosso mundo: A agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável**. 2015

PAIVA N., Francisco T. de; ARINS, G. C. B.; D'ORSI, E.; RECH, C.R. Are changes in walking for transportation in brazilian older adults associated with attributes of the neighborhood environment? **Journal of Aging And Physical Activity**, [S.L.], v. 29, n. 4, p. 686-694, 2021. <http://dx.doi.org/10.1123/japa.2020-0120>.

PAIXÃO, R. C. da; DELGADO, J. P. M. Análise espacial das condições de deslocamento do pedestre na integração com o transporte público. In: ANPET - CONGRESSO DE ENSINO E PESQUISA EM TRANSPORTES, 28., Curitiba, 2014. **Anais...** Curitiba, 2014.

PALACIOS, Robert. The future of global ageing. **International Journal of Epidemiology**, [S.L.], v. 31, n. 4, p. 786-791, ago. 2002. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/ije/31.4.786>.

PASCHOAL, S.M.P. Autonomia e Independência. In: PAPALÉO-NETTO, M., ed.

Gerontologia. São Paulo, Editora Atheneu, 1996. p.313-23.

PASSMORE, D. **The Missing leg**: the experience of walking to public transit in Sao Paulo, Brazil. Toronto. University of Toronto, 2007.

PLAUT, P.; SHACH-PINSKY, D.; SCHREUER, N.; KIZONY, R. The reflection of the fear of falls and risk of falling in walking activity spaces of older adults in various urban environments. **Journal Of Transport Geography**, [S.L.], v. 95, p. 103152, 2021. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jtrangeo.2021.103152>.

PLESON, E.; NIEUWENDYK, L.; LEE, K.; CHADDAH, A.; NYKIFORUK, Candace; SCHOPFLOCHER, D. understanding older adults' usage of community green spaces in Taipei, Taiwan. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 1444-1464, 2014. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph110201444>.

MACEDO, S. S.; QUEIROGA, E. F.; GALENDER, F. C.; CAMPOS, A. C. A.; CUSTÓDIO, V.; DEGREAS, H.; GONÇALVES, F. M. Os sistemas de espaços livres na constituição da forma urbana contemporânea no Brasil: produção e apropriação (QUAPÁSEL II). **Paisagem e Ambiente**, [S.L.], n. 30, p. 137, 2012. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i30p137-172>.

QUEIROGA, Eugênio Fernandes. Sistemas de espaços livres e esfera pública em metrópoles brasileiras. **Resgate**: Revista Interdisciplinar de Cultura, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 25, 2012. <http://dx.doi.org/10.20396/resgate.v19i21.8645703>.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. Da relevância pública dos espaços livres um estudo sobre metrópoles e capitais brasileiras. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S.L.], n. 58, p. 105, 2014. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901x.v0i58p105-132>.

QUEIROGA, E.F. *et al.* Os espaços livres e a esfera pública contemporânea no Brasil: Por uma conceituação considerando propriedades (públicas e privadas) e apropriações. In: TÂNGARI, V.R.; ANDRADE, R.; SCHLEE, M.B. (Org.) **Sistema de Espaços Livres**: o cotidiano, apropriações e ausências. 1ed. Rio de Janeiro: Editora PROARQ, FAU, UFRJ, 2009.

RAFIEMANZELAT, R.; EMADI, M. I.; KAMALI, A. J. City sustainability: the influence of walkability on built environments. **Transportation Research Procedia**, [S.L.], v. 24, p. 97-104, 2017. <http://dx.doi.org/10.1016/j.trpro.2017.05.074>.

RIBEIRO, A. I.; MITCHELL, R.; CARVALHO, M. S.; PINA, M. de F. de. Physical activity-friendly neighbourhood among older adults from a medium size urban setting in Southern Europe. **Preventive Medicine**, [S.L.], v. 57, n. 5, p. 664-670, 2013. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ypmed.2013.08.033>.

RICHARD, L.; GAUVIN, L.; GOSSELIN, C.; LAFOREST, S. Staying connected: neighbourhood correlates of social participation among older adults living in an urban

environment in Montreal, Quebec. **Health Promotion International**, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 46-57, 2008. <http://dx.doi.org/10.1093/heapro/dan039>.

RODRIGUES, André Ricardo Prazeres; FLÓREZ, Josefina; FRENKEL, Denise Beer; PORTUGAL, Licínio da Silva. Indicadores do desenho urbano e sua relação com a propensão a caminhada. **Journal Of Transport Literature**, [S.L.], v. 8, n. 3, p. 62-88, jul. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/s2238-10312014000300004>.

SABOYA, Renato Tibiriçá de; REIS, Almir Francisco; BUENO, Ayrton Portilho. Continuidades e discontinuidades urbanas à beira-mar: Uma leitura morfológica e configuracional da área conurbada de Florianópolis. **Oculum Ensaios**, [S.L.], v. 13, n. 1, p. 129, 2016. <http://dx.doi.org/10.24220/2318-0919v13n1a2756>.

SANDELOWSKI, Margarete. Real qualitative researchers do not count: the use of numbers in qualitative research. *Research In Nursing & Health*, [S.L.], v. 24, n. 3, p. 230-240, 2001. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/nur.1025>.

SANTOS, Franco Andrius Ache dos. **Prevalência de dor crônica e sua associação com a situação sociodemográfica e atividade física no lazer em idosos de Florianópolis, Santa Catarina**: estudo de base populacional EPIFLORIPA Idoso. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. Editora Hucitec. São Paulo, 1991.

SC. **Projeto de Lei nº. 48.6 de 2018**. Florianópolis: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 2018.

SCHUETT, M. A.; LEE, J.; CHOE, Y.; SIM, K. The Effect of Services and Facilities on Seniors' visitation experiences in Seoraksan National Park, Korea. **Asian Women**, [S.L.], v. 32, n. 3, p. 1, 30. 2016. <http://dx.doi.org/10.14431/aw.2016.09.32.3.1>.

SUZUKI, F. S.; EVANGELISTA, A. L.; TEIXEIRA, C. V.; PAUNKSNIS, M. R. R.; RICA, R. L.; EVANGELISTA, R. A. G. de T.; ALLEGRETTI J., G.; DORO, M. R.; SITA, D.; MASTRO A.; SERRA, A. J. Effects of a multicomponent exercise program on the functional fitness in elderly women. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 36-39, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1517-869220182401179669>.

TALEN, E.; KOSCHINSKY, J. The Walkable Neighborhood: A literature review. **International Journal of Sustainable Land Use and Urban Planning**, v. 1, n. 1, p. 42-63, 2013.

THOMPSON, C. W.; CURL, A.; ASPINALL, P.; ALVES, S.; ZUIN, A. Do changes to the local street environment alter behaviour and quality of life of older adults? The 'DIY Streets' intervention. **British Journal of Sports Medicine**, [S.L.], v. 48, n. 13, p. 1059-1065, 2012. <http://dx.doi.org/10.1136/bjsports-2012-091718>.

TILLEY, S.; NEALE, C.; PATUANO, A.; CINDERBY, S. Older People's Experiences of Mobility and Mood in an Urban Environment: a mixed methods approach using electroencephalography (eeg) and interviews. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [S.L.], v. 14, n. 2, p. 151, 2017. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph14020151>.

THIES, S.B.; KENNEY, L.P.J.; HOWARD, D.; NESTER, C.; ORMEROD, M.; NEWTON, R.; BAKER, R.; FARUK, M.; MACLENNAN, H.. Biomechanics for inclusive urban design: effects of tactile paving on older adults' gait when crossing the street. **Journal Of Biomechanics**, [S.L.], v. 44, n. 8, p. 1599-1604, 2011. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jbiomech.2010.12.016>.

TORKU, A.; CHAN, A. P.C.; YUNG, E. H.K.; SEO, J. The influence of urban visuospatial configuration on older adults' stress: a wearable physiological-perceived stress sensing and data mining based-approach. **Building and Environment**, [S.L.], v. 206, 2021. <http://dx.doi.org/10.1016/j.buildenv.2021.108298>.

VAN CAUWENBERG, J.; VAN HOLLE, V.; SIMONS, D.; DERIDDER, R.; CLARYS, P.; GOUBERT, L.; NASAR, Ja.; SALMON, J.; BOURDEAUDHUIJ, I. de; DEFORCHE, B. Environmental factors influencing older adults' walking for transportation: a study using walk-along interviews. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 85, 2012. <http://dx.doi.org/10.1186/1479-5868-9-85>.

VEGI, A. S. F.; FERNANDES FILHO, E. I.; PESSOA, M. C.; RAMOS, K. L.; RIBEIRO, A. Q. Caminhabilidade e envelhecimento saudável: uma proposta de análise para cidades brasileiras de pequeno e médio porte. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 36, n. 3, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00215218>.

WALK SCORE. **Metodologia de pontuação da caminhada**. Disponível em: <https://www.walkscore.com/>. Acesso em: 01 nov. 2022.

WANG, Fa.; HE, P.; YUAN, C.; WANG, S.. Isolated or integrated? Evaluation of ageing-friendly communities in Old Beijing City based on accessibility, social inclusion and equity. **Indoor and Built Environment**, [S.L.], v. 29, n. 3, p. 465-479, 2020. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1420326x19896834>.

WRI BRASIL. **Ruas completas no Brasil**: promovendo uma mudança de paradigma. São Paulo: WRI Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.wribrasil.org.br/publicacoes/ruas-completas-no-brasil>. Acesso em: 06 out. 2022.

WU, Z.; SONG, Y.; ZHANG, F.; LI, F.; 4, Zhu-Ying W.; WANG, Z. Influence of the built environment of Nanjing's Urban Community on the leisure physical activity of the elderly: An empirical study. **BMC Public Health**, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 1459, 2019. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1186/s12889-019-7643-y>.

YUNG, E. H.K.; CONEJOS, S.; CHAN, E. H.W. Social needs of the elderly and active aging in public open spaces in urban renewal. **Cities**, [S.L.], v. 52, p. 114-122, 2016. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.cities.2015.11.022>.

ZEISEL, John. **Inquiry by design**: Environment/behavior/neuroscience in architecture, interiors, landscape and planning. Rev. ed. New York, London: W.W. Norton & Company, 2006. 400 p.

ZHAI, Y.; BARAN, P. K. Urban park pathway design characteristics and senior walking behavior. **Urban Forestry & Urban Greening**, [S.L.], v. 21, p. 60-73, 2017. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ufug.2016.10.012>.

APÊNDICES

A – Protocolo da revisão sistematizada de literatura

B – Roteiro das entrevistas

APÊNDICE A – Protocolo da revisão sistematizada de literatura**PROTOCOLO DA REVISÃO SISTEMATIZADA DE LITERATURA**

((caminhar **OR** caminhada **OR** "deslocamento a pé" **OR** andar **OR** walking **OR** "walking behavior")

AND

("espaço público" **OR** "ambiente urbano" **OR** paisagem **OR** "urban environment" **OR** "urban landscape")

AND

(idoso **OR** "pessoa idosa" **OR** elderly **OR** "older adult"))

APÊNDICE B – Roteiro das entrevistas

1. Gênero:
 - a) Masculino
 - b) Feminino
2. Qual sua idade? _____
3. Estado civil:
 - a) Casado (a)/ União estável
 - b) Viúvo (a)
 - c) Solteiro (a)
4. Com quem vive:
 - a) Esposo (a)/ companheiro (a)
 - b) Filho (a) (s)
 - c) Sozinho (a)
 - d) Outro. _____
5. Em qual bairro você reside:
6. Você possui alguma dificuldade de locomoção ou alguma dificuldade de movimento ou alguma deficiência? Se sim, Qual?
7. Você utiliza de algum equipamento técnico de ajuda como muleta, aparelho auditivo, andador, óculos etc.?
8. Você costuma caminhar? Se sim, com qual objetivo você caminha? (Com o objetivo de se deslocar até algum lugar, fazer alguma compra ou com o objetivo de lazer, fazer atividade física?)
9. Você acha que, normalmente, quando você caminha, quanto tempo você caminha? E quantas vezes por semana você costuma caminhar? Você gostaria de caminhar mais? Por quê?
10. Quando falamos em espaços abertos ao ar livre nas cidades (a rua, a praça, o parque, a praia), onde você gosta de caminhar? Por quê? (No caso de praça ou parque ou praia, como você chega até lá? Você vai de carro ou andando? Por quê?)
11. Quando você está andando em um espaço aberto ao ar livre na cidade, quais aspectos e características desse espaço e dessa paisagem que você observa quando caminha que você se recorda como positivos e que te fariam caminhar mais? Por quê?
12. Agora, quais aspectos e características desse espaço e dessa paisagem que você observa quando caminha que você se recorda como negativos e que te fariam caminhar menos? Por quê?
13. Descreva o que você considera/consideraria uma paisagem prazerosa/agradável para andar: E como seria a paisagem desagradável, que você não goste de caminhar por ela?
14. Quando você caminha, como são as calçadas deste percurso?
15. Você quer deixar alguma outra contribuição sobre esse assunto?